Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras

ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

SARAH MARIA LACERDA

ARGUMENTAÇÃO EM DISSERTAÇÃO ESCOLAR SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL, EM FORTALEZA – CE: ANÁLISE DE CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS E IDENTITÁRIAS

PAU DOS FERROS
2017

SARAH MARIA LACERDA

ARGUMENTAÇÃO EM DISSERTAÇÃO ESCOLAR SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL, EM FORTALEZA – CE: ANÁLISE DE CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS E IDENTITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Doutor Gilton Sampaio Souza

PAU DOS FERROS

2017

ARGUMENTAÇÃO EM DISSERTAÇÃO ESCOLAR SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL, EM FORTALEZA – CE: ANÁLISE DE CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS E IDENTITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Dissertação defendida e aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Orientador

_____

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Examinadora Interna

_____

Profa. Dra. Maria Eliane Souza da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (IFRN)
Examinadora Externa

_____

Prof. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Suplente

Ao Sr. Lacerda (in memorian),

Meu pai, que mesmo esteve presente em todos os momentos em que precisei do seu colo, visto que sempre acreditava em meus estudos.

A Sra. Nozinha,

Minha mãe, que sempre me deu força para recomeçar e, sempre, seguir em frente.

A Marcus Filho,

Meu amado companheiro, que nunca me deixou fraquejar e sempre acreditou que eu possuía uma capacidade que eu mesma desconhecia.

A Meus Filhos,

por existirem e me fazer aprender tato.

***A Deus**, pela vida, coragem e determinação dada a mim, para a conclusão de mais essa etapa.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao realizar esse trabalho, pensei iniciar os agradecimentos de mais essa conquista acadêmica e, refletindo sobre os fatos ocorridos nesses um ano e meio, a princípio, não conseguia escrever, pois à minha memória chegavam lembranças de todas as dificuldades passadas, assim como das alegrias vividas. Mas, enfim, queria escrever. Então, comecei a recordar das pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho, pois nenhuma conquista é mérito a ser construído e a ser degustado sozinho.

Dessa forma, reconheço que a conclusão desse mestrado também se deve ao apoio de muitas pessoas especiais. Obrigada a cada uma, por fazer com que eu não desistisse de buscar e de evidenciar o que há de melhor em mim.

Em especial

A **Deus**, a quem devo, acima de tudo e de todos, todas as vitórias conquistadas, assim como devo a vida.

À minha família, principalmente meu pai, Seu Lacerda, que mesmo analfabeto, acreditava no poder das palavras e incentivou cada filho à leitura e ao ingresso na Universidade.

Aos colegas de mestrado em geral, que participaram da mesma caminhada.

Aos meus queridos mestres **Lúcia Pessoa**, **Socorro Maia, Crígina Cibele, Luciano Pontes**, **Marcos Nonato**, **Rosângela Vidal**, **Edileuza Costa**, **Constantin Xypas**, e, claro, de modo especial ao meu orientador **Gilton Sampaio**, que me iniciou aos estudos da Nova Retórica, assim como me orientou a transformar palavras em dissertação de mestrado. A ele, meu muito obrigada por todo conhecimento, paciência e apoio oferecido!

A meu esposo, Marcus Filho, a quem divido esse momento e certificado. Ele que incansavelmente me acompanhou em todas as viagens dessa maratona, segurou em minha mão e não me deixou fraquejar, em momento algum.

À **banca examinadora da qualificação e da defesa**, pela disponibilidade.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro durante esses dois anos de pesquisa.

Ao **PROFLETRAS**, de maneira geral, representado em todos os professores, secretários e coordenadores, por contribuir significativamente com a minha prática

enquanto professora de Língua Portuguesa, colaborando, consequentemente, para a melhoria da educação básica de minha escola e meu município.

A **todos** que contribuíram direta ou indiretamente para o andamento e concretização desse trabalho!

LISTA DE ABREVIATURA

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
CAMEAM - Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPERN - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte
GPET - Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto
PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras
UFC – Universidade Federal do Ceará
USP – Universidade de São Paulo
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
EMED – Escola Municipal Elisiário Dias
MEC – Ministério da Educação
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
RN - Rio Grande do Norte
AD- Análise do Discurso
TA- Tratado de Argumentação
TD – Transposição Didática

LACERDA S. M. **ARGUMENTAÇÃO EM DISSERTAÇÃO ESCOLAR SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL, EM FORTALEZA – CE: ANÁLISE DE CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS E IDENTITÁRIAS.** Pau dos Ferros, 2017, 198 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em rede nacional). Programa de Pós-Graduação em Letras, *Campus* Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia", Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

RESUMO

Os estudos desta pesquisa se propõem a analisar os processos argumentativos utilizados por oradores/alunos para representar a identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza - CE. Para tanto, propusemos um projeto de intervenção no ensino de produção de textos sob a perspectiva da Nova Retórica na argumentação, por acreditarmos que a argumentação é um pilar que constitui a linguagem. Os objetivos da pesquisa são verificar as teses apresentadas por os oradores; (ii) investigar as técnicas utilizadas a fim de sustentar os argumentos utilizados; (iii) analisar as teses e os valores explicitados no discurso; (iv) comparar as versões; e (v) verificar como o ensino dos processos argumentativos, na perspectiva da Nova Retórica potencializou a produção textual dos alunos. Nos aspectos metodológicos, serão analisados textos de alunos do 8º ano de uma escola pública, observando como eles reconstroem o discurso sobre a representação da identidade do bairro Granja Portugal, em dissertações escolares, produzidas com base em sequências didáticas. As bases teóricas advêm da Nova Retórica (PERELMAN, OLBRECTH-TYTECA, 2005) e dos estudos sobre ensino de língua materna (GERALDI, 1991, entre outros). Além destes, fundamentamo-nos sobre identidade social em autores como Bosi (2003) e Hall (1999). Nosso trabalho envolve ações de intervenção, interpretação e pesquisa em sala de aula, produções textuais com base na representação social do bairro Granja Portugal e análise da argumentação presente nessas produções. Na análise realizada, percebemos que as teses defendidas estão relacionadas principalmente ao bem estar e a comodidade que o bairro oferece, visto que foi salientado nos textos produzidos os equipamentos urbanos presentes no bairro. Percebemos, entre outros aspectos, que os alunos mobilizam diferentes tipos de argumentos na defesa por suas teses, destacando-se o emprego de argumentos baseados na estrutura do real, por ligações de sucessão. Concluímos que os alunos argumentam em defesa de suas teses, principalmente quando o conteúdo temático dos textos está próximo de sua realidade e, por isso, ressaltamos a escolha da dissertação escolar, como gênero base para nossos propósitos. Acreditamos trazer, com esta pesquisa, contribuições para os estudos sobre argumentação em produções textuais no Ensino Fundamental, bem como contribuições para a valorização da cultura local da cidade de Fortaleza, CE, através do resgate e estudo de um representação social. Assim como acreditamos que, com esse trabalho, possamos contribuir para o ensino da produção textual, entender como os alunos constroem discursiva e argumentativamente o bairro no qual residem e como este bairro se apresenta nas identidades construídas nas dissertações escolares.

Palavras-Chave: argumentação. nova retórica. produção textual. ensino. identidade.

LACERDA S. M. **ARGUMENTATION IN SCHOOL DISSERTATION ON THE PORTUGAL GRANJA DISTRICT, IN FORTALEZA - CE: ANALYSIS OF ARGUMENTATIVE AND IDENTITY CATEGORIES.** Pau dos Ferros, 2017, 198 f. Dissertation (Professional Master's in Literature in national network). Postgraduate Program in Literature, Advanced Campus Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia", State University of Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

The studies of this research propose to analyze the argumentative processes used by speakers / students to represent the social identity of the Granja Portugal neighborhood in Fortaleza-CE. For this, we proposed a project of intervention in the teaching of text production from the perspective of the New Rhetoric in argumentation, because we believe that argumentation is a pillar that constitutes language. The objectives of the research are to verify the theses presented by the speakers; (Ii) investigate the techniques used to support the arguments used; (Iii) analyze the theses and the values explicit in the discourse; (Iv) compare the versions; And (v) to verify how the teaching of argumentative processes, in the perspective of the New Rhetoric, enhanced the students' textual production. In the methodological aspects, texts of 8th grade students from a public school will be analyzed, observing how they reconstruct the discourse on the representation of the Granja Portugal neighborhood identity, in school dissertations, produced based on didactic sequences. The theoretical bases come from the New Rhetoric (PERELMAN, OLBRECTH-TYTECA, 2005) and studies on mother tongue teaching (GERALDI, 1991, among others). Besides these, we are based on social identity in authors like Bosi (2003) and Hall (1999). Our work involves actions of intervention, interpretation and research put into the classroom, textual productions based on the social representation of the Granja Portugal neighborhood and analysis of the arguments present in these productions. In the analysis performed, we noticed that the theses defended are related mainly to the well being and comfort that the neighborhood offers, since it was emphasized in the texts produced the urban equipments present in the neighborhood. Among other things, we perceive that students mobilize different types of arguments in defense of their theses, highlighting the use of arguments based on the structure of the real, by succession links. We conclude that students argue in defense of their theses, especially when the thematic content of the texts is close to their reality and, therefore, we emphasize the choice of the school dissertation, as a base genre for our purposes. We believe that this research will contribute to the studies about argumentation in textual productions in Elementary School, as well as contributions to the valorization of the local culture of the city of Fortaleza, CE, through the rescue and study of a social representation. Just as we believe that with this work, we can contribute to the teaching of textual production, to understand how students construct discursively and argumentatively the neighborhood in which they reside and how this neighborhood presents itself in the identities constructed in school dissertations.

Keywords: argumentation. New rhetoric. text production. teaching. identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -Dificuldades identificadas e intervenções sugeridas 73
Quadro 02 – Módulos para intervenção didática 76
Quadro 03 – Quadro de valores e suas justificativas 83
Quadro 04 - Quadro de teses, valores e natureza dos argumentos 109
Quadro 05 - Quadro de teses, lugares, valores e natureza dos argumentos 111
Quadro 06 – Quadro comparativo entre as categorias da primeira e da segunda produção 115

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 13

1.1 Foco de estudo e delimitação do tema 13

1.2 A justificativa e a pertinência da pesquisa 14

1.3 Objetivos e questões de pesquisa 22

1.4 Orientação teórica e estado da arte 23

1.5 Estrutura e a organização da dissertação 26

2 CAPÍTULO TEÓRICO 29

2.1 Argumentação: da retórica antiga à nova retórica 29

2.1.1 A argumentação 29

2.1.2 A retórica antiga e o uso de argumentos 30

2.1.3 Argumentação no discurso: a nova retórica 31

2.1.3.1 A tese, na argumentação, como representação social do orador, o ethos 32

2.1.3.2 O acordo prévio 34

2.1.3.3 Os valores e suas hierarquias 36

2.1.3.4 As técnicas argumentativas e a natureza dos argumentos 39

2.1.4 Os lugares da argumentação 44

2.2 Representações sociais e identidade 46

2.2.1 O papel da memória na representação social de uma identidade 46

2.2.2 Identidade social 48

2.2.3 Os componentes, saberes e manifestações da representação social do lugar de memória 51

2.2.4 Inventário de valores na construção de uma identidade social 52

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: DA PRODUÇÃO DOS TEXTOS À CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* *55*

3.1 Questões pertinentes ao ensino de língua portuguesa na escola Regular 55

3.1.1 Dos documentos oficiais à prática de ensino em sala de aula 55

3.1.2 Argumentação em textos escritos: as relações de ensino-aprendizagem em língua portuguesa 58

3.1.3 Sequência e transposição didática: elementos fundamentais para um ensino produtivo 63
3.1.4 A dissertação escolar: de tipologia a gênero textual 65
3.2 Procedimentos metodológicos 68
3.2.1 Critérios de seleção e constituição do *corpus* 68
3.2.2 Análise de dados 70
3.2.3 Os sujeitos da pesquisa 71
3.2.4 A intervenção em sala de aula 72
3.2.5 Os trabalhos com a turma 76
3.2.5.1 Primeira etapa – Apresentação da situação 77
3.2.5.2 Segunda etapa – Produção inicial 86
3.2.5.3 Terceira etapa – O Módulo 01 87
3.2.5.4 Quarta etapa – O Módulo 02 91
3.2.5.5 Quinta etapa – O Módulo 03 92
3.2.5.6 Sexta e última etapa – Produção final 97
4 DISCURSO E IDENTIDADES NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS: ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL 99
4.1 A primeira produção: Os processos argumentativos presentes na representação da identidade social do bairro nas produções dos alunos 100
4.1.1 A representação da identidade social por categorias: Quadro-resumo com as categorias evidenciadas nas primeiras produções 109
4.2 Quadro – resumo das produções textuais elaboradas no segundo momento de produção: teses, lugares, argumentos e hierarquias de valores 111
4.3 Contribuições das oficinas para o desenvolvimento da produção textual: uma análise comparativa entre a primeira e a segunda produção 113
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 117
5.1 As constatações preliminares 117
5.1.1 A representação da identidade social evidenciada por categorias argumentativas 117
5.2 Diálogo com as questões de pesquisa 118
5.3 Contribuições da pesquisa com os estudos argumentativos 120

5.4 As contribuições do ensino de produção textual por categorias Argumentativas 122
5.5 Contribuições, impacto e propósitos do Profletras na melhoria do ensino Fundamental 124
REFERÊNCIAS.....126
ANEXOS 131

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Foco de estudo e delimitação do tema

Este trabalho **tem como foco analisar os processos argumentativos, utilizados pelos alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino, no gênero dissertação escolar, para apresentar as teses que retratam a identidade social do bairro Granja Portugal de Fortaleza - CE.** Dentre desses processos argumentativos, interessa-nos conhecer as categorias argumentativas utilizadas (técnicas, lugares e valores) para sustentar as teses apresentadas quanto à identidade do bairro. Dessa forma, propusemos assim, realizar esta pesquisa por meio de uma intervenção com o desenvolvimento de uma sequência didática[1] nas aulas de Língua Portuguesa na turma do 8º ano de uma escola pública.

Assim, mediante critérios de seleção que poderão ser vistos na seção que trata da metodologia desse estudo, temos um *corpus* constituído por 28 textos, sendo esses produzidos em dois momentos distintos, o primeiro que abrange a produção da versão inicial e o segundo quando ocorre a aplicação da última versão da produção textual, sendo que, ambas versões representam textos ancorados no gênero dissertação escolar, que trazem em comum produções textuais que tratam sobre a identidade do bairro.

Nosso olhar sobre estes textos segue um viés argumentativo, visto que a linguagem e as ações pressupõem a argumentação. E nessa perspectiva, a argumentação aqui trabalhada se apóia na Nova Retórica de Perelman,

[1] A sequência didática a ser utilizada se pautará na metodologia desenvolvida por Schneuwly e Dolz (2004), no que tange a definição do trabalho ser desenvolvido por um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Na visão dos autores, a sequência didática tem a finalidade de ajudar os aprendizes a dominar um gênero textual oral ou escrito (em nosso estudo, escrito) conduzindo-os de modo que possam adequar a língua oral ou escrita aos diferentes contextos de uso. Nesse aspecto, cabe ressaltar o papel da sequência didática que, conforme Cristovão (2009, p. 2), consiste em "proporcionar um conjunto de atividades que propicie a transposição didática adequada de conhecimentos sobre os gêneros ao mesmo tempo em que explore a esfera de circulação dos textos produzidos". Dentro dessa perspectiva, as sequências são elaboradas e planejadas seguindo uma ordem, a qual Schuneuwly e Dolz (2004, p. 83) denominam "estrutura de base". No desenvolvimento da estrutura de base em nosso trabalho, alguns aspectos foram adaptados. (VER EM PROCEDIMETOS METODOLÓGICOS).

especificamente em Perelman e Tyteca (2005), estudos esses que nos subsidiaram para assim analisarmos as categorias argumentativas e as técnicas discursivas utilizadas na tecitura dos argumentos nos textos analisados. Dentro da esfera argumentativa, trazemos, também, as contribuições de Reboul (2004), Souza (2008), Abreu (2009) e Fiorin (2015).

Para dar suporte à analise argumentativa, concebemos a linguagem numa visão sociointeracionista, conforme prevê Bakthin (1992),e nos respaldamos para as questões linguísticas nos estudos da Linguística Aplicada em Marcuschi (2002), Celani (2002) e Travaglia (2009); em Schuneuwly e Dolz (2004), utilizamos a definição de sequência didática e ensino produtivo em produções textuais; em Bosi (2003), Duffor (2003), Hall (1999) e Halbwachs (1990), discussões relacionadas à memória e à identidade; em Chevallard (1991), experiências sobre a didatização dos conteúdos e em Guedes (2002), Leal (2006),Ticono (2011), e em Köche (2013), a definição do gênero textual dissertação escolar.

A fim de dar consistência científica a este trabalho, buscamos seguir as observações sugeridas em Gil (2010), Markoni e Lakatos (2014), entre outros.

1.2 A justificativa e a pertinência da pesquisa

A nossa pesquisa foi motivada por três situações distintas, no entanto, próximas quanto à realidade docente. A primeira delas é o trabalho com o texto, especificamente **com o processo da produção textual, e não apenas com o produto pronto e acabado.** O trabalho com o texto sempre nos causou inquietações, haja vista que sua existência permite uma plurissignificação de sentidos. **Dessa forma, analisar o processo da produção textual é primordial para o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Em nossa pesquisa, analisamos esse processo observando as categorias argumentativas mobilizadas pelo orador (aluno).**

No entanto, é comum no contexto escolar, o tratamento dado ao texto se apresentar voltado apenas para o produto final. O processo, a maneira como esse aluno vai se apropriando e organizando os conhecimentos de mundo, geralmente, ocorre com pouca frequência. Vir a conhecer as técnicas argumentativas utilizadas pelos oradores no processo de produção escrita, assim como os lugares de

argumentação e, consequentemente, os valores, no gênero dissertação escolar, foi apenas uma parte da análise de uma complexa ”tecitura” no processo de produção textual a qual nossa pesquisa não pretende alcançar.

A segunda situação advém do interesse que nutrimos por textos lingüísticos. Por nos interessarmos em fatos dessa natureza, nosso trabalho, também, **visa tratar das possibilidades de escolhas linguísticas do orador como, por exemplo: i) valor que ocupa o topo da hierarquia, ii) as teses que sustentam os valores explicitados nos textos e, por ultimo, iii) a natureza dos argumentos que os oradores que utiliza para validar seu ponto de vista.**

Essa perspectiva nos levou a outra observação, a de considerar graus de argumentação e de argumentatividade. A primeira inerente a linguagem, enquanto a segunda se tornando visível em um projeto de argumentação. Nessa perspectiva, entendemos que a utilização da linguagem sempre comporta uma dimensão argumentativa, mesmo quando não se trata de um projeto assumido como tal no discurso do orador, ou que não haja categorias perceptíveis de forma clara e imediata na materialidade discursiva.

Quanto à dimensão da argumentatividade, reconhecemos que a comunicação estabelece um projeto de adesão entre o orador e seu auditório. Assim, a intenção argumentativa, refere-se ao desenvolvimento de categorias de persuasão do auditório e validação de um determinado ponto de vista.

Consideramos importante destacar, a partir do que fora discutido, que a argumentação se manifesta nos mais variados gêneros textuais, desde aqueles que pertencem a esfera argumentativa, até aqueles que se materializam em outras tipologias textuais. Por conseguinte, optamos por trabalhar com a argumentação na perspectiva da Nova Retórica para assim ser possível analisar os processos argumentativos elencados por o orador, a fim de constituir o discurso, no qual se encontrarão representados os valores que constituem a identidade do bairro vista por eles.

É de conhecimento daqueles que trabalham com pesquisa científica, que as questões sobre a investigação científica é uma das formas de interpretar o mundo e, por esse motivo, resolvemos tecer alguns questionamentos a fim de delimitar um método científico para que seja possível alcançar os objetivos da pesquisa, fora do senso comum. Um deles é salientar os métodos utilizados na construção deste trabalho. Acordamos em utilizar o método **qualitativo e o método quantitativo**. O

primeiro, na análise dos textos da primeira e da segunda produção textual, enquanto o segundo, o método quantitativo, foi utilizado ao final, em uma análise comparativa de cinco textos de mesmos oradores, verificando assim, o que modificou entre uma versão e outra. **Veremos mais sobre esse processo de construção do objeto de estudo no terceiro capítulo, denominado Metodologia de pesquisa.**

A terceira e última situação vem explicar o interesse em trabalharmos a identidade escolar para subsidiar a proposta de intervenção de nossa pesquisa, que se baseou na relação entre identidade social e currículo escolar ser fundamental para a construção e manutenção de outra identidade, a escolar. A abrangência da significação do aprendizado escolar está vinculado a temporalidade do conhecimento (estudar pra que e por quê) e, por extensão, à cultura presente no cotidiano dos alunos e demais profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Destarte, do ponto de vista pedagógico, parte-se da conjectura de que a formação educacional em toda sua amplitude deve contemplar o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e consciência da necessidade de uma educação permanente. Sendo assim, esta pesquisa poderá contribuir para a compreensão das necessidades educacionais do processo ensino- aprendizagem bem como a importância da prática do currículo na sociedade escolar. Silva (2001, p.72), defende que “A organização do currículo obedece a um princípio abrangente ao qual se subordinam todas as áreas que o compõem.”

Essa característica de natureza curricular possibilitará o desenvolvimento do trabalho sem prejudicar a dinâmica de estudos da turma. A oferta de um processo de construção de conhecimento, que envolva a pesquisa, uma seleção de conteúdos educacionais diferenciados, que foram compartilhados pela pesquisadora, além de valores e metodologias coma pretensão de dinamizar o currículo e dar significado a prática educativa foram pontos relevantes dessa pesquisa. Mesmo assim, devemos ressaltar que o nosso trabalho não tem o objetivo de chegar à exaustão quanto às questões sobre currículo escolar (até porque não é o foco dessa pesquisa), no entanto, entendemos que conhecer os valores que subsidiam a comunidade escolar é uma maneira de melhor atendê-la quanto ao currículo ofertado pela escola. A seguir, abordamos mais questões sobre o trabalho que envolve a categorização da identidade social do bairro e o currículo, sendo que a primeira temática foi utilizada para construção do objeto de estudo (as produções textuais), enquanto a segunda temática

será abordada como tópico de contribuição para o currículo no ensino de produções textuais em textos argumentativos.

A primeira idéia em trabalhar com esse projeto de pesquisa envolvendo **a identidade social do bairro como assunto para subsidiar o trabalho com a argumentação partiu do fenômeno que, particularmente, nos incomodava nas aulas de Língua Portuguesa** e em outros momentos de socialização com os alunos no ambiente escolar, quanto à identificação social dos alunos pertencentes ao bairro em que vive.

Nossa escola está situada no bairro Granja Portugal, zona de fronteira com outros três bairros, Conjunto Ceará, Bom Jardim e Bom Sucesso. A maioria dos alunos que frequenta essa escola reside no bairro Granja Portugal. A escola, também, recebe alunos dos bairros vizinhos, no entanto, entanto uma pequena quantidade representa essa parcela da clientela. Não se sabe se devido à convivência com alunos de outros bairros ou a uma rotulação pré-definida pela mídia, quanto à identidade social desses bairros, os alunos representem identidades socais diferenciadas e, consequentemente, valores diferentes.

Na convivência escolar foi possível perceber que, quando um aluno quer impor medo nas relações interpessoais com o colega ou professor declarar “Eu moro é no Bom Jardim”, se quer apresentar um padrão social melhor, geralmente, afirmam morar no Conjunto Ceará, outros que moram próximo ao rio Maranguapinho, apontam que moram no Bom Sucesso e aqueles, que moram bem próximo à escola, é comum, declararem residir na Granja Portugal. A distância geográfica entre os limites dos bairros com a escola é um aspecto relevante, em alguns casos, mínimas, em outros, bem mais distante. (conferir anexos 01 e 02)

É consenso entre alguns pesquisadores e comunidade escolar que o espaço escolar se constitui de um importante local de construção e reconstrução de saberes, em especial, em nossa proposta, na identificação dos valores permeados à identidade social do bairro, pois assim, devido aos valores representados pelos espaços, os alunos acreditam fazer parte de uma ou outra comunidade. **Diante desse fato, com esta pesquisa, além do propósito inicial de trabalhar os processos argumentativos, podemos apresentar, como contribuição ao ensino, quais aspectos são potencializados no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa em produção de textos do gênero dissertação escolar a fim de construir uma identidade social e quais técnicas argumentativas e lugares da**

argumentação são utilizados pelos oradores para evidenciar os valores que constituem tal identidade, e à escola, qual identidade social é representada pelo aluno.

Com essa pretensão recorremos a Berger e Luckmann (1996, p. 230) que afirmam que "a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre indivíduo e sociedade" e a escola é um espaço importante para a confluência dessas categorias. Dessa forma, acreditamos que aluno precisa dar significado ao aprendizado escolar, visto que, esse espaço vivencia na atualidade novas rupturas e novas configurações requeridas por novas necessidades sociais. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases, de número 9394/96[2], a instituição escolar deve conhecer sua comunidade, seus saberes implícitos e explícitos, para que assim, possa assisti-la, e esse é um dos motivos que nos levaram a utilizar a identidade como temática nas produções textuais que serviram de objeto de análise.

Por conseguinte, a fim de seguir com nossa investigação, partimos da premissa que todo ato linguístico retém uma intenção comunicativa e, dessa forma, os oradores se utilizam de categorias argumentativas para assim evidenciar suas intenções, as quais, em nossa pesquisa, se apresentam nas representações da identidade social do bairro. Dentre as categorias argumentativas, as técnicas argumentativas de acordo com Perelman e Oldebrechts - Tyteca (2005) têm o objetivo de levar os interlocutores a aderirem ao nosso ponto de vista, visto que são fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal. Nelas estão presentes os lugares de argumentação, "premissas de ordem geral utilizadas para reforçar a adesão a determinados valores." (ABREU, 1999, p. 79). O lugar comum de nossa pesquisa, o mais evidente entre os lugares de argumentação, retrata a violência do bairro como aspecto inerente a sua identidade. No entanto, outras categorias nos levam a constatação de outros lugares, deste modo, evidenciados por valores atribuídos por os oradores, os sujeitos da pesquisa.

Deve ressaltar que a hierarquia de valores que constroem a identidade social do bairro Granja Portugal além, de fazer parte da construção do objeto de análise, ao final, representa a identidade "vista por dentro", ou seja, pelos sujeitos que compõem aquela comunidade. Os autores mencionados no parágrafo

[2] Lei de Diretrizes e Bases doravante (**LDB**), lei sancionada em 1996 que define e regulariza a organização da educação brasileira com base nos princípios presentes na Constituição Federal do Brasil.

anterior afirmam que a hierarquia de valores denota princípios sociais comuns a determinado grupo social, a determinado grupo social, sendo que, o que pode variar entre seus pares é a forma que eles estruturam esses valores.

Em nosso trabalho, a hierarquia de valores não somente explicitou a identidade social "vista por dentro", ou seja, aquela representada por os sujeitos da pesquisa, alunos do 8º ano C de uma escola pública da rede municipal, como também, esteve na incumbência de aportar os recursos argumentativos utilizados para representar a identidade social do bairro.

Com esse pensamento, a proposta constitui uma reflexão a fim de redirecionarmos nossas ações pedagógicas frente ao trabalho com a produção de textos escritos, em nosso caso especifico, em dissertações escolares.

Apoiados nessa visão, e analisadas as linhas de pesquisa ofertadas pelo curso, percebemos que nossos questionamentos estariam vinculados à linha de "Leitura e Produção Textual": diversidade social e prática docente, pois segundo a Capes, nessa linha de pesquisa estão inseridos trabalhos e estudos que se voltem para o ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual, o que é nosso caso, uma vez que trabalhamos com o gênero textual dissertação escolar.

Depois de vinculados a uma linha de pesquisa, decidimos que nossos questionamentos poderiam encontrar nos estudos da argumentação suporte, tanto para análise dos textos quanto à ampliação do nível de qualidade desses textos, para que assim nossos alunos pudessem escrever de forma autônoma e consciente conforme está em Brasil (1998) que orienta o currículo de ensino no país e cuja construção foi fundamentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a lei 9394/96.

Para por em prática nosso trabalho, consideremos os escritos de Chevallard (1991) que defende a apresentação de um ensino baseado em um estudo empírico para potencializar o êxito no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de escolarizar situações para provocar o conhecimento. A idéia parte da necessidade de escolarizar alguns conteúdos e assuntos, ao adaptar o conhecimento quando se trata de ensiná-lo. O termo transposição didática[3], da teoria de Chevallard, se ocupa dos

[3] A Teoria da Transposição Didática se remete a Yves Chevallard que põe em evidência o fato de que a disciplina escolar não é um conhecimento científico, mas parte dele e, além disso, modificada. Por outro lado, é mais do que ele, porque abarca, também, os procedimentos para o seu ensino. CHEVALLARD, Y. La ***Transposition Didactique: Du Savoir Savant au Savoir Ensigné.*** Grenoble, La pensée Sauvage, 1991.

saberes que circulam o contexto escolar, propondo um processo de ensino-aprendizagem em dois momentos, em nosso caso, o primeiro será a aplicação situada do objeto de aprendizagem – o resgate de memórias do bairro para representação de uma identidade social – e o segundo, a didatização do conteúdo no ambiente escolar – as oficinas de produção textual as quais d**evem ressaltar a hierarquia de valores, as categorias argumentativas utilizadas pelos oradores para defender as teses que representam a identidade social do bairro.**

Por questão de familiarizar os alunos ao que será trabalhado, tomamos a contribuição ofertada pelos PCNs de Língua Portuguesa (doravante LP) no capítulo que tratar sobre o "Tratamento Didático dos conteúdos" aborda o trabalho dos conteúdos de LP da seguinte forma:

> Há estreita relação entre o que e como ensinar: determinados objetivos só podem ser conquistados se os conteúdos tiverem tratamento didático específico. A questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece. A própria definição dos conteúdos já é, em si, uma questão didática que tem relação direta com os objetivos colocados. (PCN, 1997, p. 65)

A partir dessa premissa proposta pelos PCNs de LP, iniciamos o trabalho com os alunos, pautando gradativamente as três categorias de estudo: análise das técnicas, dos lugares e dos valores na argumentação. Algumas questões se apresentam bem evidentes para a realização de nossa pesquisa, tais como: o tempo (prazo e flexibilização), o compromisso e o envolvimento dos alunos com as atividades a serem desenvolvidas, o propósito de trabalho com o gênero escolhido e com as categorias da argumentação, assim como, a importância de sua aprendizagem para o desenvolvimento da competência de escrita em LP, a inter-relação das práticas de uso da linguagem no gênero dissertação escolar, a linguagem como prática social e por fim, (não que, aqui, se encerrem essas questões) o caráter interdisciplinar da linguagem e o seu diálogo com temas transversais[4].

Dessa forma, para transpor elementos da realidade para a sala de aula necessita de um tratamento didático ao conteúdo e, o passo a passo dessa construção poderá ser visto na metodologia da pesquisa.

[4] Temas transversais são áreas de ensino indica nos PCNs, como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo

Mencionadas nossas situações reflexivas, como docente, as quais constituíram a nossa justificativa para esse trabalho, acreditamos ser adequado colocarmos a relevância que esta pesquisa tem para o ensino de LP.

A princípio, este estudo tem relevância direta para o ensino de LP no âmbito escolar, devido às análises realizadas, quanto aos processos argumentativos utilizados nos textos com o gênero dissertação escolar, tanto na primeira versão da produção textual quanto na segunda, após conhecimento e reconhecimento dos processos argumentativos pelo aluno.

A segunda contribuição para o ensino, dessa vez de forma indireta, é a importância que a argumentação tem para a racionalização do saber, ou seja, a língua como instrumento na comunicação, visto que tudo que é posto em forma de discurso é passível de argumentação, negação ou validação por processos argumentativos.

É uma pesquisa, também, relevante por estarmos colaborando significamente para o Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto da UERN, especificamente à Linha de Pesquisa “Estudos de Processos Argumentativos” que contribui para ampliar os estudos argumentativos no país. Assim posto, porque se o estudo da argumentação sob a égide da Nova Retórica de Perelman é redundantemente novo, a argumentação em gêneros de outras tipologias além da tipologia dissertativa - argumentativa, especificamente em dissertação escolar, pode ser considerado pré-embrionário.

E por fim, nosso estudo, do mesmo modo, abre espaços, para que sejam reavaliadas e refletidas algumas práticas pedagógicas para o ensino da língua, uma vez que, abordamos a construção do sentido de um texto como produto das relações entre as partes que constituem esse texto, assim como um processo, visto às condições e propósitos comunicativos que vão sendo construídos e reconstruídos.

Apresentados o foco de nosso trabalho e a pertinência desse para o ensino de Língua Portuguesa, trataremos no tópico seguinte sobre os objetivos e as questões de pesquisa.

1.3 Objetivos e questões de pesquisa

Considerando o que diz Paulo Freire (1987, p.13) sobre os sentidos estabelecidos pela palavra, “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”, esta investigação com textos produzidos pelos alunos 8º ano de uma escola pública do bairro Granja Portugal do município de Fortaleza-CE nos permite **analisar**, no processo de produção textual da dissertação escolar, **as categorias argumentativas utilizadas pelos oradores para defender as teses que representam a identidade social do bairro, sendo esse nosso objetivo geral**.

Considerando a natureza das categorias argumentativas, na perspectiva da Nova Retórica em textos escritos no gênero dissertação escolar, nos propomos a trabalhar com os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Reconhecer as teses presentes nos textos produzidos pelos alunos ao representarem a identidade social do bairro GP;
- ✓ Estabelecer, a partir das produções textuais, a hierarquia de valores que representam a identidade social do bairro GP;
- ✓ Reconhecer os lugares da argumentação utilizados para evidenciar os valores que representam a identidade social do bairro GP;
- ✓ Comparar os processos argumentativos utilizados entre a primeira e a segunda versão do gênero dissertação escolar;
- ✓ Promover uma melhor escrita do gênero dissertação escolar quanto à estrutura e à exposição de argumentos;
- ✓ Contribuir para a formação do currículo escolar, visto que nos textos se espera encontrar a identidade social do bairro do qual a comunidade escolar faz parte.

A proposição desses objetivos foi respaldada na seguinte questão: **No processo de produção textual da dissertação escolar, quais categorias são utilizadas para evidenciar a identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza – CE?** Como desdobramento dessa questão, outros questionamentos são pertinentes, tais como, **quais lugares são mais recorrentes para explicitar os valores que evidenciam a identidade do bairro**? E, por último, **se a proposta de**

intervenção promoveu uma melhor escrita do gênero dissertação escolar quanto à estrutura e à exposição de argumentos.

Dessa forma, considerando os objetivos a que nos propomos com este estudo, dada às questões que os envolvem e os caminhos que percorremos para atingi-los, podemos colocar nossa pesquisa como uma investigação interventivo-interpretativa, visto que interpreta a realidade a partir de uma intervenção, o que atende prontamente ao artº 3 da Resolução nº 001/2014, que estabelece diretrizes para a pesquisa no Profletras e no trabalho final desse curso.

1.4 Orientação teórica e estado da arte

Para fundamentar nossa discussão, procedemos com um estudo seguindo correntes teóricas que contemplem discussões dentro de nossa mesma temática. Conforme já evidenciado no subtópico 1.1, nosso olhar sobre estes textos seguem um viés argumentativo, visto que a linguagem e as ações pressupõem a argumentação.

Dessa forma mais específica, como nosso objetivo é analisar os processos argumentativos utilizados por oradores para apresentar as teses que retratam identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza-CE, seguiremos com as discussões em torno da Nova Retórica, proposta especificamente por Perelman e Tyteca (2005). Além desses, também, recorremos a estudos que trabalham questões relacionadas a argumentação em sala de aula, dentre os quais, destacamos Guedes (2002), Leal (2006) e Ticono (2011) que nos ajudam a justificar nossa opção em direcionar o enfoque de nosso estudo pelos caminhos da argumentação na área do ensino.

Os estudos que envolvem a argumentação na perspectiva de retórica e persuasão são tão antigos quanto à história da Grécia, mas estudos que relacionam a natureza dos argumentos à validação das teses propostas pelo o orador têm em Perelman o seu precursor, e a Nova Retórica como linha de estudos relativamente recente, no entanto, notável.

O crescente interesse de pesquisadores pela argumentação “pode” se apresentar associado ao avanço das tecnologias da informação e da comunicação, que tem proporcionado grande impacto nas relações sociais; de outro lado, pode estar

vinculado à sociedade que, de certa forma, obedece. Todo esse jogo de poder que envolve a argumentação, a qual pode ser identificada nos meios de comunicação quando tenta convencer e persuadir a sociedade e que, de forma particular, pode ser também detectada no indivíduo, quando esse tenta não se deixar convencer ou, por outro lado, permite ser persuadido pelos meios de comunicação.

Partindo dessa premissa, tivemos a curiosidade em observar como se desenvolvem as pesquisas no campo da argumentação. As pesquisas em argumentação no campo do ensino, principalmente no que se refere ao ensino de texto/produção de texto se apresenta em menor destaque, se comparada às pesquisas em argumentação na língua, no campo jurídico e, - observação realizada com base em pesquisas no banco de dissertações e teses, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); poucos são os que se preocuparam em desenvolver pesquisas aos moldes da nossa, que procura compreender os sentidos do texto a partir dos processos argumentativos em dissertações escolares.

Diante da esfera científica na qual nossa pesquisa está inserida, processos argumentativos utilizados por oradores para apresentar as teses que retratam a identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza-CE, fizemos uma busca para esse estudo, como possibilidade de fonte de respostas desta investigação e, como resultado, encontramos raríssimos trabalhos dentro da grande área da argumentação que tivessem semelhança com o nosso e com as categorias da Nova Retórica. O que apresentamos a seguir não pode ser considerado como totalidade do que existe, é apenas uma parcela do que encontramos de mais recente e, acreditamos que estes achados sejam convergentes para fins de nosso aprofundamento teórico, sendo assim colocadas no mesmo direcionamento dos nossos estudos.

Dessarte, a título de ilustração, consideramos destacar os estudos de Souza (2003), que analisa o processo de (des)construção de sentidos sobre o Nordeste em discursos veiculados na mídia jornalística; estudos esses nos quais se utilizam as categorias da Nova Retórica.

Encontramos em Leal (2006) um estudo sobre categorias de argumentação adotadas por crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em textos escritos, no qual ele focaliza a natureza dos argumentos por elas utilizados com a finalidade de apresentar e defender ideias em textos orais e escritos; em Morais (2006), em um periódico intitulado *Que tipos de intervenção didática ajudam a desenvolver categorias*

argumentativas?, encontramos uma exposição de categorias que podem ser utilizadas para subsidiar o desenvolvimento da capacidade de elaborar argumentos; em Cabral (2011), encontramos no trabalho *A força das palavras*, contribuições de que tanto o ensino da argumentação quanto o da língua da portuguesa em geral, atribuem sentido à língua em uso, mais pelo sentido discursivo do que pelo contexto; em Köche (2010), temos, entre outras, valorosas contribuições, tais como, a afirmação de que o aprendizado das técnicas argumentativas nos gêneros do argumentar e do expor favorecem ao educando o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao uso da língua, permitindo, desse modo, a compreensão de como argumentar, quando se usa a escrita; e a inserção nas reais relações sociais de comunicação, seja através de textos orais ou escritos, como sujeito ativo de uma sociedade letrada.

Podemos, ainda, citar como exemplos de estudos voltados para a nossa temática ou próximos a ela, algumas pesquisas institucionais, promovidas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): “Os gêneros do discurso nas aulas de língua materna do Ensino Fundamental e Médio: um estudo sobre o ensino de leitura e produção de textos” (Souza, 2006), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN).

No programa de mestrado PROFLETRAS[5] da Unidade de Pau dos Ferros no Campus da UERN, há um grupo de discentes que trabalham com a argumentação, na perspectiva da Nova Retórica sob a orientação do professor Dr. Gilton Sampaio. Desse grupo de estudos, duas dissertações de mestrado nos chamaram atenção, a de Francinilda Lucinda Dantas, cujo título **CULTURA POPULAR E ARGUMENTAÇÃO SOBRE *A LENDA DA PEDRA DA MOÇA* NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL/RN: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA** e a de Núbia Cristina Pessoa de Queiroz com o título **ARGUMENTAÇÃO EM MEMÓRIAS LITERÁRIAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA,** ambas por tratarem de argumentação e produção textual. No entanto, nenhuma delas mesmo trabalhando com memórias, abordam a identidade social do bairro a partir de

[5] O Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), oferecido em rede nacional, é um curso de pós-graduação stricto sensu que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O programa tem como objetivo, a médio prazo, a formação de professores do ensino fundamental no ensino de língua portuguesa em todo o território nacional. A instituição que sedia o referido curso é a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, em Pau dos Ferros – RN.

uma perspectiva sócio-histórica do discurso construído nos contextos locais de atuação. Mesmo assim, a abordagem realizada pelos pesquisadores das estruturas argumentativas na perspectiva da Nova Retórica nos direcionou a analisar as teses, a natureza dos argumentos e a hierarquia de valores que defendem o ponto de vista explicitado pelos oradores.

Todos esses trabalhos revelam a importância de compreendermos e pesquisarmos a argumentação, levando em consideração que a compreensão dos processos argumentativos nos direciona a fazer com que o aluno extraia da linguagem os elementos que melhor conferirão sucesso aos propósitos comunicativos de suas asserções. Se considerarmos o gênero dissertação escolar, podemos dizer que nosso trabalho tem uma relevância especial, pois não encontramos estudos que tratem sobre os processos argumentativos que venham a contribuir para o desenvolvimento da produção escrita nesse gênero, assim como, não encontramos estudos que envolvam a produção desse gênero à percepção ou ao reconhecimento de uma identidade social dos partícipes de um bairro. Esse último implica em uma relação de pertencimento múltiplo que satisfaz a pré-requisitos necessários e indispensáveis para a construção do currículo escolar – trataremos desse assunto e de sua importância, de maneira mais específica, no segundo capítulo deste material. Este estudo se torna mais especial, pelo fato de que as dissertações do corpus de nossa pesquisa trabalham com a temática ***Meu bairro, um retrato pelas palavras****,* pois do nosso conhecimento não há nenhum registro de pesquisa com essa finalidade e com essas contribuições.

1.5 Estrutura e a organização da dissertação

Este estudo, fundamentado nas diretrizes que orientam o trabalho final de mestrandos do Profletras, tem em sua organização uma parte introdutória, um capítulo teórico, um capítulo metodológico, as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

Na parte introdutória, que constitui o primeiro capítulo, denominado *Considerações Iniciais*, apresentamos nossa pesquisa aos possíveis auditórios, informando-lhes o foco de estudo e o tema; as justificativas que nos colocaram na

condição de pesquisadores e o porquê de considerarmos este trabalho pertinente para a produção de conhecimento; os objetivos que respaldam as questões de pesquisa e norteiam a busca de soluções; o estado da arte, onde mostramos a situação em que se encontram os estudos argumentativos e, principalmente, os estudos argumentativos voltados para compreender os processos argumentativos em textos narrativas e em dissertações escolares. Para fechar o capítulo, temos este tópico que está lendo, que possibilita uma visão geral do que pode ser encontrado neste documento.

No segundo capítulo denominado da *Argumentação: Retórica Antiga à Nova Retórica,* trazemos um aporte recorte quanto ao estudo da argumentação desde os antigos até a perspectiva trabalhada por Perelman, suas semelhanças e distanciamentos. Este capítulo apresenta as bases empíricas de nosso trabalho. Nesse recorte, discutimos sobre alguns processos argumentativos, como as teses, técnicas e lugares da argumentação.

No terceiro capítulo, denominado *Metodologia da Pesquisa: da produção dos textos à constituição do "corpus"*, apresentamos o objeto de estudo deste trabalho, as dissertações escolares e seu contexto de produção, que a representação da identidade social do bairro; os procedimentos de pesquisa, que envolvem métodos e abordagens, o texto como base para o ensino de língua, especificamente, o ensino de produção textual a partir de sequências didáticas, a descrição da intervenção realizada em nossas aulas de língua portuguesa, a qual a partir dela obtivemos as produções textuais que constituem o *corpus;* os critérios e seleção do *corpus* e por fim, as categorias argumentativas que analisamos. Neste capítulo apresentamos teoricamente a nossa escolha em privilegiar o trabalho com o texto a partir do gênero, mais especificamente, o gênero dissertação escolar e as motivações nos fizeram optar a turma de 8º ano como os sujeitos da pesquisa.

No quarto capítulo, denominado *Os Processos Argumentativos Presentes nas Dissertações Escolares* apresentamos as análises que realizamos acerca do estudo da argumentação nos textos escritos pelos alunos, *corpus* de nossa investigação, começando pelos valores, as teses e os lugares da argumentação até chegar às técnicas que dão vida aos argumentos que promovem os efeitos de sentido no texto e assim, evidenciam e representam a identidade do bairro Granja Portugal, em Fortaleza – CE.

No quinto capítulo, denominado *Considerações Finais*, levamos ao conhecimento do nosso interlocutor quais foram às conclusões a que chegamos sobre as categorias argumentativas mobilizadas pelos alunos a fim de evidenciar a identidade social do bairro, uma identidade “vista por dentro”, vindo a estabelecer um diálogo com as questões de pesquisa propostas nesta investigação, bem como, apresentando contribuições da pesquisa para o ensino da língua portuguesa.

Em seguida, temos as referências bibliográficas que embasaram este trabalho, às quais também, oportunizam ao interlocutor, especialmente aqueles que tiverem interesse em aprofundar o conhecimento científico na área da argumentação no campo do ensino da língua, a terem um norte para iniciar o seu percurso. Por fim, temos os anexos, onde encontraremos os textos que serviram de *corpus* para esta investigação.

Seguimos então, a conhecer alguns aportes teóricos sobre a Argumentação neste capitulo que se inicia.

2 CAPÍTULO TEÓRICO

2.1 Argumentação: da retórica antiga à nova retórica

Neste capítulo, nos propomos a trazer uma breve discussão acerca dos estudos que envolvem o percurso dos estudos da Retórica em Aristóteles com sua obra que leva o mesmo nome, Retórica, Nova Retórica e os estudos da Argumentação, assim postulada depois dos estudos de Perelman e uma publicação do Tratado da Argumentação escrito por ele e sua colaboradora Lucie-Olbrechts Tyteca em 1970, na Bélgica, vem contrariar as ideias positivistas às quais dizem que sempre é possível demonstrar a veracidade de alguns fatos e de proposições lógico-matemáticas; propondo que é possível, também, atribuirmos juízo de valor em nossas proposições. Colocando com isso, que a argumentação é fundamentada pela lógica dos valores, do razoável, do preferível e, não, por uma lógica formal.

Perelman e Tyteca (2005) defendem que para haver argumentação é necessário haver adesão dos espíritos. Para que isso ocorra, é necessário que utilizemos teses, nas quais estão os objetivos que pretendemos alcançar com nossa argumentação e sobre os quais, estão os argumentos que desencadeiam as ações.

Todo esse processo argumentativo só é possível, porque a linguagem, compreendida de forma não unívoca, promove a interação dos espíritos, a partir de um acordo em que lugares e técnicas argumentativas são utilizados como a ponte para a adesão.

Para um melhor entendimento, vejamos nos subtópicos a seguir algumas reflexões e definições sobre Argumentação, Retórica e Nova Retórica.

2.1.1 A argumentação

Por ser a linguagem meio fundamental para a interação entre os sujeitos, ela constantemente, se renova, seja para interagir com o mundo ou representá-lo.

Desde a Antiguidade, o homem se preocupa como sistematizar regras para uma comunicação eficaz. Aristóteles (384 – 322 a. C.) escreveu a arte Retórica, na

qual apresenta como um homem de seu tempo deveria se portar a fim de convencer seu auditório. Para ele, todo discurso carrega uma lógica argumentativa que o conduz e que pode ser utilizada para convencer sujeitos.

A Retórica surgiu em Atenas e foi criada pelos sofistas, que dominavam a arte de argumentar. Para eles, o mais importante era a capacidade de persuadir o outro de modo a acreditar em qualquer que fosse o seu ponto de vista, independentemente da verdade.

Para os sofistas, o verdadeiro sábio era aquele capaz de julgar as coisas segundo as circunstâncias em que elas se inserem, e não aquele que pretende expressar verdades absolutas. Porém, para os retóricos, havia apenas o verdadeiro ou falso, o bom ou o mau; ou seja, a teoria dos paradigmas, das verdades universais. O caráter axiológico da argumentação passou a ser estudado tempo depois e ganhou ênfase a partir dos estudos da Nova Retórica.

2.1.2 A retórica antiga e o uso de argumentos

Na Retórica Antiga, o orador deveria adaptar seu discurso a cada auditório, visto que se esse mudasse, mudaria toda a estrutura do discurso e consequentemente, a argumentação. Essas adaptações no discurso do orador demonstram a função principal da Retórica, que seria analisar as questões do cotidiano a fim de construir a defesa de uma opinião, sem ameaçar a lógica e a inteligência dos fatos. A lógica dos fatos não era o único preceito a ser observado, posto que a Retórica, mesmo como objeto de persuasão, não poderia enganar o auditório, estava ligada a uma ética de ordem social, devendo esclarecer aspectos sociais e preparar as pessoas para o exercício da cidadania.

Aristóteles acreditava que a persuasão é o resultado de um trabalho cuidadoso e cartesiano[6] do orador com o seu discurso a fim de validar sua tese e torná-la verdadeira.

[6] O conceito de razão cartesiana na Argumentação está relacionado ao Racionalismo Cartesiano de Descartes, no qual coloca a Razão no centro da analise, sem está apoiado no senso comum a fim de conhecer e estabelecer a verdade. A evidência cartesiana, para Aristóteles, não deixa espaços para qualquer discussão acerca dos argumentos.

A evocação do orador e os recursos de expressos na linguagem utilizada por ele deixavam o texto com aspecto rebuscado cujo propósito seria de conquistar, seduzir, enfim, persuadir o auditório.

> O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que lhe apresentava. (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 6)

Tempos depois, ainda no campo da Argumentação, Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) resgatam a perspectiva da Retórica de Aristóteles dando um novo relevo a esse assunto, a partir do raciocínio dialético que trata de proposições necessárias, assim, teses com intensidade variáveis logo seriam descartadas. Perelman conserva da Retórica Clássica a idéia de auditório, que é um recurso imediatamente evocado, quando se formula um discurso, seja ele oral ou escrito.

> O que conservamos da retórica tradicional é a idéia mesma de auditório, quer é imediatamente evocada assim que se pensa em um discurso. Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito freqüente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito. (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 7)

Destarte, podemos dizer que na Retórica, o objetivo da argumentação consiste na adesão intelectual de um ou mais espíritos apenas com o uso da argumentação. Mostra que é o preocupar-se mais com a adesão dos interlocutores do que com a verdade dos fatos. Também não se limita em transmitir informações neutras, mas procura modificar, também, não só as convicções daqueles espíritos, como as suas atitudes através dos argumentos.

2.1.3 Argumentação no discurso: a nova retórica

Encontramos nessa assertiva de Perelman e Tyteca o respaldo para enveredarmos um estudo da argumentação em textos ancorados no gênero dissertação escolar, pois entendemos que a proposta deles não se limita a textos com estruturas ou tamanhos convencionalmente aceitos, como na antiga retórica que limitavam os estudos aos textos orais; ao contrário, Perelman e Tyteca (2005) chegam a mencionar que se interessam mais por textos escritos, haja vista a importância e o

papel desses para a modernidade. Essa forma de pensar nos revela a preocupação perelmaniana em analisar, sobretudo, o conteúdo em detrimento da forma. Aliás, é nesse ponto que a nova retórica distancia-se bem da literatura e da oratória e aproxima-se da argumentação. A aproximação com a argumentação dá-se em razão do olhar argumentativo, colocando o conteúdo como relevante pela sua capacidade de persuadir e atrair os espíritos; a distância daquelas, dá-se em razão da valorização demasiada do belo, do estético, colocando a forma em supremacia.

2.1.3.1 A tese, na argumentação, como representação social do orador, o ethos

As técnicas do discurso oral público difere das técnicas utilizadas na argumentação escrita. Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) priorizam trabalhar com textos escritos descartando variáveis inerentes ao auditório e predominante na oratória e na elocução do discurso. No texto escrito, o auditório se configura por aqueles a quem o orador pretende se dirigir – mesmo que esses não se façam leitores – pois, a argumentação se constrói considerando elementos da tríade, orador, discurso e auditório.

Quanto à presença desse interlocutor, Bakhtin se posiciona da seguinte maneira “Toda palavra comporta duas faces; é determinada pelo fato de se dirigir a alguém e proceder de alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte e serve de expressão de um em relação ao outro.”(Bakhtin, 1981, 113). É necessário, então, nos determos no fato de que o auditório se trata de uma representação a fim de situar o discurso.

Entenderemos tal prévia, ao lembrarmos que na retórica aristotélica, esse mesmo auditório era de fundamental importância, já que era objeto a ser persuadido, assim, impaciente a estabelecer opiniões, chegar a conclusões para si, sem se dar um trabalho prévio de investigação sobre a natureza dos argumentos.

Outro ponto que conduz nossa pesquisa na perspectiva da Nova Retórica é o entendimento que os autores trazem sobre alguns aspectos, quando diz que há questões morais, sociais, políticas, religiosas e filosóficas que não podem ser explicadas ou resolvidas pela lógica e na ausência de respostas plausíveis não deveriam ser ignoradas. Para isso, pretendem lançar mão de argumentos lógicos fazendo valer o raciocínio retórico, investigando, a partir de então, a lógica dos

julgamentos de valor, enfatizando mais a argumentatividade dialética e menos o formato eloquente que o discurso deva conter para impressionar o auditório.

> Nosso tratado só versará sobre recursos discursivos para se obter adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada [...] (PERELMAN; OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 8)

Com essa escolha, não implica dizer que seja a forma mais eficaz de atuar no processo argumentativo, provavelmente, pelo simples fato de que as crenças mais sólidas, com argumentos que não necessitem de prova, não sofram com a possibilidade de não ter adesão. Versa recorrer que quando se trata de obter adesão, nada melhor do que recorrer a experiências externas ou internas que obedeçam a uma ordem previamente aceita.

Portanto, em nosso trabalho, como forma de apresentar uma tese quanto à representação social dada pelo orador, pretendemos utilizar como parte desta o conceito de sujeito representativo, no papel do orador. Dufour (2003) afirma que esse sujeito sofre de constantes flutuações identitárias, na falta de identificações sólidas, isto se deve, provavelmente, pela condição de indivíduos assujeitados que somos. A figura de um sujeito representativo, no papel do orador se aproxima, neste momento, com a definição de *ethos,* "caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório" (REBOUL, 2004, p.48), visto que o orador, sem essa confiança, independente da lógica de seus argumentos, poderá não estabelecer a adesão do auditório.

Para Dufour (2003), o sujeito se evidencia no meio em que interage, em constante transformação. E a tarefa de humanização, que facilita a possibilidade deste auto-reconhecimento, passa, necessariamente, não só pela família, mas também, pelo entorno social e pela educação. O orador, esse sujeito representativo, permite, assim, evidenciar no trato de seus argumentos, marcas de sua identidade assim como valores de seu auditório.

Quanto a essa representação do orador, Heine (2007), na Análise do Discurso, oferta a seguinte definição: "o *ethos* se refere a textos orais e escritos, em que os enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso" (HEINE, 2007, p. 141). Assim, podemos dizer que, de acordo com o autor, os participantes do discurso criam uma imagem de si, através dele, significa também afirmar que o discurso carrega as

marcas do enunciador (orador) e do co-enunciandor (auditório), entendidos como aqueles que interagem no processo discursivo (argumentativo). Dessa forma, as imagens do enunciador e do co-enunciador agem no campo discursivo, constituindo-se na argumentação.

Nesse jogo de palavras, em meio a essa tecitura discursiva, veremos outra estratégia fundamental para a o desenvolvimento da argumentação.

2.1.3.2 O acordo prévio

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), não há argumentação sem adesão. Isso significa que quando o orador argumenta, formula seus argumentos com o desígnio de convencer o seu auditório.

> Mas quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto e sem efeito. Pois *toda a argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo pressupõe a existência de um contato intelectual.* (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 16)

Partindo da linguagem, o orador deverá buscar os princípios das crenças que desencadeiam os acordos e que estão na base daquilo que é considerado “necessário”, “útil”, “desejado” e/ou “previamente aceito” pelo auditório. Sob essa instância para Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005), “do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes” (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 73), obedecendo ao fato do orador ter que se adequar àquilo que os integrantes do auditório desejam ouvir.

Quando se trata de apresentar uma proposição a fim de influenciar um auditório, deve-se considerar as condições de recepção desse auditório, os conhecimentos que esse possui, a possibilidade de adesão de determinados assuntos e teses. No caso de considerar essas condições irrelevantes, o orador sofre o risco de a argumentação ficar sem efeito.

> Assim, sendo a argumentação um discurso que se insere numa troca interlocutória recíproca ao nível da sociabilidade, terá de pressupor, ou partir de um acordo sobre o que seja, pelo menos, o real. Isto é, como premissa da argumentação existe um acordo sobre o que seja, e que defina e delimite o

> que é o real. Mas não só, o acordo prévio abrange também o que seja o preferível. (CUNHA, 2010, p.14)

Como apresenta Cunha (2010), o acordo prévio é a premissa da argumentação. Em nosso estudo, os alunos, na exposição de um retrato da identidade social do bairro, no gênero dissertação escolar devem ser informados a quem devem - ou se propõe - a convencer. No primeiro momento, como se trata de uma produção textual escolar, os alunos devam pensar que hão de convencer a professora-regente, mesmo sendo *informados* previamente de que se trata de um texto que poderá se tornar de conhecimento público. Outra menção que deve ser feita quanto à dialética[7] do discurso do aluno é quanto à provável negação do estigma que a mídia propaga em relação ao bairro Granja Portugal e suas adjacências. Isso faz acreditar que o empenho destes em buscar apresentar uma identidade real, passa a ser um grande recurso para adesão do auditório.

Fiorin (2015) vê no acordo prévio uma condição de qualquer argumentação. Poderíamos assim dizer que os argumentadores são pessoas que se entendem "sem estar de acordo". Entendem-se porque partilham pontos comuns (valores, curiosidade para obter uma informação), mas não estão de acordo porque diferem quanto à percepção de alguns valores, pro exemplo. Em nossa pesquisa a divergência quanto à representação da identidade social do bairro poderá ser um ponto do acordo prévio.

Perelman e Olbrechts – Tyteca (2005, p. 86) defende que "o contato entre orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação (...)", assim, torna-se fundamental que nesse contrato argumentativo o orador – no caso desta pesquisa, os alunos - mencione fatos que enunciem verdades até então, pouco conhecidas. O novo, por vezes, concerne adesão daqueles a quem a informação se dirige, visto que ela é por inteiro, relativa a o auditório que procura influenciar.

Fiorin (2015) asserta que a argumentação implica o uso da linguagem e essa, por natureza, é polissêmica. Dessa forma, possível de lacunas e ambiguidades. Essa característica implica dizer que a linguagem nunca é neutra. É permeada por valores

[7] O vocábulo Dialética, neste parágrafo, está sendo utilizado na concepção platônica na qual se define como processo de diálogo, debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade, através do qual a alma se eleva, gradativamente, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias. Nos demais, apresenta a concepção aristotélica, que se caracteriza por raciocínio lógico que, embora coerente em seu encadeamento interno, está fundamentado em ideias apenas prováveis, e por esta razão traz em seu âmago a possibilidade de ser refutado.

e "está sempre carregada dos pontos de vista" (FIORIN, 2015, p.83). Trataremos no tópico a seguir acerca dos valores que o orador permite que apareçam explícitos ou não no discurso.

2.1.3.3 Os valores e suas hierarquias

Para o homem enquanto ser social é praticamente impossível viver sem alguma hierarquia de valores. Estamos constantemente fazendo juízo daquilo que é mais ou menos importante. Isso pode, muitas vezes, acabar gerando contradições e problemas, uma vez que as pessoas divergem quanto a essas hierarquias. Mesmo que levássemos em primeira consideração as necessidades básicas fundamentais para a subsistência, o fator subjetivo, mesmo assim, persistiria em muitos casos.

Assim, antes de darmos continuidade a nossos estudo percorrendo os caminhos teóricos da argumentação, no que se refere a hierarquização de valores, adentraremos, mesmo que superficialmente no território da Análise do Discurso (AD), para elencarmos uma discussão teórica anterior, mas que pode nos ajudar a compreender melhor como hierarquizamos e re-hierarquizamos valores no decorrer de nossas vidas.

A verdade (não atribuímos, aqui, juízos de valor, como verdadeiro ou falso) é que as hierarquias não são estanques. Na verdade, os valores que tínhamos quando crianças não são mais os valores nossos de hoje. Nossas hierarquias são, portanto, diretamente influenciadas por nossa formação, por nossas ideologias. Pegando este último aspecto como fio da meada, tentemos compreender como nossa formação discursiva e ideológica influenciam nossos valores.

A formação ideológica é discutida por Brandão (2004) como “[...] organizações de posições, políticas e ideológicas [...]”. A partir dessa concepção, podemos conceber a formação ideológica de um indivíduo como o conjunto de representações e atitudes que revelam nossas ideias, opiniões, crenças, enfim, nossa ideologia. A autora também discute o conceito de formação discursiva como o lugar em que a formação ideológica se manifesta. Em outras palavras, as nossas ideias, crenças e opiniões só ganham materialidade no discurso, é somente nele que elas podem ser expressas ao(s) nosso(s) interlocutor(es). O discurso é, pois, o lugar de materialização e concretização de nossas ideologias, logo, a formação discursiva é o lugar onda discurso e ideologias se articulam, sendo a formação discursiva determinante sobre o

pode e deve, ou não, ser dito numa dada formação ideológica. Esse ponto de vista é colocado também por Orlandi e Rodrigues (2006):

As formações discursivas são a projeções na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. [...] Chamamos então formação discursiva àquilo que, numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinando o que pode e deve ser dito. (Orlandi e Rodrigues, 2006, p. 17)

Atrelamos a atividade discursiva também ao caráter sentimental, afetivo. Reboul (2004) aponta que, em retórica, razão e sentimento são inseparáveis:

> Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o ethos, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o pathos, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido (REBOUL, 2004,p. 19).

Dessa forma, em consonância com o autor, percebemos a afetividade ligada, direta ou persuadir e atrair os espíritos; a distância daquelas, dá-se em razão da valorização demasiada do belo, do estético, colocando a forma em supremacia.

Quanto aos valores apresentados e defendidos pelo orador e pelo auditório, nos faz entender que a identidade social surge como resultado em uma disputa argumentativa entre a representação circunstancial de estigmas e atributos virtuosos. Para Goffman (1993), a sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme atributos ou estigmas, o que significa que a sociedade determina um produto externo ao individuo que permite prevê a categoria, atributos ou estigmas, a identidade social e as relações com o meio.

Os valores conservam um lugar importante na sociedade, pois são através deles que o ser humano busca desenvolver a condição de viver em sociedade, de atender às suas necessidades e de manter relações com seus pares (MORIN, 2001). O aumento populacional segue diretamente proporcional a plural diversidade e esta ganha visibilidade e relevância apresentando um complexo e assimétrico leque de valores.

Além disso, das particularidades de bom ou mal, de certo ou errado, as relações sociais revelam valores elencados como prioritários ao desenvolvimento do homem

com o meio, externalizadas por relações do homem com o outro, por discursos, costumes e uma derivada gama de comportamentos.

Em Aristóteles, encontramos que, para persuadir alguém é necessário conhecer seus valores, suas crenças e tudo quanto o traz vantagem e lhe valoroso.

> O maior e mais eficaz de todos os meios para se poder persuadir e aconselhar bem é compreender as distintas formas de governo, e distinguir os seus caracteres, instituições e interesses particulares. Pois todos se deixam persuadir pelo que é conveniente, e o que preserva o Estado é conveniente (ARISTÓTELES, 2005, pp. 122-123)

Esse trecho da Arte Retórica mostra a necessidade do orador conhecer quem são os sujeitos que compõem o seu auditório, e, seus acordos pré- estabelecidos.

> (...) a cultura própria de cada auditório transparece através dos discursos que lhe são destinados de tal maneira que é, em larga medida, desses discursos que nos julgamos autorizados a tirar alguma informação a respeito das civilizações passadas. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 23)

A estreita relação entre a intenção do discurso e o conteúdo discursivo nos dá a entender que não existe discurso inocente, em outras palavras todo discurso é dotado de intenção. Dessa forma, podemos nos sentir autorizados a, também, interpretar, em relação aos valores, a proposição dada pelo autor da seguinte forma: valores são princípios que nos orientam e nos representam no discurso, assim como em outras dimensões da vida social, por exemplo, em crenças e em comportamentos.

A estrutura axiológica de determinado sujeito poderá se diferenciar da estrutura de valores que representará sua comunidade. Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) ainda destacam:

> Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições a ação uma influencia determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém que esse ponto de vista se impõe a todos. (PERELMAN e OLBRECHTS – TYTECA, 2005, p. 84)

A existência de valores remete à opinião e não a verdades indiscutíveis. Não seria interessante para nossa pesquisa entendermos que valores expressam fatos e verdades reais e nem que a estes se assemelham, no entanto, devemos ter o cuidado de percebê-los como estado particular dominante, em determinado meio. É o que discute Cunha (2000, p. 17): “Já quanto aos valores, mesmo quando sobre eles existe

o acordo do auditório que deles faz premissa de argumentação, dizem, não o real, mas uma “atitude perante o real”.

A argumentação e a exposição dos valores consistem na apresentação de razões estruturadas e coerentes, técnicas argumentativas, que apoiem as teses sobre determinado ponto de vista. Sobre estas categorias, técnicas argumentativas e a natureza dos argumentos, trataremos no tópico a seguir.

2.1.3.4 As técnicas argumentativas e a natureza dos argumentos

É possível construir, a partir de Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005), uma matriz de análise que permite identificar os argumentos, classificá-los e compreender a sua articulação tentando medir a sua eficácia persuasiva. Os autores distinguem três grandes grupos de argumentos: argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

Mesmo que em nossa pesquisa tenhamos a pretensão de utilizar dessas categorias de argumentos apenas algumas técnicas argumentativas, faremos a exposição dos três grandes grupos de técnicas argumentativas para melhor compreensão desses processos argumentativos: os argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

Os primeiros, os argumentos quase-lógicos, são aqueles que lembram os raciocínios formais por sua precisão e formalização. No entanto, pelo fato de empregarem a linguagem natural são suscetíveis a interpretações variadas. Os argumentos dessa natureza se apresentam em dois grupos: aqueles que apelam para estruturas lógicas e os que explicitam relações matemáticas.

Em nossa pesquisa, pretendemos trabalhar com os argumentos de identidade total e parcial e com o argumento de regra de justiça – ambos compõem a categoria dos quase-lógicos, que apelam em sua realização, para estruturas lógicas.

A identidade, na linguagem formal, é apresentada como uma evidência ou é estabelecida convencionalmente. Dessa forma, acreditamos que ao identificar valores nas produções textuais, evidenciados em argumentos de identidade, alcançaremos a identificação social do bairro. Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) discorre sobre as evidências nos argumentos de identidade e diz que “Todo uso de conceitos, toda aplicação de uma classificação, todo recurso a indução em uma relação de certos

elementos ao que neles há de idêntico e intercambiável" (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 238).

A identidade formal – quer ela se fundamente na evidência ou em uma convenção – é constringente e conduz à identificação, que pode ser discutida ou vista como resultado em uma definição, visto que "uma das técnicas essenciais da argumentação quase - lógica é a identificação de diversos elementos que são objetos do discurso." (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 238).

Assim, a identificação na linguagem natural equivale à identidade na formal. Ela pode ocorrer entre duas expressões e alcançar tanto uma identidade completa, quanto restringir a uma caracterização parcial dos elementos confrontados.

Cunha (1998) expõe, sobre o princípio da identidade, o seguinte: "Na discurssividade argumentativa a identidade é posta pela definição que estabelece a identidade do que é definido (...). Mas o uso argumentativo da definição supõe a possibilidade de múltiplas definições." (CUNHA, 1998, p. 25).

Destarte, podemos recorrer a um caso particular baseado no princípio de identidade pela definição: a regra da justiça assim enunciada ' a exigência de um tratamento idêntico a seres ou a situações que se integram numa mesma categoria'. Tratam-se, nesse exemplo, de uma identidade total quanto à definição de cidadão e de identidade parcial quanto às outras subcategorias implícitas à definição de cidadão tais como trabalho, salário dentre outros.

O caráter argumentativo das definições, como bem definem Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005), se ancora sempre sob dois aspectos [as definições] "podem ser justificadas, valorizadas, com a ajuda de argumentos; elas próprias são argumentos" (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 241). Isso nos permite a acrescentar que a análise e a constituição das definições e das identidades devem seguir uma direção, tendo em vista a busca de adesão ao auditório.

Não pretendemos chegar, nesse momento, à exaustão quanto às possibilidades de análise do argumento de identidade. Deixaremos para pautar algumas considerações sobre esse assunto no tópico que tratará dos procedimentos de análise do nosso objeto de estudo.

Quanto aos argumentos de justiça, dos quais vamos falar agora, não conferem uma redução completa à identificação dos elementos como os argumentos de identidade, no entanto possibilitam uma redução parcial "que permite tratá-los como intercambiáveis em determinado ponto de vista" (PERELMAN e OLBRECHTS -

TYTECA, 2005, p. 248). Abreu (1999) considera que a regra de justiça “fundamenta-se no tratamento idêntico a seres e situações integrados em uma mesma categoria” (ABREU, 1999, p. 20).

Acreditamos, com base nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que os argumentos de justiça devem ser analisados em nosso trabalho devido a questões expostas na justificativa dessa pesquisa, sendo a primeira delas, as relações interpessoais entre alunos, professores e, por conseguinte, entre escola e comunidade. Já, de acordo com os postulados de Abreu (1999), quanto aos argumentos dessa natureza, ratificamos a necessidade de criar uma unidade comum – que faça parte do currículo e do perfil da escola – fundamentada em um tratamento idêntico (ensino, educação) a alunos integrados em uma mesma comunidade escolar.

Em nosso trabalho, podemos eleger os valores como argumentos precedentes para fundamentar os argumentos de justiça, diante daquilo que Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) denominam como intercambiável em determinado ponto de vista.

O segundo grupo de argumentos, aqueles que fazem parte os argumentos baseados na estrutura do real, apresenta-se ligado a pontos de vista, ou seja, a opiniões relativas a eles. Desse grupo, pretendemos trabalhar com os argumentos pragmáticos e argumentos baseados no exemplo, devido, ao fato de que, enquanto os primeiros estão fundamentados na relação de dois acontecimentos sucessivos, por meio de um vínculo causal, o segundo se vale, para a tese de adesão, exemplos de outros.

Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005), acerca de o vinculo causal, dissertam que “o vínculo causal desempenha incontestavelmente um papel essencial (...)” no processo argumentativo, e “ (...) seus efeitos são tão numerosos quanto variados” (PERELMAN, 2005, p. 299). Dessa forma, os autor propõem o agrupamento desse vinculo em três tipos de argumentação:

> os que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; b) os que, sendo dado acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pode determiná-lo; c) as que sendo um dado acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar. (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 300)

O termo “acontecimento” como bem frisam os autores, deverá ser tomado em um sentido mais amplo devido princípio e suas conseqüências serem tratados como uma ligação de sucessão que faz parte da estrutura do real. Outro termo que

necessita, também, de nossa atenção é o de “vínculo causal” que se estende a outras técnicas argumentativas devido ao seu caráter racional de causa e efeito e tem como propósito “aumentar ou diminuir a crença na existência de uma causa que a explicaria ou de um efeito que dele resultaria.” (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, p.300)

Um possível argumento da justificativa de um crime de morte, no bairro em questão, poderá se dar por legítima defesa, portanto evitar que outra morte fosse causada. Assim, o mais comum, nesse tipo de argumento, seria “a transferência de valores de uma conseqüência para uma causa.” (ABREU, 1999, p. 26).

Fazer com que o auditório promova adesão a esse argumento necessita de apreciação a seus efeitos, fato que parece desenvolver sem grande dificuldade, visto que a transferência de juízos de valor da causa para conseqüência ocorre mesmo sem ser pretendido, se assim ocorrer adesão do auditório.

Já, quanto aos argumentos pragmáticos, Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005), afirmam que estes permitem apreciar um fato sem mensurar se suas conseqüências são favoráveis ou desfavoráveis.

A segunda técnica baseada na estrutura do real a ser utilizada por nós é a argumentação pelo exemplo. A argumentação pelo exemplo acontece quando utilizamos como tese de adesão um exemplo das ações de outras pessoas.

> Dizem que, quando Tancredo Neves pretendia ser candidato à presidência da República, houve, dentro do PMDB, rumores contrários à sua candidatura, alegando ter ele idade avançada. Imediatamente, Tancredo argumentou pelo exemplo, dizendo que, aos 23 anos, Nero tinha posto fogo em Roma e que, com 71 anos, Churchil tinha vencido os nazistas, na Segunda Guerra Mundial. (ABREU, 1999, P.27)

O exemplo pretende generalizar estabelecendo uma regra a partir de um caso concreto que se ancora na relação de sucessão, tornando-se identificável. Nesse tipo de argumento, através do vínculo causal, permite na argumentação relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, no exemplo. Aqui, o exemplo se ancora na loucura de um jovem *versus* a experiência de uma pessoa com uma idade mais avançada, quando essa ultima é questionada de sua capacidade em governar um país. A argumentação pelo exemplo acontece quando sugerimos a imitação (ou a observação) das ações de outras pessoas.

O terceiro grupo de argumentos são os que se representam fundamentados na estrutura da realidade e “estabelecem relações em nosso sistema de significação de

causalidade, sucessão existência e hierarquização” (PERELMAN e OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 297).

Como disserta Fiorin (2016), uma das formas de argumentar é expor a causa dos fenômenos. A causa pressupõe um encadeamento de fatos, no qual um acontecimento anterior produz um acontecimento subsequente. A causa imediata é a razão próxima que propõe justificar porque um dado efeito foi produzido. Se em uma pesquisa qualquer, através de um provedor de busca na web, digitarmos a expressão “causas da violência”, aparecerá inúmeros links que apresentarão diversas causas para o fenômeno violência, que vão desde aquelas que se enquadram em uma definição mais simplista e didática até as que se caracterizam de forma complexa decorrentes da pesquisa científica.

O orador escolhe e utiliza aquela (ou aquelas) que mais interessa para o seu propósito argumentativo, independente da natureza de sua complexidade. No texto do Comitê de Prevenção de Homicídios, há uma fala que detém nossa atenção a respeito do argumento de causa. “Quando entendermos as causas da violência, estaremos prontos para reverter esse quadro.” A fala é de autoria de um parlamentar e, através dela, é possível perceber que a causa não é um antecedente necessário para produzir um dado fenômeno, mas seu conhecimento é um meio indispensável para atingir determinado fim, construir políticas públicas para reverter o quadro da violência.

A violência ocupa um lugar de destaque no cotidiano das grandes cidades. O município de Fortaleza, mais especificamente a Regional V (Região onde está situada a escola que receberá a intervenção), não denota exceções quanto a esse fenômeno. O fenômeno vem carregado de um gama de percepções falsas e verdadeiras e de julgamentos sociais: barbaridade, crueldade, maldade e ilegalidade. A Universidade Estadual do Ceará em parceria com a Secretaria Estadual de Segurança Pública, através de pesquisas teceram um perfil da violência na Regional V. Esse estudo apresenta a conclusão de que a violência é algo social e culturalmente construído. Isto é, varia no tempo, no espaço, de sociedade para sociedade, para sociedade e de cultura para cultura. Nem tudo que é considerado como prática violenta deve ser considerada realmente como violência ou ato criminoso.

Evidentemente, o governo tem interesse em argumentar que estabelece ações para minimizar as causas imediatas, enquanto o comitê procura as causas mediatas da violência. No entanto, ao utilizar-se de um argumento causal pode gerar o risco de

ter o seu discurso invalidado, na medida em que a causa apontada não for real, por ser pretexto ou ser racionalização.

A racionalização, como já defendia Kant, é um argumento causal, no qual razões são explicadas em função de suas razões. Fiorin (2016) apresenta a racionalização como um que busca atribuir aos outros a responsabilidade que o orador não quer ou não pretende assumir no imediato. Um exemplo desse tipo que pode ser esperado que ocorra nos textos de nosso objeto de pesquisa (até por ser uma das falas propagadas por os veículos de comunicação) é a justificativa de o bairro ser violento devido ao constante tráfico de drogas. Vale ressaltar que esse argumento oscila entre a racionalização e o pretexto. Aquela pelo que fora decorrido e esse por ser um motivo inconsistente para generalizar a causa da violência no bairro, desprezando, assim, todos os outros motivos e, por sua vez, justificando a permanência da violência enquanto houver o tráfico de drogas.

Outro argumento dentro da categoria dos que se representam fundamentado na estrutura da realidade, no qual nossa pesquisa se valerá, é o argumento de autoridade. Esse tipo de argumento pode ser visto com freqüência em falas do tipo: “Está escrito na Bíblia”, “Saiu no Diário no Nordeste, que Fortaleza é a capital mais violenta, em nosso país” e Foi o Professor Dr. Gilton Sampaio que afirmou x, y e z sobre a Nova Retórica”. A citação retirada de um livro sagrado, a matéria em um sério e renomado jornal de grande circulação no estado ou a afirmação de um professor especialista em determinado assunto podem conferir um verdade a ser propagada, sem sequer o auditório questionar.

Os argumentos de autoridade se valem de valores tais como modéstias, respeito e reverência que chancelam a autoridade pela ordem do saber (perícia) ou pelo domínio do poder (hierarquia).

Sabemos que as técnicas argumentativas merecem uma abordagem mais ampla, no entanto, pretendemos fazer uma interpelação mais acabada na análise do objeto de estudo. Seguiremos, então, com a exposição das concepções sobre os lugares da argumentação.

2.1.4 Os lugares da argumentação

Reboul (2004) define retórica como arte de persuadir pelo discurso, sendo que persuadir é levar alguém a crer em alguma coisa. O trabalho com a persuasão alia

dois conceitos que parecem ser dicotômicos, no entanto, se dispõem na argumentação como inseparáveis: razão e emoção.

Destarte, na arte da argumentação, demonstrar é meio de convencimento puramente necessário e, para isso, por vezes se faz necessário se valer de crenças – valores, costumes, exemplos - para dar consistência ou visibilidade ao argumento, visto que, constituem uma realidade na qual não necessita transcender a razão humana.

Para Abreu (2009), durante o processo de argumentação recorremos a lugares. O autor os denomina como “premissas de ordem geral utilizadas para reforçar a adesão a determinados valores.” (ABREU, 1999, p. 79). Segundo o autor, é possível utilizar técnicas conhecidas desde a Antiguidade para re-hierarquizar os valores do auditório. Técnicas denominadas lugares da argumentação. Tais lugares são virtuais e de fácil acesso para o orador, que disporá de argumentos para adaptar seu discurso a esse público. Para melhor entendimento, apresenta uma classificação com suas respectivas definições: **lugar de quantidade** tem base em razão quantitativa, afirma que algo é melhor e possui como característica mais comum o uso de números e estatísticas; **lugar de qualidade,** valorização do que é raro, único, exclusivo – vale salientar, que este lugar, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005,p. 104),”o único é, nesse caso, o que pode servir de norma: esta adquire um valor qualitativo em relação a quantidade quantitativa do diverso; **lugar de ordem,** “afirma a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades etc.” (ABREU, 1999, p. 84); **lugar de essência,** apresenta valor a pessoas ou objetos que, dentro de uma categoria, representam a sua essência e podem ser tomados como modelos; **lugar de pessoa** que revela a máxima de que pessoas são superiores às coisas e **lugar do existente**, o qual valoriza o que existe, em lugar daquilo que não existe. Isso torna evidente que, quando utilizamos lugares, evidenciamos valores, “daí a definição de lugares como depósitos de argumentos”(PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 94), visto que esses lugares agregam material necessário afim de orador encontrar com mais facilidade, para validar a argumentação.

Trabalhos os conceitos que permeiam a argumentação, passaremos para a metodologia do nosso trabalho.

2.2 Representações sociais e identidade

Neste subtópico abordaremos questões como o **PAPEL DA MEMÓRIA NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UMA IDENTIDADE, a IDENTIDADE SOCIAL, os COMPONENTES, SABERES E MANIFESTAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO LUGAR DE MEMÓRIA e o INVENTÁRIO DE VALORES NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE SOCIAL.** Logo em seguida, entraremos com a apresentação dos **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** identificados no tópico 3.4, deste documento.

2.2.1 O papel da memória na representação social de uma identidade

Provavelmente, nada possa evidenciar de forma não nítida o quão efêmero é o ser humano quanto à volatilidade de sua memória. O homem inserido no ciclo ininterrupto pela sobrevivência tende a se comprimir nas suas atividades habituais e, mesmo com o esforço em manter seu patrimônio econômico, afetivo e cultural, perde-se no tempo, seja pelo extravio de ideias – novas ideias vão surgindo e/ou uma se sobrepõe a outra, seja por falta de interesse afetivo ou indiferença.

A Revolução Industrial [8]ofereceu ao homem atividades laborais alienantes de cunho vago e repetitivo. A memória logo se fragmenta e o que é memorável, nesse contexto, deve apresentar conotação afetiva, caso contrário tende a ser esquecido.

Bosi (2003, p.52) chama atenção para a construção de uma possível “pseudo memória”, uma memória mecanizada, caracterizada por a “repetição do esforço, um adestramento cultural”. A partir disso, o autor denomina esse mecanismo de memória – habito, visto que, advém da recuperação de lembranças socializadas e de valores consolidados. Esse tipo de memória se sobrepõe a outro tipo de conceito, também, trabalhado pelo autor, o de memória – pura, de forma que essa última surge do fluxo constante de marcas entre o passado e o presente e são facilmente identificadas pelos sujeitos ali presentes. *A priori* não pretendemos elencar nenhum tipo de memória a ser identificada nesse projeto de pesquisa. No entanto, no desenvolvimento da pesquisa e na construção do objeto de pesquisa, esses conceitos poderão ser

[8] Revolução Industrial ocorrida no século XVIII, na Inglaterra, também, conhecida por Revolução Inglesa.

identificados, possivelmente, como ou nos recursos de presença. Os recursos de presença deverão ser trabalhados no capitulo anterior, junto aos lugares de argumentação.

A memória, por vezes, se apresenta intimamente ligada à esfera do narrar. Podemos identificar isso nas narrativas orais, desde os *rapsodos* gregos que imortalizam sua história e mitologia em praças públicas, até simples relato de um acontecimento. Desde que estimulada, possibilita a reconstrução da ideologia revelada sobre ela e, consequentemente, sua identidade.

Nesse processo, deve-se à memória importante posto na construção/representação da identidade, ou melhor, na reconstrução das experiências que estabelecem os elementos particulares a cada indivíduo: sua história de vida. Por decorrência, pelo fato de não vivermos isolados como eremitas, cada história de vida individual atua diretamente na edificação da memória “coletiva” de nossa sociedade e, dessa maneira, culmina em uma representação social. O processo de construção da memória coletiva não pode, em nenhuma instância, atuar em detrimento da história de vida individual, da individualidade de cada homem. Longe disso, em sua dimensão pessoal a memória surge como garantia de nossa identidade e, por conseqüência, da identidade de um grupo.

Segundo Pollak (1992), nossa memória é seletiva e transmite o que é relevante sobre a cultura local herdada. Para o autor, memória social é um fenômeno coletivo, construídos por sujeitos que tenha um ponto de intersecção em comum, o *locus*[9] e, por conseguinte, tenham conhecimento de acontecimentos vividos socialmente. Diante dessa afirmação, o autor considera três elementos como responsáveis por ancorar a memória, os fatos, as pessoas e os lugares.

A partir desse entendimento, pode-se interpretar a memória como resíduo do que é relevante, visto que é possível identificar nem todos os fatos são registrados e nem todos os lugares conferem beleza e admiração. Cada tempo imprime aos seus sujeitos o que lhes é importante. Dessa forma, a memória coletiva se caracteriza por componentes afetivos, dentre eles, sentimentos de pertença e de identidade.

Para ter acesso às impressões sociais, para lembrar seu passado, conferir a per vivência de seu espaço, o homem se remete a pontos de referência o outro. É na

[9] Lugar de memória coletiva.

convivência com o outro que realiza o fato, se identifica no espaço e se constrói na memória.

Halbwachs (1990) disserta sobre a construção do quadro social da memória que são entendidos como um sistema de valores que unifica e representa determinados grupos sociais: família, religião, esfera social, sistema de governo dentre outros. Esses grupos sociais apresentam as marcas identitárias que trabalharemos no tópico a seguir.

2.2.2 Identidade social

A motivação cada vez maior em pesquisa questões acerca das identidades sociais deriva das diversas mudanças que vem ocorrendo nas atividades que se inscrevem na socialização dos indivíduos e na natureza da interação por eles desenvolvida.

Nesse contexto de contemporaneidade, é inegável, o impacto, que as significativas mudanças, causou, alteraram de forma significativa a interação entre os atores sociais e que, consequentemente, redefiniram as relações sociais e as identidades por elas constituídas.

Consoante a esses conceitos, Bakthin (2003) afirma que a consciência é formada a partir das relações que os homens estabelecem entre si no meio social através da linguagem. É nesse percurso interpessoal que construímos o conhecimento, o qual se constitui do discurso do outro, revozeando suas vozes e implicando possivelmente, novos significados. É uma relação que compreende desde as marcas dialógicas até as marcas de alteridade. Essa última nos chama mais atenção em nosso trabalho, visto que, eu e o outro nos construímos em um universo de valores. A respeito dessa perspectiva axiológica presentes nas relações, Faraco (2003) assevera que:

> O mesmo mundo, quando correlacionado comigo e com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que elas são constitutivas de nossos atos(inclusive de nossos enunciados): é na contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto, que cada um orienta seus atos. (FARACO, 2003, p. 32)

Para Bakthin (2003), a alteridade é uma atitude responsiva, conforme uma apreciação valorativa que fazemos norteados com base em critérios éticos, cognitivos, políticos, culturais, religiosos ou tantos outros que sem tal conhecimento se tornaria impossível compreender o discurso. Assim, o discurso verbal não pode ser constituído e nem compreendido fora da situação social que o compõem.

Nesse ínterim, podemos inferir, então, que pertencemos a diversas comunidades em suas esferas práticas tais como: família, religião, escola, trabalho, que sofrem mudanças (ou mudam) no decorrer de nossa existência. A forma como participamos dessas esferas práticas/cotidianas representa experiências de aprendizagens, e logo, de constituição de identidades. O processo é ininterrupto e constante e segue por meio de sucessivas formas de participação no meio onde vivemos que caba por determinar nossa trajetória social. E por sua vez, nesse processo, os discursos trazem valores que possibilitam que cada esfera de ação cotidiana se torne um campo de possíveis trajetórias, de prováveis passados e possíveis futuros nos quais, respectivamente, podemos nos encontrar ou nos engajar.

O conceito de identidade social abordado por Hall (1999) concebe o sujeito como um elemento sócio – culturalmente construído que lança mão da premissa da individualidade, no entanto, se apresenta com várias identidades reconhecidas e externalizadas nas relações sociais.

Hall (1999) defende que sempre nos fazemos em relação ao outro para isso, utiliza de apresentação e representação simbólica, como a linguagem, as crenças e os valores de uma sociedade. Partindo dessa premissa, o autor faz menção a noção de inteireza e deduz que é por falta dessa, que procuramos no outro, aspectos não encontrados em nós. Assim, em um processo contínuo e heterogêneo, preenchemos lacunas. Nesse processo, percebe-se a congruência de simbologias, seja por meio da pluralidade de linguagens e seus respectivos sentidos, crenças ou valores que se constituem a identidade social.

Expomos, aqui, a percepção que tive em identificar um traço da identidade nordestina veiculada em um jornal televisivo na época dos festejos juninos: “nordestino adora forró!”. Não se faz necessário realizar uma pesquisa científica para constatar que nem todo nordestino gosta de forró. A generalização feita pelo apresentador do jornal televisivo sustenta um valor ou uma crença que, mesmo sem ser reconhecido em todos os sujeitos daquela comunidade, faz com que essa marca seja generalizada. Algum aspecto torna essa assertiva consensual por indivíduos do

grupo, os que gostam e os que não gostam de forró. Reconhecer uma marca que confere identidade social não implica, necessariamente, identificar os valores e marcas da identidade individual. Essa é uma das questões que nos permite entender que identidade não pode ser compreendida fora dos seus sistemas de significação.

Consideramos, portanto, o processo de constituição das identidades sociais como uma construção de pertencimento múltiplo e completamente permeável, em uma relação axiológica entre elementos globais e locais; em uma intersecção de aspectos sociais, históricos, lingüísticos e culturais que partem do mais genérico ao mais específico.

Ao relacionar os conceitos de identidade sociais com a concepção bakhtiniana já colocadas, pretendemos das conta de questões relativas a ´percepção dos oradores relativas aos discursos

Hobsbawn (1997) explica outro aspecto interessante no que diz respeito à construção e à representação de uma identidade. Ele defende que, quando se formula uma identidade ou uma ideologia, não se trata de uma identificação social apenas, o propósito vai além, é produto de uma relação entre acordos permitidos pelo Estado – constituição, concepções de certo e errado, moral e amoral, dentro outros condutas de sanção social – e demandas sociais. Essas últimas conferem a necessidade coletiva de manter ou criar uma tradição. Para melhor compreender, o autor define tradição como:

> Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas (...), de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN; RANGER, 1997: 9)

Hobsbawn (1997) nos leva a crer que a necessidade da tradição, ou melhor, como confere o autor, a “invenção” desta é um importante fator na formação de identidades. No tópico a seguir, discutiremos os possíveis componentes de reconhecimento da identidade do espaço de nossa pesquisa, o bairro Granja Portugal.

2.2.3 Os componentes, saberes e manifestações da representação social do lugar de memória

Hobsbawn (1997) afirma que o abuso ideológico mais comum da história baseia-se antes em anacronismo que em mentiras. Em outras palavras, isso como as generalizações são falhas, “Toda periferia é perigosa”, “No Brasil, é assim.”, “Favela é lugar de bandidos”.

Como defende Silva (2008), o espaço de construção de identidades é o discurso, as marcas físicas são apenas marcas. São simbologias utilizadas para conferir registro ou interpretação entre interlocutores.

Gondar (2005, p. 21) concebe que “os lugares de memórias são construídas porque perdemos os meios de memórias, sendo preciso recuperar o dano.” O sujeito do social busca testemunhar sua permanência no mundo, elegendo símbolos, valores e comportamentos que representam seu grupo social. Os símbolos vão desde uma feira, um festejo, um tempero, uma expressão idiomática, entre outros, mas também, podem se reportar a valores socialmente marginalizados ou depreciados. Menciono uma lembrança que tenho do tempo de criança, uma representação simbólica que remete a identidade da cidade de Itu do interior paulista, a qual recebia a fama de suas frutas e alguns de seus objetos terem o tamanho bem maior que o normal, “Tudo o que era excessivamente grande vinha de Itu.

A interface das narrativas de costumes tende a publicizar com facilidade a esses valores que podem nos levar a entender o bairro como representação social, dando notoriedade às matizes do comportamento humano, uma vez que elas se constituem de um patrimônio material – os construtos - e do patrimônio imaterial, decorrente dos significados das práticas cotidianas conferidas pelos atores sociais ao longo do processo histórico. Sendo assim, o lugar funciona como suporte da memória coletiva e da identidade social do bairro (HALBWACHS, 2006, p. 20).

A nossa proposta segue em identificar valores permeados na identificação social do bairro por seus sujeitos. Por isso, retomaremos no tópico seguinte questões acerca da hierarquia de valores, os processos pelos quais se constroem o inventário de valores.

2.2.4 Inventário de valores na construção de uma identidade social

Uma identidade social não está constituída apenas por partes físicas, mas pelos papeis desenvolvidos pelos sujeitos, as normas de convivência e os valores. Halbwachs (1990) propõe que os valores são elementos integradores, no sentido em que alguns são compartilhados por boa parte dos sujeitos sociais. Nessa direção, nossa pesquisa pretende identificar as prioridades axiológicas presentes nos textos, visto que, segundo Halbwachs, os valores têm a função de criar um vencedor entre os sujeitos, assim configurando a identidade social do bairro.

Para o homem, enquanto ser social, é praticamente impossível viver sem alguma hierarquia de valores. Estamos constantemente fazendo juízo daquilo que é mais ou menos importante. Isso pode, muitas vezes, acabar gerando contradições e problemas, uma vez que as pessoas divergem quanto a essas hierarquias. Mesmo que levássemos em primeira consideração as necessidades básicas fundamentais para a subsistência, o fator subjetivo, mesmo assim, persistiria em muitos casos.

Assim, antes de darmos continuidade a nossos estudo percorrendo os caminhos teóricos da argumentação, no que se refere ao inventário de valores que culminará na representação social da identidade do bairro, adentraremos, mesmo que superficialmente no território da Análise do Discurso (AD), para elencarmos uma discussão teórica anterior, mas que pode nos ajudar a compreender melhor como hierarquizamos e re-hierarquizamos valores no decorrer de nossas vidas.

Na verdade, os valores que tínhamos quando crianças não são mais os valores nossos de hoje. Os valores elencados por determinada comunidade não são os mesmos priorizados por outro, em um mesmo estado de tempo. Nossas hierarquias são, portanto, diretamente influenciadas por nossa formação, por nossas ideologias. Pegando este último aspecto como fio da meada, tentemos compreender como nossa formação discursiva e ideológica influenciam nossos valores.

A formação ideológica é discutida por Brandão (2004) como “[...] organizações de posições, políticas e ideológicas [...]”. A partir dessa concepção, podemos conceber a formação ideológica de um indivíduo como o conjunto de representações e atitudes que revelam nossas ideias, opiniões, crenças, enfim, nossa ideologia. A autora também discute o conceito de formação discursiva como o lugar em que a formação ideológica se manifesta. Em outras palavras, as nossas ideias, crenças e opiniões só ganham materialidade no discurso, é somente nele que elas podem ser

expressas ao(s) nosso(s) interlocutor(es). O discurso é, pois, o lugar de materialização e concretização de nossas ideologias, logo, a formação discursiva é o lugar onda discurso e ideologias se articulam, sendo a formação discursiva determinante sobre o pode e deve, ou não, ser dito numa dada formação ideológica. Esse ponto de vista é colocado também por Orlandi (2006):

> As formações discursivas são a projeções na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. [...] Chamamos então formação discursiva àquilo que, numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinando o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2006, p. 17)

Atrelamos a atividade discursiva também ao caráter sentimental, afetivo e de vivência. Reboul (2004) aponta que, em retórica, razão e sentimento são inseparáveis:

Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o *ethos*, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o *pathos*, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido (REBOUL, 2004,p. 19).

Dessa forma, em consonância com o autor, percebemos o inventário de valores ligado, direta ou indiretamente à formação discursiva do sujeito que utiliza a linguagem e seus recursos persuasivos nas variadas situações comunicativas, seja na realização de um fato ou, apenas, na maneira de ver um fato ocorrido.

Para Perelman e Tyteca (2005), a reação das pessoas sobre os atos - seus e de outrem - é capaz de modificar constantemente a nossa concepção dos valores quanto a pessoas, atos e relações estabelecidas. Considerando essa assertiva, podemos afirmar que os valores se constroem relacionados a atos, sendo os atos mais novos, capazes de exercer preponderância sobre os mais antigos.

Apesar da caracterização de um grupo estar ser associado a pessoas e seus atos, isso por si só, não pode revelar a essência de um grupo. Isso ocorre, porque a caracterização de um grupo é variável, deriva, enfim, dos atos que emanam desse grupo e dos valores elencados pessoas que dele participam. Assim, quando discutimos sobre representação da identidade social, outra observação deve ser tomada: Nem sempre o que fazemos é fruto do que somos ou pensamos, podem simplesmente revelar uma imagem transitória decorrente do contexto situacional em

que nos encontramos. As reações do ser humano não podem ser vistas de maneira lógica, mas sim, racionais, portanto, sujeitas a várias interpretações.

Enquanto seres humanos, somos propensos aos valores. Esse fato nos faz atribuirmos à pessoa, os valores correspondentes aos seus atos, conforme nossos julgamentos. Em muitos casos, a pessoa tem o valor que tem os seus atos para o auditório a quem se dirige.

Perelman e Tyteca (2005, p. 345) tratam sobre essas questões na relação que as pessoas mantêm a partir do desenvolvimento de seus atos, quando dizem que “a reação da pessoa sobre seus atos é influenciada por um dos fatores os quais a psicologia social concedeu a maior importância, o do prestígio”. Essa importância está relacionada ao fato de que a pessoa que tem o prestígio, considerado uma qualidade dos que se reconhecem por seus efeitos, desperta em outra pessoa, o desejo de ser igual, de gozar dos mesmos valores.

Ao se dirigir ao auditório, o orador, fazendo uso das premissas que lhe servirão de base a sua proposição, conta com a adesão de seus ouvintes. Contudo, Perelman e Tyteca (2005) atentam para o fato de que isso pode não ocorrer, seja por não aderirem ao que este orador lhes apresenta, seja por perceberem a unilateralidade da escolha das premissas, seja por ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação dessas premissas. Assim, um dos grandes problemas do orador é descobrir quem são realmente os seus destinatários, imprescindíveis para o efetivo processo de persuasão.

A noção de valor surge em meio à multiplicidade dos grupos formadores dos auditórios. Perelman e Tyteca (2005) destacam que o orador recorre aos valores para motivar o ouvinte a fazer determinadas escolhas ao invés de outras, para justificar estas escolhas, de maneira que se tornem aceitáveis em detrimento de outras. Os autores então apontam que a exposição de valores não confere a uma verdade, mas naquilo que os oradores querem que acreditamos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: DA PRODUÇÃO DOS TEXTOS À CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

3.1 Questões pertinentes ao ensino de língua portuguesa na escola regular

Neste subtópico 3.1, abordaremos algumas questões pertinentes ao ensino da língua e ao nosso trabalho de maneira mais especifica, tais como os documentos oficiais que norteiam o ensino da língua, a argumentação em textos escritos, a necessidade da transposição didática dos conteúdos no ensino da produção textual e questões sobre dissertação escolar, respectivamente nessa ordem.

3.1.1 Dos documentos oficiais à prática de ensino em sala de aula

A linguagem é o meio de interação entre os homens. Isso é o que a torna fundamental para que a comunicação se realize. Então, dentro desse papel social que a linguagem desempenha, há a língua que em uma definição mais simples a chamamos de código linguístico.

Uma das práticas mais comuns do século XX foi centrar-se no estudo de língua relacionado ao código. Do estudo da estrutura da língua, foram explorados aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos do significante linguístico se estendendo, ao máximo, à sentença frasal.

A escola, definida como um ambiente social destinado ao ensino e à aprendizagem da língua, se apropriou dessa estrutura e no ensino, além de ignorar outras linguagens, elegeu, por um bom tempo, o ensino da língua escrita como o objetivo da língua portuguesa. Entende-se, aqui, língua como “um conjunto de práticas sociais e cognitivamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

Práticas essas que os falantes concretizam a experiência com a realidade e a partir da realidade. A escola não previa um sistema variável, pelo contrário, tomou como objeto de ensino a língua em um sistema previamente determinado. O papel da escola seria o de fazer com que os alunos seguissem uma estruturação na fala e na escrita, sendo que nessa última situaria o trabalho escolar. O trabalho partiria do

ensino aprendizagem de letras, sílabas, palavras e frases até que o falante da língua estivesse alfabetizado, só assim, a escola passaria a trabalhar com o aluno um elemento linguístico superior, o texto.

O conceito de texto, ainda nesse momento, é o de um produto acabado, explicitamente escrito, pronto para ser entendido, ou seja, um mero objeto de codificação e de decodificação de palavras e frases reunidas em um único evento, de forma autossuficiente. Nessa perspectiva, o aluno não se relaciona com o texto, apenas o identifica. Não ocupa lugar no discurso e nem se determina na relação com texto, portanto, não se configura como sujeito do discurso e nem como interlocutor, pois não é levado em conta que para produzi-lo ou entendê-lo é necessário considerar seu conhecimento de mundo, os interlocutores, a situação que prevê a necessidade de se comunicar e o contexto. Sua subjetividade é anulada nessa experiência e não se inscreve no processo de produção e recepção.

Por muito tempo, a escola se restringiu a esse modelo de ensino da língua. Basta folhear algumas cartilhas de alfabetização da década de 80, nas quais podemos encontrar e observar uma variedade de exemplos como esse, “Eva viu a uva” que para o leitor pouco importava quem Eva é ou o que é uma uva; onde Eva estava, para ser importante relatar que ela viu uma uva, ou se o importante não seja Eva e nem muito menos o lugar em que estava, mas o fato do objeto visto, ser visto, a uva. Sem deixar de mencionar a escolha do determinante antes do sintagma nominal “a” (aquela, determinada) uva e não “uma” uva qualquer. Outro exemplo de ensino que segue esse modelo anterior é “Escreva uma narração, em que você não faça parte da história” ou “Descreva seu melhor amigo”. É certo que o entendimento sobre o que é um texto e de como produzi-lo, nessas exposições, não é o mesmo encontrado nas últimas gerações dos manuais didáticos, que o definem como um tecido estruturado, “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivos” (MARCUSCHI, 2008, p.72) o texto, em sala de aula, por vezes, é apenas um objeto linguístico para uma finalidade estática no processo pedagógico.

Os manuais linguísticos não demoraram em propor o texto como um evento comunicativo pautado na existência de um sujeito, no conhecimento de mundo que esse possui, de um contexto em que a comunicação ocorre e da presença de interlocutores, elementos fundamentais que traduzem uma realidade virtual em uma realidade concreta, externada através de uma linguagem – não necessariamente, de exclusividade verbal. A partir de então, o trabalho com o texto em sala de aula deve

ultrapassar os limites da modalidade escrita e abranger também a oralidade. O código, nesse novo entendimento do que é texto, é um dos aspectos a serem estudados, não o mais relevante.

A perspectiva aqui é assumida, quanto aos gêneros, é a bakthiniana que privilegia o texto em sua constituição e em sua materialidade. Soma-se a essa concepção o conceito de que linguagem e ensino devem privilegiar e envolver "individuo, história, cultura e recepção de textos (...) (BRAIT in ROJO, 2008, p. 16)

O intuito é demonstrar que os conceitos bakthinianos quanto ao texto não se prestam a ação mecânica, no entanto, visam despertar no leitor ou produtos de textos a capacidade de dialogar e, a partir de sua materialidade surpreender o sentido ou se surpreender com esse, em uma troca cíclica e permanente.

Segundo Vygotsky (1999), aprendizado e desenvolvimento se relacionam de maneira complexa e dinâmica. Isso se dá de tal forma que a informação se transforma em conhecimento e, por consequência, em conhecimento no decorrer da vida social do indivíduo.

Os PCNs têm, portanto, uma forte ligação com os postulados de Vygotsky e de Bakthin, visto que, trazem para a lingüística o conceito de comunicação entre um emissor ativo e um receptor passivo mediador por um texto, um conteúdo possível de interpretação e de entendimento.

> Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. [...]
> Em síntese, pela linguagem se expressam idéias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações. Isso aponta para outra dimensão da atividade da linguagem que conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Por um lado, se constroem, por meio da linguagem, quadros de referência culturais representações, teorias populares, mitos, conhecimento científico, arte, concepções e orientações ideológicas, inclusive preconceitos pelos quais se interpretam a realidade e as expressões lingüísticas. [...] Nesse sentido, a linguagem contém em si a fonte dialética da tradição e da mudança. Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprendê-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (PCN pp. 20)

A partir dessas concepções, que vão sendo descritas, surgem o conceito de texto, discurso e gênero, elementos essenciais no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na escola, que serão abordados no decorrer de nosso trabalho, especificamente no tópico a seguir que trata sobre *Argumentação em textos escritos: as relações de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa.*

3.1.2 Argumentação em textos escritos: as relações de ensino-aprendizagem em língua portuguesa

Ao utilizarmos o termo argumentação em textos escritos dentro das relações de ensino – aprendizagem em sala de aula, quanto à produção textual, devemos ter consciência que essa discussão circunscreve três áreas do conhecimento: a filosofia, a psicologia e a educação, que mesmo distintas, se apresentam pontos de intersecção nas relações de ensino – aprendizagem. Na esfera da filosofia, tomaremos os postulados de Perelman e Olbrechts - Tyteca (2005) que constituem a Nova Retórica e de Foucault em relação à lógica, à significação das palavras e à constituição do discurso, a fim de analisar as questões relativas à argumentação em uma perspectiva conceitual e linguística. Quanto ao campo da psicologia, utilizamos as considerações da psicologia histórico-cultural que tem Vygostsky (1991) como um dos principais teóricos. Na esfera da educação, especificamente, na produção de textos e de sentido, nos concentramos nos escritos de Fiorin (2007) e Bakthin (1992) que tratam das relações discursivas e do sentido estabelecido nessas relações, assim como os modos de organizar o pensamento e a expressão verbal.

Mesmo que o ensino de produção de textos seja baseado em uma longa tradição e essa, historicamente, se apresente fundamentada na lógica, a organização e a apresentação do discurso estão vinculadas a uma teia de marcas argumentativas que envolvem uma seleção de perspectivas que são seguidas, em uma dinâmica interacional, para que assim se cumpra a realização de um enunciado significativo dirigido pelo pensamento racional (*logos*). Não pretendemos adentrar nas discussões quanto às relações lógicas e nem tampouco aquelas tomadas por Aristóteles quanto ao esforço de persuadir o outro, que além do conceito de *logos*, requer que também se considere a forma como o orador se apresenta (*ethos*) e as emoções (*pathos*) que introduzem mudança nos juízo. Apresentamos, aqui, essas colocações para que mesmo que nossas considerações sobre os processos argumentativos não repousem

na lógica, os princípios que organizam a linguagem são universais, ou seja, válidos a quaisquer línguas, visto que, conforme Ducrot (1989, p. 16) “ o valor argumentativo das palavras é o responsável pela direção argumentativa do discurso”.

Vygotsky (1991), quanto a formação dos conceitos, por concordar que o uso dos signos em uma série de eventos culturais ocorridos ao longo do desenvolvimento das pessoas possibilita que um processo interpessoal seja internalizado e incorporado em um sistema de comportamento culturalmente reconstituído passe por uma reconstrução psicológica e se transforme em um processo interpessoal preciso com a finalidade de dar subsídios ao sujeito nas práticas de linguagem.

Acreditamos quer nessa perspectiva, o trabalho com gêneros discursivos, no sentido vygotskiano do termo, pode ser considerado um instrumento psicológico para apropriação da linguagem. Corroboram a essa abordagem os estudos de Marx e Engels (1969) quando afirmam que a apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos.

Ainda nesse entendimento sobre apropriação de saberes, Rojo em Schuneuwly (2004) enumera algumas considerações que devem ser lembradas para explicar essa relação entre utilização do gênero e desenvolvimento das capacidades individuais do sujeito (em nosso trabalho, entendamos como a figura do orador):

> O instrumento torna-se, assim, o lugar das transformações dos comportamentos (...). Esses esquemas de utilização são plurifuncionais: por meio deles, o instrumento faz ver o mundo de certa maneira e permite conhecimentos particulares do mundo (o machado e a dureza da madeira). Ele define classes de ações possíveis através das finalidades que se pode atingir graças a ele (cortar árvores); ele guia e controla a ação durante o seu próprio desenvolvimento. (p. 22)

Por essa ótica, a escolha de um gênero discursivo se determina pela esfera (em nosso trabalho, a escola), por as necessidades da temática (apresentar valores em técnicas argumentativas na teia discursiva do gênero dissertação escolar, por o conjunto de participantes (alunos/oradores) e a intenção do orador (representar uma identidade social do bairro a partir dos valores hierarquizados em produções textuais).

Quanto à argumentação em textos discursivos, o espaço escolar evidencia, dependendo do gênero a ser trabalhado e, consequentemente, de sua tipologia, uma variedade de traços argumentativos que por vezes, são observados apenas em textos que previamente se apresentam incluídos na tipologia dissertativo-argumentativa.

Embora que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) estejam em vigor desde 1998, os documentos não apresentam orientações sistematizadas para o ensino da argumentação nem oferecem ao professor indicações precisas do que deva ser feito, visto que não há um direcionamento da utilização dos conceitos mobilizados. É pelo domínio dos recursos lingüístico-discursivos mobilizados pelas ações da linguagem que nos leva a entender que a argumentação está presente em qualquer uso de linguagem desde que efetive um vínculo intersubjetivo, que reconheça nesse um efeito de sentido, enfim, uma argumentação.

Na perspectiva que todo texto tem uma base argumentativa e, da mesma forma, subjacente ao postulado bakthiniano de que a linguagem não é neutra, visto que usamos os recursos lingüísticos para apresentar e defender nossas concepções sobre mundo e sobre a vida; acreditamos que alguns textos apresentam de forma mais explícita o objetivo de defender ideias (em nosso trabalho, apresentar uma identidade em dissertações escolares). Assim, todo texto tem cunho argumentativo. E ainda mais dialoga com outros textos seja para validar ou negar as proposições as quais apresenta.

Tomando por base [ainda] Bakthin, acerca o conceito de dialogismo, cujo sentido pode ser interpretado como elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito ao permanente diálogo existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura e uma sociedade - nem sempre simétrico e harmonioso, como ressalta Foucault (1988) – assim como elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos dos discursos instaurados em “contextos que não estão justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se em numa situação de interação e de conflito tenro e ininterrupto.” (Bakthin, 1981,p. 96). Dessa forma, muitas características da situação de interação com certeza interferem em tais decisões. Dentre tais fatores podemos mencionar as representações do orador a respeito às categorias que utiliza para conduzir a adesão do auditório e levá-lo a aceitar sua posição sobre determinado assunto.

Em relação ao ensino da produção de textos em Língua Portuguesa, tomamos como certo que é indispensável fazer nossos alunos refletirem sobre a potencialidade que eles têm quanto a veicular suas informações, a defender suas teses e a explicitar valores em textos escritos.

Outro aspecto importante e que deve reter nossa atenção – em um momento *a posteriori* – é fazê-los perceber que independente da forma que esses argumentos se apresentam, o orador os utiliza como categorias para convencer e justificar seus pontos de vista mediante um auditório.

Nesta pesquisa, defendemos a idéia de que não existe um modelo de texto argumentativo ideal e nem critérios que definam, *a priori*, o que é um bom texto argumentativo. A concepção na qual acreditamos é que a argumentação é essencialmente dialógica e emerge em situações nas quais diferentes pontos de vista são possíveis. Esse ponto de vista é validado em nosso trabalho, visto que, de acordo com uma das motivações que fomentaram o nosso trabalho – a de criar uma identidade social do bairro Granja Portugal, decorrente da hierarquia de valores representados nos discursos escritos desses oradores – há pontos de "encontramento" dialógico.

Fiorin (2016) apresenta um comentário interessante acerca a propriedade argumentativa da linguagem:

> O senso comum tem a concepção de que a argumentação é uma questão de conceitos, servindo a linguagem para revesti-los. No entanto, essa concepção é errônea, pois os conceitos são significados criados pela linguagem humana. Portanto, a argumentação é uma questão de linguagem. (FIORIN, 2016, p. 78)

Assim, acreditamos, de acordo com a propriedade dialógica da linguagem, que o orador trabalha com a idéia de destinatário, assim como, trabalha, também, com a realidade polissêmica da linguagem. Bronckart (1999) nos alerta que, mesmo que possamos indicar algumas fases próprias do discurso argumentativo (introdução, justificativa, exemplos, argumentos) essas fases não aparecem em todos os textos e, quando aparecem, não seguem a mesma ordem ou modelo.Por esse motivo, consideramos que a escola precisa ajudar os alunos a aprender a diversificar os modos de defender seus pontos de vista, criando categorias diversificadas para tal.

Quanto à produção de textos em Língua Portuguesa, quando se busca argumentar, mesmo, previamente se valendo de um gênero selecionado, não alimentamos a perspectiva de atender um protótipo textual de dissertação escolar, visto que, sabemos da influência do contexto físico e ideológico do ambiente escolar sobre o produto da escrita. Historicamente, a escola pede que os alunos escrevam para cumprir um protocolo, capitalizar notas e por fim engavetá-los. Esse é um dos

motivos que nos fizeram tomar alguns cuidados, em nossa pesquisa, ao tratar do gênero escolar em análise, a dissertação escolar, tais como propor a produção do gênero como um evento social; como também, alertar aos alunos que, quem escreve, reveste seu discurso com as representações (*ethos*) e perspectivas do auditório. Há implicitamente no discurso desse ambiente uma recomendação de que os alunos escrevam para destinatários reais e diversificados. No entanto, alertamos que, mesmo nesses casos, há um jogo de representações, pois os alunos sabem que escrevem para aprender a escrever e o professor, assim, continua sendo um interlocutor e, geralmente, o principal leitor dos textos.

A aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. “Nesse lugar, produzem–se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz que conduzem a construção de praticas de linguagem.” (SCHUNEUWLY e DOLZ, 2007, p.64). Podemos entender que os gêneros, por seu caráter genérico são um “termo de referência intermediária”, como definem os próprios autores, além de ser considerado um mega instrumento nas situações de comunicação. Nessa perspectiva, a escola, por sua vez, com a missão de ensinar a desenvolver as competências de leitura e de escrita, de certa forma [mesmo sem tomar conhecimento] sempre trabalhou com gêneros, com formas de linguagem bastante específicas.

Propomos ampliar tal discussão, recuperando o pressuposto defendido por Schneuwly e Dolz (1999) de que há um desdobramento dos gêneros textuais na instituição escolar, dadas as suas peculiaridades e finalidades sociais: “fazer aprender” e “fazer escrever para atender a finalidades diversas de escrita.”

Para tratarmos sobre as situações de produção, partimos dos postulados de Rojo (2003) sobre o princípio de que o texto:

> [...]passa a só adquirir sentido / significado / circulação a partir de situações concretas de produção (enunciação), que devem ser caracterizadas e levadas em conta enunciativamente, e não mais comunicacionalmente. Passam, então, a ter valor heurístico para a atribuição de sentido ou interpretação a pertinência a grupo ou cultura, os enquadres institucionais, as relações de poder e hierarquia nas instituições e os papéis sociais aí assumidos, determinantes de perspectivas, as relações interpessoais (ROJO, 2003, p. 201).

Assim, com base nos pressupostos anteriormente citados, entendemos que uma abordagem sócio-histórica prediz, em um discurso do orador, que contemple “não

só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham dessa objetividade, os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com quem estão." (FREIRE, 1987, p. 86). Destarte, os discursos no texto do orador trazem à tona os valores, os interesses, os conflitos e as diferentes direções tomadas pelos mesmos participantes de um mesmo processo histórico. Por conseqüência, as palavras assumem diferentes significados, devido ás diferentes formações discursivas e ideológicas dos oradores.

Por fim, o trabalho com a argumentação em textos escritos possibilita identificar as relações imediatas do orador com o auditório, entre o orador e seus valores, acerca as ideologias que perpassam os discursos que representam a identidade social.

Outro elemento bastante relevante quanto ao ensino de Língua Portuguesa são as situações de produção que serão tratadas no tópico a seguir, *sequência e transposição didática: elementos fundamentais para um ensino produtivo.*

3.1.3 Sequência e transposição didática: elementos fundamentais para um ensino produtivo

Conforme já discutido no tópico anterior, durante muito tempo, o ensino de língua portuguesa no Brasil foi pautado pelo tradicionalismo, que colocava em evidência *verdadeiras* aulas de pura gramática normativa, fossem na perspectiva prescritiva ou analítica. O objetivo do português era exclusivamente ensinar gramática.

Neste tópico, porém, não trataremos mais sobre o aspecto histórico dessa evolução, visto que essa questão não constitui o foco deste trabalho; por isso, pontuaremos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 9.394/96, que revolucionou a realidade educacional do ensino básico ao estabelecer um elo entre a educação, trabalho e o exercício de cidadania. Conforme proposto em Brasil (2006, p.12), no art. 22, "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar – lhe à formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer - lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores".

A lei supracitada impulsionou o ensino fazendo com que fossem revistos os currículos, que tiveram de se adaptar tanto em termos de conteúdos, quanto de metodologias. Agregada a essa lei, teve ainda, a implantação dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN), ocorrida no ano seguinte, 1997, os quais orientam para uma reorganização metodológica no ensino,

Os PCN reivindicam que a prática educativa considere o contexto sociohistórico e cultural dos aprendizes, pedindo observância em relação às diferenças que cerceiam a sociedade, como diferenças culturais, regionais, éticas, religiosas e políticas, que por muito tempo foram desconsideradas no âmbito educacional, pois somente assim, o processo de construção da cidadania poderá ser eficiente.

As mudanças pedagógicas chegaram à educação, sob muita pressão por parte das políticas educacionais desenvolvidas entre os diversos segmentos sociais. Essas políticas foram fundamentadas em trabalhos de especialistas de vários países. Este é também outro caminho, que não enveredamos neste aporte teórico. Não é por demérito, mas somente, por não está no foco desta pesquisa.

Com as mudanças, as aulas de língua portuguesa, de onde vieram as os textos ancorados no gênero dissertação escolar que compõem nosso *corpus*, saíram da versão tradicional do ensino, e chegaram ao texto como base para a formação de um sujeito com habilidades discursivas suficientes para atuar criticamente nos mais diversos contextos comunicacionais que a vida lhe proporcionar.

O ensino de língua passou a ser visto sob novos olhares, devendo ser primordial, consoante Travaglia (2009, p.17), “desenvolver a competência comunicativa” dos usuários dessa língua. O desenvolvimento dessa competência resulta nos usuários a capacidade de usar a língua de forma adequada nas mais variadas situações comunicacionais, o que concebe ter uma visão de linguagem que permite o processo de interação social.

A título de compreensão, vejamos o conceito de ensino produtivo de Halliday *et all apud* Travaglia (2009), que tomamos por referência neste estudo.

O ensino produtivo objetiva ensinar novas habilidades linguísticas. Quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente; dessa forma, não quer ‘alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas. (HALLIDAY *et all apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 38-39)

É com esse pensamento de aquisição de novas habilidades linguísticas partindo dos conhecimentos de que já possui; entretanto, objetivando ampliar os

recursos de modo a gerenciar numerosas potencialidades ofertadas pela língua em uso, nas mais diversas situações, que elencamos a Teoria da Transposição Didática de Yves Chevallard, como propulsora para a sensiblização prévia das oficinas realizadas, quanto à contextualização e à percepção da identidade social.

A Transposição Didática, nesta perspectiva, foi pensada como maneira de aproximar os saberes do dia a dia aos saberes dos conteúdos de ensino da língua portuguesa. A interação entre saberes comuns do cotidiano e saberes escolares funcionam como meio para que a aprendizagem significativa aconteça.

Dessa forma, é possível verificar que o trabalho com produção de textos exige novos caminhos outrora não vivenciados nas aulas de língua portuguesa. Em nossa pesquisa, fizemos um breve resgate para que o aluno saísse do senso comum e percebesse em suas próprias experiências, particularidades ao trabalhar a identidade do bairro. O processo de sensibilização da contextualização do *corpus* – a representação da identidade social - foi desmembrado em 13 subtópicos, que veremos a seguir, a fim de situarmos o leitor diante das discussões propostas neste tópico, por acreditarmos que ao nosso interlocutor interessaria compreender um pouco mais das questões sobre identidade social em nosso trabalho. Entretanto, no tópico a seguir ficaremos com algumas discussões quanto ao gênero dissertação escolar.

3.1.4 A dissertação escolar: de tipologia a gênero textual

Segundo Köche (2013), a dissertação escolar é um gênero textual que constrói uma opinião em torno de uma questão proposta. De acordo com a autora, discute-se bastante a dissertação escolar como gênero prototípico que circula no domínio discursivo escolar como “porta de entrada” para a produção de textos argumentativos escritos.

Esses postulados baseiam-se no entendimento que se têm sobre a escola, um lugar social à construção da escrita e da realização de vários gêneros orais e escritos, possibilita as primeiras aproximações do aluno com as esferas de interação social, por meio de textos.

Schuneuwly e Dolz (2013), ao discutirem os gêneros como objetos de ensino ressaltam que a aprendizagem da linguagem se dá no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Segundo esses mesmos autores, o gênero

pode ser considerado um megainstrumento que fornece um suporte nas situações de comunicação. No entanto, com uma finalidade mais pedagógica, há gêneros denominados “escolarizados”, cuja função objetiva ampliar a competência comunicativa do falante. Esses gêneros como destacam Schuneuwly e Dolz (2013), “são autênticos produtos culturais da escola” (SCHUNEUWLY e DOLZ, 2013, p. 77). Dessa forma, atuam como pontos de referência para o ensino da produção textual.

Koch (2004) salienta que “a escolha do gênero se em função dos parâmetros de situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio – fim, que é a estrutura básica de uma atividade mediada.” (KOCH, 2004, p.164). Assim, a autora apresenta uma metáfora do gênero como megainstrumento – metáfora essa desenvolvida por Schuneuwly(1994), para agir em situações de linguagem.

A construção de esquemas de utilização dos gêneros levaria a necessidade de adaptá-los a cada situação particular, ao mesmo tempo em que figuraria, previamente, as ações lingüísticas possíveis. A escolha de um gênero específico ou a reconstrução de um, já existente, a fim de desenvolver por meio do ensino – aprendizagem as aptidões lingüísticas exigidas conferem um fim, nesse caso, uma finalidade de consistência pedagógica.

Dessa forma, o ensino de gêneros que permeiam predominantemente essa tipologia seria uma forma concreta de possibilitar o poder de atuação de ensino aos educadores e de aprendizagem, aos educandos.

Isso se faz necessário devido cada vez as sociedades letradas exigirem que os indivíduos saibam expor suas ideias, de forma ordenada e coerente; que defendam suas ideias, apresentem suas teses, e nelas seus valores, com argumentos coerentes e consistentes. Enfim, que os alunos – os oradores – sejam capazes de articular suas práticas discursivas para o exercício pleno da cidadania.

Para que isso aconteça, é necessário que os indivíduos desenvolvam uma competência metagenérica na medida em que se envolvam nas diversas práticas sociais. E a fim de que isso de fato se realize, devemos ampliar a nossa compreensão acerca das “práticas sociais”.

Santos (1996) confere que a aprendizagem é uma prática social, visto que envolve a pessoa em sua globalidade. Isso explica questões que abrangem desde a metalinguagem até relações sociais estabelecidas pelos sujeitos através da linguagem. Na perspectiva do autor, ações da metalinguagem e das relações sociais estabelecidas pela linguagem se alternam na aprendizagem.

Faz-se necessário, também, superar o ensino tradicional da dissertação escolar, baseado em modelos e restrito, quase sempre a estrutura textual e a obediência aos padrões gramaticais, visto que, nesse gênero não se apresenta imediatamente uma opinião acerca de uma questão proposta, acrescida de alguns argumentos que sustentam essa opinião. Para Delcambre e Darras (1992), dissertar não é dizer o que pensar, mas apresentar ao auditório que se pensa, como uma opinião continuamente construída, e não com enunciados improvisados, e como se pensa, colocando em evidência os argumentos. Segundo as autoras, a análise de uma questão polêmica conduz a formulação de uma posição pessoal, e se diferencia radicalmente da simples resposta dada, por exemplo, em uma entrevista, na qual o orador evidencia instantaneamente a sua opinião.

A dissertação escolar é tipologicamente heterogênea, pois, agregadas à tipologia de base dissertativa, podem estar inseridas outras sequências, como a narrativa, a descritiva, entre outras, que dão suporte à argumentação. Normalmente, a linguagem é comum, e o tempo verbal é o presente do indicativo, pois esse tempo verbal permite uma discussão a respeito do assunto. Nessa discussão, o mais importante serão tanto as ideias do autor (os valores e natureza dos argumentos) quanto a maneira como ele as desenvolve. Por exemplo, “Meu bairro é perigoso, mas é bom de se morar porque tem padaria e supermercado”, importa-nos a opinião (O bairro é perigoso), a tese (O bairro é bom de se morar, mesmo diante de tantos perigos) e os valores (a comodidade).

É na tecitura desse jogo argumentativo que a análise da nossa pesquisa se constrói. O trabalho com a dissertação na perspectiva da Nova Retórica implica conceber a dissertação escolar – assim como em outros gêneros - como um gêneros com propriedades inerentes a sua composição: teses, técnicas, valores, enfim, argumentos que se realizam dentro de um propósito comunicativo. Assim, em nosso trabalho, consideraremos a dissertação escolar como um gênero produzido na escola para o ensino – aprendizagem de textos que circunscrevem na argumentação.

Concluídos os comentários sobre as questões pertinentes ao ensino da língua, seguiremos com os comentários que permeiam as categorias de representação social e identidade, no tópico a seguir.

3.2 Procedimentos metodológicos

Nossa pesquisa tem a pretensão de oferecer contribuições para a Lingüística Aplicada, pois essa é uma área de pesquisa que tem a preocupação de identificar, entender e discutir sobre problemas de caráter prático que surgem na linguagem para então trazer novas possibilidades de melhoria da qualidade discursiva da vida das pessoas nos variados campos de interação social oral ou escrito, tais como institucionais, sociais, econômicos e escolares (CELANI, 2000).

Toda pesquisa deve materializar um objeto de análise. O corpus dessa pesquisa será os textos produzidos pelos alunos, que pelo projeto de pesquisa apresentar um caráter interventivo, segue além texto. Neste tópico, o propósito é apresentarmos o desenho de como foi realizada nossa.

Nosso trabalho se deu por meio de projeto de pesquisa descritivo, de abordagem qualitativa, ”Essa abordagem é utilizada quando se busca descrever a complexidade de determinado problema, não envolvendo manipulação de variáveis (,..) (GRESSLER, 2004, p. 21).

A preocupação em adotarmos essa abordagem se refere ao objetivo de apresentar a realidade – as categorias argumentativas utilizadas para representar os valores que representam a identidade social - tal como se apresenta sem inserir novas informações.

3.2.1 Critérios de seleção e constituição do *corpus*

Ao refletirmos sobre os métodos de pesquisa por nós adotados nesse estudo, chegamos à conclusão de que partilhamos tanto do método dedutivo quanto do método indutivo, uma vez que, analisamos o problema da falta de envolvimento/posicionamento do aluno diante dos textos, considerando o problema geral para o particular, e aqui fazemos uso da dedução, mas também utilizamos da convivência e experiência, enquanto professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, para observar casos concretos, particulares, para podermos chegar ao problema geral, utilizando, pois, a indução. Nesse sentido, nossa caracterização se ampara no que diz Gil (2014), ao apontar que a indução parte da observação de fatos

ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer, podendo se chegar a uma conclusão verdadeira.

Considerando, como já exposto, a experiência profissional, enquanto professora de Língua Portuguesa e percebendo a atividade dos alunos diante de textos que se aproximam de sua realidade, optamos por trabalhar com o gênero dissertação escolar. Nossa pesquisa voltar-se-á, a priori, para pesquisa, catalogação dos valores que representam a identidade social do bairro Granja Portugal, e do estudo e da análise das categorias argumentativas utilizadas pelos alunos a fim de tal representação. Nessa perspectiva, o passo a passo de nossa pesquisa se deu com: (i) definição do *corpus*; (ii) levantamento de aspectos presentes no *corpus*, condizentes com a proposta da pesquisa; (iii) análise/interpretação de tais aspectos, visando enfocar os objetivos pretendidos pela pesquisa.

Com o material para análise em mãos, nos deparamos com três possibilidades de procedimentos aplicáveis a análise de nossa pesquisa:

- ✓ A totalidade dos textos coletados;
- ✓ Uma amostra representativa desses textos;
- ✓ Os componentes específicos, (categorias argumentativas condizentes com as de nosso estudo), mesmo que não representativas, da totalidade dos textos coletados.

Optamos então, por trabalhar com uma amostra categorizada da seguinte maneira: todos os textos da primeira e da segunda produção totalizando 28 textos e uma amostra representativa de 05 textos da primeira e da última do mesmo orador, como o objetivo de comparação e análise da progressão textual, levando em consideração fatores compreensão dos objetivos e presença das categorias argumentativas, pretendidas em nossos objetivos.

Bauer e Aarts (2002) apontam a existência de dois tipos básicos de amostras: uma probabilística, em que todas as partes de um todo têm a mesma probabilidade de serem selecionadas e uma não probabilística, na qual as amostras são selecionadas de acordo com a conveniência do pesquisador ou os objetivos da investigação. Nessa perspectiva, adotamos a segunda possibilidade de amostra, levando em consideração que essa opção vai ao encontro com os objetivos pretendidos em nossa pesquisa e, consequentemente atende melhor aos critérios de estudo do pesquisador, ao determinarmos a análise dos valores, lugares e técnicas

mobilizadas pelos alunos em seus textos. Assim, nossa amostra se constitui de 33 produções escrita, sendo 28 textos de análise geral das categorias argumentativas e 05 de caráter comparativo dessas mesmas categorias.

3.2.2 Análise de dados

Considerando, pois, a natureza de investigação desta pesquisa, os objetivos pretendidos, o universo de estudo e os procedimentos de constituição de nosso *corpus*, passamos, a partir daqui, a fazer uma descrição, detalhando os principais procedimentos utilizados para análise dos dados coletados.

Para analisarmos as categorias argumentativas utilizadas pelos alunos em suas produções escritas, atentando especificamente para as teses, valores hierarquizados e principais técnicas, objetivo geral de nossa pesquisa, procedemos metodologicamente, com base em Souza (2003), a partir de cinco questões para que, aplicadas aos trinta e dois textos constituintes de nosso *corpus*, pudéssemos, fundamentados nelas, encontrar em nossa análise, respostas para elas e, ao fim da análise, compararmos os resultados obtidos. Assim, objetivamos responder as questões, a saber: (i) de que fala o texto (a tese principal)? (ii) que valores são percebidos nos textos do contador e dos alunos? (iii) Como esses valores são hierarquizados por eles? (iiii) A que lugares se referem os argumentos mobilizados pelos alunos? (iiiii) Quais os principais argumentos utilizados (as técnicas argumentativas)?

Optamos por padronizar um gênero específico, ao solicitar as produções dos alunos, para que as peculiaridades do gênero por nós determinado, facilitasse ao aluno a atividade de se posicionar livremente quanto a temática trabalhada na proposta de produção textual, assumindo posicionamentos diversos, a depender da experiência mantida com o bairro.

Ao passo em que pudermos encontrar respostas para tais perguntas, estaremos, como objetivado, percebendo a variedade de posicionamentos (diferentes teses), argumentos para defesa de tais posicionamentos (técnicas), valores diferenciados e hierarquizados de modos diversos e assim por diante.

Destarte, ao respondermos as questões acima, estaremos construindo uma compreensão mais significativa das categorias argumentativas presentes em nosso *corpus* e, consequentemente, percebendo/confirmando a nossa premissa a respeito

da influência da temática nas atividades cotidianas de leitura/produção/análise de textos.

Nessa perspectiva, para melhor sistematizar e construir nossa análise, elaboramos quadros sínteses demonstrativos que expõem:

- ✓ A hierarquia de valores estabelecida pelos alunos;
- ✓ As teses principais defendidas pelos alunos;
- ✓ As principais técnicas argumentativas mobilizadas pelos alunos;
- ✓ As relações estabelecidas pelos argumentos principais;
- ✓ A comparação entre a primeira e a segunda versão dos elementos supracitados.

Sendo que, esse último item responderá diretamente ao sucesso da intervenção, **se a proposta de intervenção promoveu uma melhor escrita do gênero dissertação escolar quanto à estrutura e à exposição de argumentos,** visto a comparação dos textos entre suas versões.

3.2.3 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos, que terão seus textos analisados no curso da investigação científica quanto as categorias argumentativas utilizadas a fim de representar uma hierarquia de valores que representam a identidade social do bairro Granja Portugal, são alunos do 8º ano C do turno da tarde. Foi necessária uma prévia definição de critérios para a escolha dessa amostra. O primeiro deles está associado ao gênero (dissertação escolar) trabalhado nas turmas de 8º ano, gênero que serve como porta de entrada para o trabalho com textos que versam sobre argumentação. Quanto à escolha especifica desse turno e turma está associada, respectivamente nessa ordem, à centralização das ações pedagógicas e diferenciadas no turno da manhã, devido a infrequência de alunos do turno da tarde e essa turma ser a que apresenta o maior número de alunos com distorção idade/serie.

Esses dois últimos aspectos implicam um desafio maior quanto à realização da pesquisa, visto que, o percurso pedagógico a ser desenvolvido deverá ser muito mais motivador e atraente. Deverá apresentar novas perspectivas sobre o estudo da língua e deixar explícita a importância de estudá-la, caso contrário, o corpus de análise será bem reduzido.

A seguir trataremos sobre os procedimentos de intervenção realizados em sala de aula quanto à análise dos textos produzidos pelos alunos.

3.2.4 A intervenção em sala de aula

Propaga-se, no meio educacional, uma crença de que no ensino de textos argumentativos deveria acontecer na última série do Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio. Essa resistência em trabalhar com textos argumentativos provavelmente se deriva do grau de dificuldade que os gêneros dessa tipologia apresentam.

No entanto, graças às pesquisas no campo da Linguística Aplicada, o ensino de Língua Portuguesa vem passando por mudanças substanciais que são resultados de estudos a respeito do que é linguagem e de como ela é construída em determinada situação e, também, de como se constituem os sujeitos participantes da interação comunicativa. Desse modo, os objetivos centrais do processo pedagógico adquire o caráter de:

> Dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo consciente e voluntária, favorecendo categorias de autorregulação; ajudá-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas. Como produto de um trabalho e de uma lenta elaboração (DOLZ e SCHUNEUWLY e DOLZ, 2004, p.49)

Nessa perspectiva, é indispensável, por ser importante, que sejam oferecidas condição para que os alunos entrem em contato com uma ampla diversidade de textos em diferentes contextos de comunicação, para que possam ampliar as capacidades comunicativas e, assim, ao utilizar a língua, alcançar o efeito de sentido pretendido.

No entanto, algumas considerações devem ser tecidas no plano didático e no currículo. Os PCNs sugerem aos professores o uso de uma variedade de tipos e gêneros de textos. Entretanto, os documentos oficiais deixam a desejar um trabalho de orientações sobre a sistematização de gêneros e tipologias.

Por sua vez, o Livro Didático pouco oferece categorias para o trabalho com a argumentação no Ensino Fundamental. A busca em nossa pesquisa, em abordar em abordar aspectos relacionados à produção de textos de caráter argumentativo advém da concepção de que argumentos é uma atividade social que permeia a vida dos

indivíduos em todas as esferas da sociedade, pois apresenta pontos de vista é defendê-los é fundamental para conquistar autonomia e cidadania.

Perelman (2005) a esse respeito acrescenta:

> Apenas a existência de uma argumentação, que não seja nem coerciva nem arbitrária, confere um sentido à liberdade humana, condição de exercício de uma escolha racional. Se a liberdade fosse apenas adesão necessária a uma ordem natural previamente dada, excluiria qualquer possibilidade de escolha; se o exercício da liberdade não fosse fundamentado em razões, toda escolha irracional e se reduziria a uma decisão arbitrária atuando em um vazio intelectual. Graças à possibilidade de uma argumentação que forneça razões, mas razões não coercivas, é que é possível escapar ao dilema: adesão a uma verdade objetiva e universalmente válida, ou recurso à sugestão e à violência para fazer que admitam suas opiniões. (PERELMAN E OLBRECHTS - TYTECA, 2005, p. 581)

Dada a importância da atividade de argumentar, novas pesquisas analisam questões relativas aos processos de desenvolvimento das capacidades de argumentação. No entanto, são comuns relatos de educadores que sinalizam dificuldades que seus alunos têm em tecer argumentos em textos escritos.

Então, a partir de tais reflexões optamos estruturar um arcabouço de categorias a fim de subsidiar o conhecimento sobre o assunto que permeará as produções escritas: a identidade social do bairro. A seguir, selecionamos algumas categorias de escrita baseadas em sete dificuldades já percebidas e enumeradas, em sala de aula, quanto à produção de textos escritos: Essas dificuldades serão trabalhadas entre a segunda etapa e a última, no desenvolvimento dos módulos da intervenção.

Quadro 01 -Dificuldades identificadas e intervenções sugeridas

Nº	DIFICULDADE APRESENTADA	INTERVENÇÃO A SER MEDIADA
I	Iniciar um texto	Definir o que será escrito e qual será a tese apresentada.
II	Identificar um ponto de vista.	Delimitar o que será defendido pelo orador.
III	Diferenciar tese de adesão de tese principal	Trabalhar as diferentes abordagens que o orador oferece no texto, no entanto identificar a que mais se sobrepõe em relação as outras.
IV	Categorizar argumentos que serão utilizados a fim de validar a tese inicial.	Criar/produzir argumentos
V	Selecionar argumentos que serão utilizados a fim de validar a tese inicial.	Identificar quais argumentos melhor se adéquam a tese a ser defendida no discurso.
VI	Alinhar a tese inicial aos argumentos adequados para validação do discurso.	Analisar/ verificar se há presença de contradição
VII	Identificar o auditório e conferir adaptação para a adesão.	Analisar se os argumentos utilizados conferem adesão ao auditório.

Fonte: Autoria própria

A fim de atender a tal objetivo e, consequentemente, poder atender às necessidades apresentadas pelos alunos, recorremos a proposta de sequência didática de Schuneuwly e Dolz. Os autores salientam, ao propor o uso de sequências didáticas para a produção de textos, que tornam possível a sua escritura quando:

> se inscreve em um ambiente escolar no qual muitas ocasiões de escrita e de fala são oferecidas aos alunos, sem que cada produção se transforme necessariamente em um objeto de ensino sistemático. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das nações, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ e SCUNEUWLY e DOLZ, 2013, p.82)

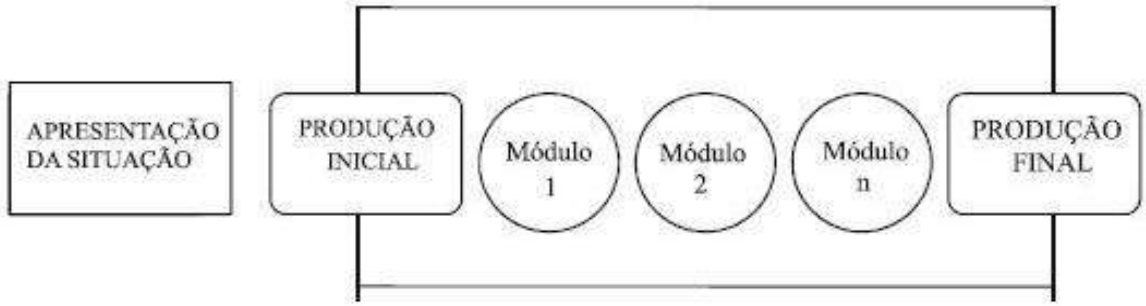
A sequência didática é um conjunto de atividades escolares estruturadas de forma sequencial e gradual em torna da produção textual de um gênero oral ou escrito. Para que se possa ensinar a oralidade e a escrita, é preciso partir de um encaminhamento, ao mesmo tempo, semelhante e diferenciado; propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória; centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e da escrita; oferecer um material rico em textos de referência, escritos ou orais, nos quais os alunos possam inspirar-se para suas produções; ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino e favorecer a elaboração de projetos de classe.

Destarte, ao nos comunicarmos, adaptamos a situação de comunicação: tom de voz, vocabulário, tom e estilo. Esses e muitos outros elementos vão sendo selecionados ou rejeitados. Em nossa pesquisa, optamos em trabalhar com a dissertação escolar – um gênero de entrada para o trabalho com a produção de textos de opinião. Mesmo que a dissertação escolar seja um gênero bastante utilizado na escola pretendemos convergir alguns elementos quanto à tipologia utilizada como a seleção e o uso de argumentos para defender determinado ponto de vista que culmine na representação da identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza – CE.

Como bem justifica os autores, uma das sequências didáticas tem precisamente, a finalidade ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada para o contexto de comunicação. “O trabalho escolar será realizado, evidentemente sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente.” (SCHUNEUWLY e DOLZ, 2013, p. 83).

A sequência será precisamente construída sobre categorias argumentativas que o aluno ainda não domine a fim de dar acesso a novas categorias argumentativas na produção de textos escolares. Os autores deferiram a seguinte estrutura de base representada pelo esquema:

Figura 01 - Estrutura básica de uma sequência didática



Fonte: Esquema de sequência didática (SCHUNEUWLY e DOLZ 2013. p. 83)

Vale ressaltar, como já mencionado anteriormente nas *Considerações Iniciais* desse documento, que a proposta de Schuneuwly e Dolz (2013) sofrerá algumas adaptações para melhor aplicação de nossa pesquisa. O percurso pretendido se dividirá em seis etapas que ao todo contarão com doze oficinas, sendo que cada etapa abrangerá com suas respectivas ações. A primeira etapa se denomina *A apresentação da situação* e constituirá as seguintes oficinas *Tecendo histórias* (Nº 01), *Explorando lugares e encontrando identidades* (Nº 02), *Entrevistando* (Nº 03) e *Dialogando* (Nº 04); Da segunda até a sexta etapa serão abordados especificamente, a *Construção do objeto de análise,* visto que tratarão do processo de produção textual e investigação das categorias argumentativas. Dessa forma, se apresentará a segunda etapa como *Produção Inicial (Nº 05)* que versará sobre o primeiro momento de escrita do texto; A terceira etapa ou *O módulo 01*, que se apresenta dividida em duas oficinas sendo a primeira, desse módulo, com o título *Encontrando o ponto de vista* (Nº 06) e *Identificando as teses* (Nº 07); A quarta etapa ou O módulo 02, por sua vez, traz a oficina *Associando valores* (nº 08), que trabalha o reconhecimento de valores nas teses encontradas; A quinta etapa ou terceiro e último módulo da sequência aborda o trabalho com os argumentos e suas naturezas, além das peculiaridades do acordo prévio e auditório, e, pra isso, traz as oficinas *Conhecendo os argumentos* (Nº 09,10 e11) e *O acordo prévio e seu auditório* (Nº 12) e para finalizar

com o processo interventivo, a sexta etapa ou *Produção Final* (Nº 13), que versará sobre a última versão dos textos produzidos.

Vejamos a seguir um quadro resumo das oficinas desenvolvidas:

Quadro 02 – Módulos para intervenção didática

ETAPAS	OFICINAS	DESCRIÇÃO
1ª - APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	01	*Tecendo histórias*
	02	*Explorando lugares e encontrando identidades*
	03	*Entrevistando*
	04	*Dialogando*
2ª – PRODUÇÃO INICIAL	05	*O retrato do meu bairro pelas palavras*
3ª – O MÓDULO 01	06	*Encontrando o ponto de vista*
	07	*Identificando as teses*
4ª – O MÓDULO 02	08	*Associando valores*
5ª – O MÓDULO 03	09	*Conhecendo os argumentos PARTE I*
	10	*Conhecendo os argumentos PARTE II*
	11	*Conhecendo os argumentos PARTE III*
	12	*O acordo prévio e seu auditório*
6ª – PRODUÇÃO FINAL	13	*O retrato de meu bairro pelas palavras – versão final*

Fonte: Autoria própria

3.2.5 Os trabalhos com a turma

Analisar o texto na perspectiva dos gêneros do discurso implica considerar não só as intenções comunicativas dos oradores, suas proposições, suas intenções, teses a serem defendidas e consciência sobre o auditório a quem pretende se dirigir. O conhecimento prévio sobre o que será trabalhado é fundamental, assim com a construção de categorias que dinamizam a construção de textos.

É conhecido que a competência argumentativa dos oradores leva-os à percepção do que é adequado ou inadequado no discurso oferecido, a conferir adesão de seu auditório. Para isso propomos uma intervenção didática que, além de constituir o corpus de nossa pesquisa, possibilitou trabalhar a argumentação, na perspectiva da Nova Retórica, as teses empreendidas pelos oradores, a relevância e a hierarquia dos valores atribuídos na representação da identidade social do bairro.

Ao nos basearmos em Chevallard (1991), tomamos a iniciar a sequência de atividades baseadas em uma gradação de ideias, a fim de preencher lacunas semânticas nos potenciais oradores: memória => identidade social => conhecer argumentos e suas naturezas.

Outro aspecto de grande relevância são os argumentos utilizados que levam os oradores a validar suas teses, que poderão ir desde argumentos que se ancoram

em lugares comuns e assim, expõem valores já “cristalizados” ou argumentos construídos por esquemas de ligação e/ou dissociação, os quais se complementam, sendo que os primeiros subdividem-se nos argumentos quase-lógicos, os baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real. Enquanto o segundo, “(...) objetivam solucionar uma incompatibilidade do discurso para se construir um conceito de realidade capaz de ser usado para se julgar as aparências.” (RIBEIRO, 2012, p.74) Assim, a dissociação é resultado da depreciação de um valor aceito e de sua substituição por outro que mantenha o mesmo valor do original

3.2.5.1 Primeira etapa – Apresentação da situação

Este subtópico apresenta quatro oficinas que foram planejadas com a finalidade de sensibilizar o aluno quanto às experiências diárias vivenciadas pelos alunos e seus pares no bairro.

OFICINA 01: Tecendo histórias

- ✓ Quantidade de alunos: 22 alunos
- ✓ Duração: 04 h/aulas – 180 minutos
- ✓ Data: 16/08/2016

As palavras que representam o bairro

A primeira etapa da sequência de atividade foi uma conversa informal realizada com a turma. Nela foi questionado sobre qual palavra definiria o bairro Granja Portugal. Os oradores expuseram as seguintes palavras que davam por definição:

ASSALTO - VIOLÊNCIA - ROUBO - TRÁFICO - DROGAS

A recorrência a esses conceitos foi muito relevante, visto que todos faziam parte de um mesmo campo semântico, o da violência. Perelman e Oldebrechts – Tyteca (2005) apresenta que:

> (...) os indivíduos influem sobre a imagem que temos dos grupos aos quais pertencem, e, inversamente, o que achamos do grupo nos predispõe a certa imagem daqueles que dele fazem parte (...) o valor de um individuo reflete sobre o grupo. (PERELMAN - OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 366)

Então, seguiu- se com outro questionamento; “Então, quantos assassinatos ou assaltos tivemos hoje nesse bairro?” O silêncio se apoderou da turma, até um aluno responder “Que eu saiba, nenhum.” Então, logo intercedi, indagando: “Por que vocês mencionaram essas palavras para definir o bairro de vocês? Em que se basearam?” Os oradores comentaram que era comum essa definição. Os moradores, a circunvizinhança, principalmente, a imprensa remetia esse definição àquela região.

Essa condição nos remeteu para outra atividade, a pedi-los que mencionassem os lugares, pontos que marcavam a existência do bairro, ou seja, pontos de referência. O resultado foi o seguinte:

Praça da Juventude – Escola Municipal Conceição Mourão – Supermercado Super Portugal – Supermercado Canadá – Padaria Dom Português – Casa Brasil – Rezadeira Dona Euzira – Feira (agora, em outro local, na rua Londrina) - Rio (não sabem o nome) Cantador Wesley

Como pode ser constatado nas palavras geradoras de memória e de identidade, pouco se tem de memória cultural. Os pontos mencionados são muito recentes e, em sua maioria, referentes ao comércio ou a atividades sociais primárias como a escola. O interessante dessa atividade foi os oradores mencionarem duas pessoas que conferiam identidade própria do bairro: Dona Euzira, a rezadeira e Wesley, o cantador. Eram conhecidos pela circunvizinhança por pessoas próprias do bairro, além de serem bem conhecidas.

Para darmos continuidade com a nossa primeira oficina, apresentamos em mídia digital (slides) a história do menino Guilherme, uma narrativa que apresenta a curiosidade de uma criança para descobrir a memórias das pessoas e a reconstruir a memória de um lugar e daqueles que ali vivem. Vejamos a seguir mais detalhes sobre esse momento.

Visando as memórias do menino Guilherme

Esse momento da proposta de intervenção se deu com a leitura do livro em mídia digital ***Memórias do Menino Guilherme***, anexo 03. O trabalho com o livro dá vida à descoberta realizada por o menino Guilherme sobre as questões relacionadas a memórias suas e daqueles que vivem em um azilo. A tecitura das memórias são feitas a partir do que é marcante para cada personagem do livro, no entanto, as

memórias apresentam pontos que convergem. Isso ajuda ao menino a entender as coisas passadas que se fazem presentes em caixas, retratos, lugares e costumes. Situar os oradores quanto aos conhecimentos recorrentes ao que será trabalhado é importante para subsidiá-los na escolha dos argumentos a serem utilizados nos processos identitários e argumentativos no discurso. Ensinar memórias ou, de maneira mais prescritiva, conceituar o que é memória poderia não ser suficiente para fazê-los entender a complexidade que segue muito mais além do que é comum, pois invade as entrelinhas da subjetividade experimentada. Permitir que os alunos reflitam acerca dos desdobramentos da palavra “memória”, por meio das experiências de um menino, poderá fazer com que cada orador, de acordo com o seu conhecimento de mundo, percorra caminhos diferentes, com diversos graus de importância, de sentido e de significação sobre essa palavra.

Trabalhado a questão da memória para a representação da identidade do bairro, longe de falas já cristalizadas ou do senso comum, demos início a um processo de contação de histórias. Histórias essas que marcavam/identificavam de certa forma o bairro. No entanto, esse momento que será relatado a seguir ocorreu após o lanche coletivo, e de uma singela apresentação circense do *circo – escola* que passava pelo bairro. Fizemos o convite para a apresentação desse grupo nessa tarde de aula diferenciada. Para nossa surpresa, o tema do humor sarcástico era a violência do bairro.

Terminado esse momento de pausa e descontração, partimos para início as atividades restantes da etapa. Ao dar início, foi perguntado aos alunos se eles conheciam algumas histórias bem próprias do bairro, histórias que caracterizassem o bairro. Para sensilibizá-los a participar nessa atividade, comecei uma história bem própria do meu bairro, “que tratava de um cachorro que era solto durante a noite. O cachorro portava um pedaço de corrente no pescoço que se arrastava ao chão e fazia bastante barulho. Os moradores da redondeza acreditavam que se tratava de uma assombração [...]”. Os alunos logo se animaram e começaram a resgatar histórias que traziam consigo uma particularidade bem distante daquilo que o senso comum disseminava sobre aquele lugar. Vejamos a seguir algumas temáticas das histórias contadas pelos alunos:

- ✓ *O Barata*: Um senhor que era acumulador e quando morreu teve objetos de muito valor encontrados nos escombros.

- ✓ *O Carnaval de 2013*: Diversos trabalhos de Umbanda foram encontrados na sexta – feira de Carnaval e como os alunos não sabiam do que se tratavam comeram toda oferenda e ainda, levaram pra casa.
- ✓ *A vendedora de tapioca*: Uma menina bem pequena que vendia tapioca e foi seqüestrada, depois encontrada morte.
- ✓ *A matança no Dom Português:* A padaria Dom Português é um prédio emblemático no bairro. O prédio possui uma fornalha antiga desativada e de fácil acesso. Para evitar a entrada de crianças no local, foi criada uma história a qual narrava que crianças que desapareciam naquele bairro eram capturadas e queimadas ali.
- ✓ *A noite sangrenta:* Noite em que 22 pessoas foram assassinadas em uma guerra de gangue. A maioria dos mortos foram pessoas inocentes.
- ✓ *A missa do namoro:* Os adolescentes utilizam o acontecimento da missa para andar na pracinha e fazer suas paqueras.

Após a caracterização do bairro com palavras-chave, leitura e contação de histórias próprias do bairro, propusemos um trabalho com o mural de memórias.

Linha do tempo por um mural de memórias

Esse momento foi protagonizado com a montagem de uma linha do tempo. Previamente, a professora-regente havia solicitado aos alunos que trouxessem fotografias, relatos ou notícias sobre o bairro. Vale ressaltar, que os alunos pensavam que esse material seria para outra atividade, a qual a professora havia avisado que seria realizada em sala e valeria nota. Eles ainda não tinham conhecimento do trabalho a ser desenvolvido com eles.

A atividade de pesquisa, para esse mural de memórias, trouxe à tona relatos de invasão de terrenos públicos, notícia de apreensão de entorpecentes, assassinatos, inauguração da praça e implantação de ciclovia e o relato de uma senhora de 98 anos que afirmava ter dado guarida a mãe de nosso ex – presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, quando este ainda nem era nascido. A referida moradora relatou que veio do estado de Penambuco tentar a sorte no Ceará e em uma ocasião hospedou a conhecida. Até hoje, D. Maria (vamos dessa forma chamá-la) tem uma casinha ao lado de sua residência e afirma que hospedaria novamente sua amiga neste imóvel . Não se sabe ao certo, devido à vasta idade se dona Maria fantasiou

que se trata realmente de uma memória. O importante para o nosso trabalho foi a reação de os meninos com esse depoimento, “A mãe do Lula, aqui!”. Eles passaram a perceber que o bairro poderia esconder muitas histórias, memórias que os levariam a tecer outra identidade sobre aquela região. Assim, já se valeriam de outros argumentos para justificar suas teses e valores.

Após a realização do mural de memórias, foi lançada verbalmente uma pergunta aos alunos: Esse bairro que conhecemos hoje já era conhecido por vocês? Foi informado aos alunos que eles não precisariam responder, visto que, era apenas para que eles pudessem refletir sobre as informações socializadas. Assim, encerraram-se as atividades de intervenção dessa primeira etapa.

OFICINA 02: Explorando lugares e encontrando identidades

- ✓ Quantidade de alunos: 17 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 18/08/2016

Nessa etapa do percurso de construção do objeto deveria ser composta por uma aula de campo que teria a finalidade de apresentar aos alunos os limites do bairro e os possíveis lugares de memórias. No entanto, por motivo de segurança, o tour não foi realizado conforme o previsto. Para visitarmos o perímetro do bairro, tem uma longa faixa que faz limite com os bairros Bonsucesso e Bom Jardim. Essa região se encontra em conflito de grupos rivais e a líder comunitária nos sugeriu pedir autorização para “visitação e passagem em segurança”. Por questões de ética com a pesquisa científica e de segurança aos alunos, resolvemos não seguir com o tour, visto que para os moradores seria uma afronta solicitar o acompanhamento de forças policiais.

A solução imediata encontrada para o problema foi se utilizar das novas tecnologias, e, assim, realizamos um tour virtual, com a mediação de um aplicativo geográfico, o Google Maps. A atividade foi diferente e, ousamos afirmar que se caracterizou ser bem mais interessante do que aquela planejada no início.

No decorrer da atividade, gerou uma confusão de informações por parte dos alunos. Uns diziam “Professora, isso daqui né Granja, não! É bom jardim! A senhora quer saber mais do que a minha vó, que mora aqui há um tempão?”. Ainda, não havia chegado o momento da produção textual escrita, e os argumentos já estavam sendo utilizados, nessa situação, o argumento de autoridade. Outros procuravam encontrar

sua rua ou residência no aplicativo. Umas buscas tiveram sucesso, já outras não, por não serem cobertas pela abrangência do aplicativo.

Os limites do bairro surpreenderam a quase todos que participaram daquela atividade. Com certa relutância quanto à localização geográfica de seus lugares de pertencimento, tomaram conhecimento dos “novos” limites do bairro. Fechamos a oficina identificando a localização do bairro, “segundo o aplicativo”, visto que a SER V não disponibiliza documentos com informações exatas sobre aquela região.

O bairro Granja Portugal faz fronteira com:

- ✓ O bairro Bom Jardim: Com a Rua Mirtes Cordeiro.(Anteriormente pensavam que o limite era a Jaime Araripe)
- ✓ O bairro Conjunto Ceará: Com as Av. A e H do referido bairro. (Anteriormente, pensavam que era apenas com a Av. H, a região da Av. A uns entendem ser Bom Jardim, outros, fazer parte da Granja Portugal.)
- ✓ O bairro Bom Sucesso: Com a Rua Bragança. (Anteriormente, eles acreditavam que o limite geográfico era estabelecido pelo canal – rio Maranguapinho).

Figura 02 – Mapa do bairro Granja Portugal

Fonte: https://www.google.com.br/maps/place/Granja+Portugal , acessado em: 18/08/2016 às 16:45 min.

Assim, deu por encerrada a oficina de número 02. Seguimos, agora, com o terceiro passo da Oficina 03, *Entrevistando*, anexo 04. Ao final dessa oficina, foi entregue o material para a realização da oficina seguinte (a da entrevista), visto que os alunos precisariam ter mãos de maneira prévia para que assim, pudessem realizar o trabalho.

OFICINA 03: Entrevistando

- ✓ Quantidade de alunos: 19 alunos
- ✓ Duração: 01 h/aulas – 45 minutos
- ✓ Data: 23/08/2016

Esta etapa foi reservada para uma discussão sobre a realização das entrevistas e, consequentemente, de seu resultado. Esse trabalho se não se apresenta centrado nas especificidades do gênero em uso, mas nos discursos dos moradores do bairro. Nosso objetivo com essa atividade foi evidenciar a fala dos moradores daquela região e, assim, fazer com que os alunos conheçam, aceitam ou recusem algumas teses sobre a identidade do bairro nos dados oferecidos pelos interlocutores. Esse foi um momento ímpar para sedimentar alguns valores e refletir a fim de refutar outros, no discurso do entrevistado. Vejamos algumas perguntas que consideramos relevantes por convergirem valores a identidade do bairro:

Quadro 03 – Quadro de valores e suas justificativas

Perguntas	Respostas	Justificativas mais utilizadas	Valores
Do que mais gosta em seu bairro?	Praça (09 pessoas)	Por ser a única opção de lazer;	Lazer
	Mercantil (03 pessoas)	Por não precisarem de grandes deslocamentos para realizar compras de produtos de melhor qualidade.	Comodidade
	Posto de saúde (05 pessoas)	Porque podem ser atendidos no próprio bairro e, agora, por ter ar condicionado.	Proximidade, comodidade
	Igreja (02 pessoas)	Por ter festividades e grupo de jovens e de oração.	Lazer
Do que não gosta em seu bairro?	Praça (08 pessoas)	Por ser utilizada por algumas pessoas para venda e uso de entorpecentes;	Contravensão e Insegurança
	Canal (06 pessoas)	Por ser poluído e exalar um forte mau cheiro.	Higiene
	Não souberam informar (05 pessoas)	----	----

Fonte: Autoria própria

A praça foi o lugar em comum mencionado na resposta das duas perguntas. No entanto, há um conflito de valores, enquanto ela é apresentada pela maioria dos entrevistados como o único lugar de lazer, é caracterizada, também, pela insegurança. Esse valores já denotam um retrato social de carência e abandono quanto à políticas públicas de segurança, saúde publica e espaços de lazer com estrutura adequada.

Outra pergunta da entrevista que consideramos relevante para discussão foi se os entrevistados consideram o bairro perigoso. Das 19 entrevistas realizadas, 15 respostas apontaram que NÃO, enquanto apenas 04 marcaram SIM.

Assim como os entrevistados, a maioria dos alunos não aceita a condição de o bairro ser classificado como violento devido a assaltos e assassinatos, visto que a vida social no bairro transcorre de forma natural. Para eles, essa condição de violência é um estigma já cristalizado pelos moradores da cidade.

Dessa forma, encerramos a oficina *Entrevistando* e seguimos com o planejamento da oficina seguinte, *Dialogando.*

OFICINA 04: Dialogando

- ✓ Quantidade de alunos: 15 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 26/08/2016

A realização dessa oficina aconteceu em um sábado, devido à participação de alguns professores na mesa-redonda e, pelo fato de que as pessoas que compõem a gestão da escola fazerem questão de participar. Esse momento contou com a realização de duas atividades, uma contação de histórias e uma mesa-redonda. Para o desenvolvimento da primeira atividade, contamos com a presença de uma moradora antiga do bairro (81 anos de idade, moradora da região há 66 anos), decidimos por questões de ética, chamá-la de Dona Maria.

Esse momento foi reservado para socialização das próprias histórias de moradores antigos do bairro. Os alunos pesquisaram, com moradores antigos, histórias do bairro ou deles com o bairro, possíveis de serem socializadas. As histórias passaram por uma seleção prévia e a moradora da história escolhida foi convidada para um momento de contação de histórias.

Foi reservado, previamente, a esse momento, a construção de um acordo prévio de princípios que formam respeitados durante a socialização da história:

Valorização das histórias de vida de cada pessoa; O fato de toda memória ter um valor; A memória tende a ser uma narrativa feita por pessoas; A articulação dessas histórias contribui para a construção da identidade social do bairro e Identificar, nas histórias, valores que permeiam a tríade eu – nós - todo.

Roda de histórias

Dona Maria, segundo seu relato, morou até os seus 18 anos na cidade de Canindé. Já casada há dois anos, resolveu acompanhar o marido para Fortaleza. O casal e um filho de pouco mais de um ano fugiam da seca e buscavam melhores condições de vida na cidade grande.

Chegando a Fortaleza, o sonho da vida nova e com mais conforto, fugiu de seus olhos. Seu marido conseguiu ocupação de estivador no porto do Mucuripe. Moraram ali próximo por quase quatro anos.

No entanto, devido a problemas de coluna, seu esposo perdeu o trabalho no porto. Na mesma época, a prefeitura re-urbanizava a região do Pirambu até o Oitão Preto, no Arraial Moura Brasil e, diante dessas obras, as inúmeras famílias que ali moravam tiveram que buscar abrigo em outra região. A prefeitura destinou alguns terrenos para essa migração. Dona Maria e sua família foram para o “Oco do Mundo”, nome dado aquela distante região. Lá, havia um sítio, bem grande com vacaria, criação de galinhas, horta entre outras culturas. Esse sítio era chamado de Granja, pois seu dono (Sr. Pére) era descendente de franceses e assim, denominava um sítio que produzia e fornecia alimentos.

A região foi sendo cada vez mais habitada. Cresceu tanto, que ganhou um nome, bairro Granja Portugal. Dona Maria não sabe ao certo o porquê do bairro receber aquele nome. Mas de uma coisa tem certeza: “A única coisa que mudou foi a sujeira. Roubo sempre existiu. Morte também. Ali era lugar de mata, esquisito. Tínha que andar bastante se quisesse alguma coisa de fora, remédio, roupa. Hoje,ta muito bom. Mais, mais falta o rio... a gente pulava e tomava bain nele. A gente pescava, lavava a roupa. Era assim, desse jeitim”.

Concluído esse momento ímpar, seguimos com a realização da mesa-redonda.

Mesa –redonda

Outra ação de fundamental importância foi a realização desta mesa-redonda, por esse ser um gênero que possibilita um diálogo interativo sobre as questões que

permeiam a questão da identidade. Para a realização desse evento, serão convidados o líder comunitário, o representante sobre as questões urbanas da SERV, um representante do Distrito de Educação da SER V, um representante dos moradores do bairro e a própria turma envolvida no projeto. Fizeram-se presentes dois professores lotados na escola. As questões da mesa- redonda foram definidas em sala, com a turma. Foram as seguintes:

- ✓ Como é pensado o currículo da escola diante a condição que o bairro apresenta? (foram apresentadas as questões da entrevista)
- ✓ Quais as propostas que a prefeitura possui para lazer, segurança e mobilidade para o bairro?
- ✓ Por que há um abandono das margens do rio Maranguapinho? O rio é poluído e se assemelha a um esgoto.
- ✓ De que o distrito de educação pode intervir para uma efetiva melhoria do bairro.

As respostas foram dadas de forma genérica e a cada resposta houve uma discussão proveitosa sobre as questões pontuadas.

Assim, concluímos as atividades de socialização com os valores e as identidades do bairro.

3.2.5.2 Segunda etapa – Produção inicial

Após um percurso didático a fim de subsidiar a prática pedagógica do aluno para a produção textual, chegamos de fato à situação de realização do texto escrito. O gênero a ser trabalhado neste momento será a dissertação escolar, visto que os alunos tiveram de construir um gênero da esfera argumentativa que vai desde expor uma opinião a uma ação de defender um ponto de vista. Os textos aqui produzidos mantiveram alguma relação com o bairro, seus costumes, lugares de memórias e/ou pessoas.

OFICINA 05: O retrato do meu bairro pelas palavras, anexo 05.

- ✓ Quantidade de alunos: 11 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 30/08/2016

O primeiro momento desta oficina, o que cabe a ***Apresentação da situação,*** momento que compreende uma descrição detalhada da tarefa de expressão oral ou escrita na qual os alunos deverão realizar. A atividade proposta foi explicitada para que os alunos compreendessem a situação de comunicação que deveriam atingir e, também, o problema de comunicação que os oradores deveriam resolver, produzindo um texto escrito e, para isso, tivemos que indicar: (i) qual gênero será abordado, a dissertação escolar; (ii) a quem a produção deverá se dirigir, o auditório; (iii) a forma/estrutura que a produção assumirá e quem participará da produção. Na apresentação da situação, foi preciso que os conteúdos dos textos a serem produzidos fossem preparados, a fim de que os alunos percebessem a importância desses conteúdos e saibam com quais desses conteúdos teriam que trabalhar primeiro. Portanto, foi importante fornecer aos alunos todas as informações necessárias a fim de que conhecessem o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado. Os subsídios oferecidos nas etapas anteriores acerca a identidade social do bairro foi de extrema importância, visto que agora, os alunos possuem informações suficientes para tratar desse assunto.

Passado esse primeiro, trataremos de iniciar à produção inicial. Essa resultou em textos com truncamentos de ideias, motivo esse já ser suficiente para proporcionar ao aluno voltar ao texto. Outro fator que mereceu destaque é quanto ao auditório, já que assim como todos nós, os alunos escreveram para interagir e agir na sociedade. Uma questão, ainda, pertinente a esse assunto é que o orador pode explicitar detalhes demais ou a menos ou, falhar na escolha lexical por não conhecer a quem terá de convencer. A produção inicial teve uma função reguladora no desenvolvimento dos módulos e na realização da produção textual final. Através da produção inicial, o objeto da sequência didática, o texto, ganhou forma, na medida em que o aluno foi se situando no propósito comunicativo, e dessa forma, os alunos conseguiram chegar à produção final.

3.2.5.3 Terceira etapa – O Módulo 01

Passado o momento de trabalho com a produção inicial, partiremos para o trabalho com ***os módulos.*** Nessa etapa, trata-se de trabalhar os problemas que aparecem na primeira produção e de dar aos alunos instrumentos necessários para superá-los. Nos módulos, os elementos das categorias argumentativas, são

abordados separadamente um a um, a fim de desenvolver habilidades e conhecimentos relativos ao desenvolvimento da argumentação na perspectiva da Nova Retórica. As ações dos módulos foram organizadas de acordo com a sequência descrita na tabela de intervenção. Produzir textos escritos é um processo complexo, com vários níveis, aonde o aluno se deparará com problemas específicos de cada gênero e deve se tornar capaz de resolvê-los. A estrutura do texto que será representado pelo gênero dissertação escolar e a natureza dos argumentos (e suas técnicas argumentativas) tomarão uma maior atenção de nossa parte, visto que, potencializar o uso desses aspectos a fim de capacitar o aluno a produzir textos é um dos objetivos norteadores desse trabalho. O aluno deve aprender a fazer uma imagem do auditório, da finalidade visada, de sua própria posição como orador, da coerência entre a natureza dos argumentos e a tese inicial, Enfim, conhecer as técnicas de buscar, elaborar ou criar conteúdos, planejar o texto e escolher os meios de linguagem mais eficazes para escrever seu texto.

O princípio essencial da elaboração de um módulo é o de variar os modos de trabalho, proporcionando aos alunos, uma diversidade de atividades e exercícios, possibilitando-os o aprendizado, por diferentes vias. São necessárias atividades de observação e de análise de textos, tarefas simplificadas de produção de textos (identificação e reconhecimento de argumentos) além da elaboração de uma linguagem comum. Os módulos a seguir explicitarão o trabalho desenvolvido com as categorias argumentativas, (i) ponto de vista, (ii) tese de adesão (iii) tese principal, (iv) natureza dos argumentos, (v) valores, (vi) acordo argumentativo e, por fim, (vii) auditório. Realizando os módulos, os alunos aprendem a produzir no gênero abordado teses, assim como identificar argumentos e valores que validam o seu ponto de vista.

OFICINA 06: Encontrando o ponto de vista

- ✓ Quantidade de alunos: 16 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 01/09/2016

A realização desta oficina apresenta como propósito levar os alunos a identificarem o ponto de vista no texto em análise. O texto escolhido para essa atividade foi uma fábula de Esopo, com tradução e adaptação de Monteiro Lobato denominada de “Assembleia dos Ratos”. O trabalho se inicia com o trabalho de

predição com o título da fábula escrito no quadro branco: ASSEMBLEIA DOS RATOS, e dessa maneira, dirigimos aos alunos as seguintes questões que colocamos a seguir com seus respectivos comentários: *O que é uma assembléia?* Os alunos responderam que seria um tipo de reunião importante. Uma reunião que não acontece sempre, sendo necessária realizar para decidir algo importante. Essa resposta nos levou a realizar a pergunta seguinte: *Então, qual motivo poderia ter levado os ratos a realizarem tal reunião?* Seguiu-se a esse questionamento um turbilhão de respostas, no entanto, uma delas deteve nossa atenção, a assembléia ocorrera devido à necessidade que toda comunidade tem a fim de parar e tomar decisões, assim, como fazemos quando queremos realizar algo. Após esse valoroso momento de predição, a turma é levada a uma leitura silenciosa do texto. E como estratégia de identificar o ponto de vista, recorremos à sua definição para que assim pudéssemos voltar ao texto e identificá-lo. O ponto de vista é a categoria argumentativa que tem por objetivo sustentar a tese do texto, ou seja, os valores e "a verdade" que se pretende veicular, a respeito do qual se pretende convencer um auditório. No caso da fábula, o ponto de vista é encontrado, também, na moral que ela apresenta: *Falar é fácil, fazer é bem mais complicado*. Houve certa dificuldade em identificar o ponto de vista, pois para a maioria dos alunos, o ponto de vista deve aparece no explícito no texto, bem como uma citação direta. Então, mais uma vez retornamos ao texto, dessa vez, com outro olhar. Foi lembrado aos alunos sobre o propósito comunicativo que um texto tem ao ser produzido, a condição prévia de sua produção, ou seja, a ideia que o autor se propôs a defender. Diante dessa explicação, eles identificaram o ponto de vista no último parágrafo do texto: "- O plano é inteligente e muito bom. Isto com certeza porá fim à nossas preocupações. Só falta uma coisa: quem vai pendurar a sineta no pescoço do gato?". Encontrado o ponto de vista, definimos a tese principal do texto no espaço reservado para a moral da fábula: *Falar é fácil, fazer é bem mais complicado*.

Eles também foram conduzidos a realizar um breve exercício de produção de teses a partir de um ponto de vista. Essa oficina foi de valorosa contribuição, visto que, para a comunicação, identificar o ponto de vista no discurso do orador é uma atividade tão importante quanto defender uma tese frente a um auditório.

OFICINA 07: Identificando as teses, anexo 06.

- ✓ Quantidade de alunos: 14 alunos

- ✓ Duração: 01 h/aulas – 45 minutos
- ✓ Data: 06/09/2016

A oficina segue como continuação da oficina anterior, visto que na oficina anterior trabalhamos o ponto de vista que ancora a tese principal de um texto e, nessa oficina o nosso objetivo é identificar a tese de adesão do auditório. Essa tese preparatória chama-se tese de adesão inicial. Uma vez que o auditório concorde com ela, a argumentação ganha estabilidade, pois é fácil partir dela para a tese principal. As teses de adesão inicial fundamentam-se em fatos ou em presunções e, também pode ser um fato que chame a atenção do auditório. O texto em análise, Assembleia dos Ratos, inicia-se assim:

> ASSEMBLEIA DOS RATOS
>
> Era uma vez uma colônia de ratos, que viviam com medo de um gato. Resolveram fazer uma assembléia para encontrar um jeito de acabar com aquele transtorno [...]

A professora chamou atenção dos alunos para buscassem os dados mais relevantes no texto nessa apresentação e pontuou dois fatos: (i) os ratos viviam com medo de um gato; (ii) [os ratos] resolveram fazer uma assembleia para encontrar um jeito de acabar com aquele transtorno. Então foi questionado aos alunos, *Qual desses dois fatos chamaria mais a atenção do leitor? Por quê?* A resposta dada quase por unanimidade foi a que relatava sobre a assembleia e, para nossa surpresa, a explicação nos surpreendeu devido à associação estabelecida com os fatos políticos que acontecem atualmente no país: "*Professora, quando o pobre, o trabalhador se reúne chama atenção, né? A senhora viu as greves? Todo mundo para pra ver o trabalhador lutar por alguma coisa. É diferente, né? Mas o patrão [o gato] perseguir já é comum*".

Além da excelente análise em perceber o novo e o atraente para o auditório em um discurso, os alunos apresentaram um grau de criticidade esperado na argumentação. Diferente dos comentários tecidos em aulas rotineiras de Língua Portuguesa, os alunos apreciaram bastante o trabalho com as categorias argumentativas nessa oficina. Não sabemos ao certo, no entanto, acreditamos que tal entusiasmo deveu-se ao empoderamento que a argumentação causa nos sujeitos.

3.2.5.4 Quarta etapa – O Módulo 02

OFICINA 08: Associando valores, anexo 06.

- ✓ Quantidade de alunos: 15 alunos
- ✓ Duração: 01 h/aulas – 45 minutos
- ✓ Data: 08/09/2016

Para que uma argumentação se desenvolva, há necessidade de se ter apreço pela adesão do outro, ponto de partida para que qualquer convencimento seja aceito. O Acordo é estabelecido ao agregar valores, implícitos ou explícitos, que serão retomados para que haja a adesão e, assim, a argumentação possa ser desenvolvida de forma desejável.

Portanto, quando um orador se dirige a um auditório, deve conhecê-la bem para evocar imagens que provoquem e instaurem credibilidade. O que ela pensa? Como reagirá diante dessa ou daquela asserção? O que se deve enunciar e o que se deve omitir? Ou, ainda, que valor deve preponderar para que os argumentos se fortaleçam e realmente convençam o outro?

O texto em análise nessa oficina foi a letra de uma canção de Milton Nascimento, Canção da América. Dessa forma, foram apresentados aos alunos seis valores[10] que poderiam ou não se apresentar ancorados naquele texto. O estatuto de valores identificado no texto aparece diretamente vinculado ao meio social, que varia no tempo e no espaço. No entanto, apresenta um componente pessoal: todo ser humano faz julgamentos (que considera ¨próprios¨) e os hierarquiza de forma peculiar, em função de sua cultura, de sua(s) ideologia(s) e de suas experiências pessoais.É o que faz o orador em seu discurso, quando elege para o topo da hierarquia o valor da essência, seguido pelos valores da pessoa e do existente.

Por fim, encerramos a oficina salientando saber COMO e QUANDO usar tais julgamentos/valores na enunciação discursiva. Afinal, todo discurso tem uma intenção e todo orador, nessa pesquisa, – todo aluno, no caso – gosta de falar para ser ouvido,

[10] O que a Nova Retórica nomeia de *valores* a Retórica Clássica denominava de *lugares da argumentação*. Como fora mencionado no subtópico do capítulo II que trata sobre a Argumentação, os valores/lugares são premissas básicas (e mais gerais) que intervêm para justificar a escolha do redator, espécie de “arsenal” de que se pode lançar mão para embasar a opinião/tese principal. A Retórica Clássica apresenta seis (06) os lugares/valores com que trabalharemos, (quantidade, qualidade, ordem, existente, pessoa e essência), já a Nova Retórica abarca essas e demais premissas que circulam na convivência da sociedade moderna.

gosta de escrever para ser apreciado e para tal feito, os valores são categorias essenciais.

3.2.5.5 Quinta etapa – O Módulo 03

OFICINA 09: Conhecendo os argumentos PARTE I, anexo 06.

- ✓ Quantidade de alunos: 19 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 13/09/2016

O objetivo desta oficina volta aos conceitos de identificar e reconhecer a natureza dos argumentos. A argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado. Sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós. No momento da construção textual, os argumentos são essenciais, esses serão as provas que apresentaremos, com o propósito de defender nossa ideia e de convencer o leitor de que nossas proposições são corretas. Há diferentes tipos de argumentos e a escolha certa consolida o texto.

Nessa etapa, foram escolhidos dois tipos de argumentos, o de *autoridade* e o *pelo exemplo*. Optamos por dar início às atividades de identificação da natureza dos argumentos com esses dois tipos, visto ser de fácil identificação e, também, devido ao seu vasto uso. A turma se apresentou confortável com o uso dos argumentos, além de mostrar familiaridade com os mesmos.

Os alunos, quando indagados sobre a importância de recorrer ao uso de argumento pelo exemplo, responderam-nos que ao apresentarem uma situação semelhante aquela que situa a argumentação, o discurso oferece mais credibilidade mesmo que não seja coerente com a/uma verdade. Os alunos exemplificaram com o discurso de alguns familiares sobre a importância de estudar, “Não quis estudar, por isso não tenho um bom emprego.”, “Engravidei cedo, não estudei e olha aqui como estou.” Os alunos informaram que argumento pelo exemplo, mesmo que não seja suficiente para adesão a uma tese, oferece certa credibilidade ao discurso.

Quanto ao uso do argumento de autoridade, os alunos informaram que o utilizam, no entanto, o mesmo somente confere credibilidade se a autoridade for aceita pelo meio em que convivem e para isso também, exemplificaram, “ Se a gente não de

uma professora, ela pode até tá falando a verdade, mas a gente não respeita", "Se a polícia entra na rua e vai humilhando a gente, ele pode bater, atirar, mas a gente não respeita." Dessa forma, entendemos que a autoridade de uma pessoa ou sistema, não se determina por sua própria existência ou definição, o meio social e seus partícipes tem de reconhecê-la. Foi questionado aos meninos qual tipo de autoridade eles recorreriam no caso de precisar validar um discurso e tivemos como resposta que alguns recorreriam à fala de idosos na família, outros a alguém influente no bairro. No entanto, para nossa surpresa, eles não confiam como fonte de informação, alguns veículos de comunicação, como programas televisivos, visto que esses mesmos programas deturpam algumas informações sobre o bairro.

A oficina transcorreu de forma satisfatória e os alunos teriam que associar se os argumentos presentes nos textos/ enunciados eram de autoridade ou se construíam pelo exemplo. O mesmo tipo de atividade foi utilizado nas oficinas 10 e 11, sendo o ponto de divergência a natureza dos argumentos trabalhados.

OFICINA 10: Conhecendo os argumentos PARTE II, anexo 07.

- ✓ Quantidade de alunos: 11 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 15/09/2016

Nessa oficina foram trabalhados os argumentos de *identidade* e de *justiça*. Demos início ao trabalho com o argumento de identidade com os *slogans* de alguns produtos e empresas, dessa forma, eles poderiam atribuir valores e teses próprios desses elementos. Seguimos com uma dinâmica que consistia em espalhar objetos no meio da sala e pedir que os alunos escolhessem um que possuísse características que poderiam a um colega. O colega em questão, aquele que receberia a caracterização seria definido por meio de sorteio. A atividade foi interessante e fundamental para que os alunos entendessem o argumento da identidade e os valores que esses argumentos permeiam.

A atividade de reconhecimento do interlocutor por parte do orador/locutor persuasivo faz do auditório, em grande parte, uma construção do orador, por isso o trabalho com esse tipo de argumento é tão importante. Esse reconhecimento demarca-lhe os limites e define-lhe a identidade de um ou de ambos em um discurso. Assim por exemplo, quando o líder do PC afirma estar disposto a falar "com todos os

partidos democráticos", o auditório sabe bem quem ele exclui do universo dos partidos "democráticos". Inversamente, quando o chefe de um partido da direita pronúncia exatamente a mesma frase "estamos dispostos a negociar com todos os partidos "democráticos", sabe-se também que esse universo não inclui o PC.

Seguimos com a oficina desenvolvendo o trabalho com o argumento de justiça e para isso, recorremos o texto "Eu bati porque ele bateu" e o "Código de Hamurábi". Devemos ressaltar a observação que fizemos nessa oficina, os alunos verbalizam o que a comunidade tenciona, e com isso justificam alguns fatos que consideramos violentos. Fatos esses que para a comunidade é apenas uma resposta ao que recebem. Se forem respeitados, respeitam. Se forem agredidos, agridem também.

Esse módulo da oficina foi acrescido de muitos relatos que os oradores utilizaram o argumento de justiça para suas proposições. Vejamos um relato que chamou nossa atenção:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos ***português agui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele. (argumento de justiça)****Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai* ***as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege*** *mais aki é bom dmais* ***e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe."***

(A.S.N, 8º C tarde)

O relato acima descreve como o orador (e a comunidade) se apropria do argumento de justiça para validar suas ações. Outra observação remete ao fato de que o orador tem dificuldade em utilizar as regras nocionais de Língua Portuguesa na competência escrita, no entanto, tem uma habilidade discursiva para defender a sua tese utilizando o argumento de justiça.

Salientamos a utilização desse relato como texto mobilizador na proposta de produção textual na produção final, por julgarmos sua relevância como parâmetro de utilização do argumento de justiça.

OFICINA 11: Conhecendo os argumentos PARTE III, anexo 08.

- ✓ Quantidade de alunos: 15 alunos
- ✓ Duração: 01 h/aulas – 45 minutos
- ✓ Data: 20/09/2016

Nesta oficina foram trabalhados os argumentos *pragmático e de causalidade*. A oficina não se mostrou tão interessante como as outras. Esse desinteresse provavelmente se deve a complexidade da estrutura do argumento pragmático, visto que esse tipo de argumento repousa sobre a causa independente dos juízos de valor atribuídos às conseqüências, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis para o auditório, peculiaridade que demonstra ser um desafio a utilização desse argumento em um discurso.

Então, em uma tentativa de trabalhar o argumento pragmático, utilizamos exemplos de textos da esfera jornalística. O primeiro texto a ser utilizado foi um que tratava da implantação do Novo Código de Trânsito. Os alunos entenderam que a apreciação não estava apenas na conseqüência (nesse exemplo, apreciado pelo auditório), mas também, na causa, ou seja, na necessidade da reformulação do código de trânsito independente de os resultados ocorressem a curto, médio ou longo prazo.

Para ampliar o trabalho com o argumento pragmático, utilizamos das supertições, visto que também são fundamentadas no argumento pragmático. O supersticioso acredita, por exemplo, que, como foi assaltado numa esquina após um gato preto ter passado à sua frente, o motivo foi o gato. Transfere o azar do assalto para a causa supersticiosa do gato preto.

Na tentativa de ofertar aos alunos um texto que utilizasse o argumento pragmático,no qual as conseqüências fossem, também, desfavoráveis, utilizamos o texto que relatava uma tentativa de sacrifício humano em praça pública.

Vejamos o esquema montado pelos alunos

- Causa: “livrar a cidade do mal”; a cidade estaria passando por sérias dificuldades, fato que culminou em uma causa/motivo para realizar o sacrifício.

A causa identificada pelos alunos foi a de “livrar a cidade do mal”. No entanto, as conseqüências por eles apontadas se agrupam em duas definições: conseqüências positivas e consequencias negativas. Vejamos:

- Consequência positiva: “livrar a cidade do mal”. Essa conseqüência, segundo os alunos somente seria categorizada como positiva para os praticantes desse mesmo tipo de ritual, ou por aqueles que julgassem o sacrifício como único meio de livrar a cidade daquele tormento.

- Consequência negativa: a morte de uma criança, um indivíduo semelhante. O provável insucesso do sacrifício; a prisão da mulher que planejara o sacrifício.

O trabalho com esse texto trouxe à tona duas premissas utilizadas na argumentação: a primeira O fim não justifica os meios e a segunda, o fim transformado em um meio tem algo depreciativo. Para o nosso trabalho, nos detivemos nessas premissas, apenas como observação, visto que sua percepção exige um trabalho filosófico que está além do perfil da turma.

Salientamos que, com esses textos, foram trabalhados ao argumento de causalidade e de vínculo causal, como relação de um fato com sua consequência e de um meio com um fim.

OFICINA 12: O acordo prévio e seu auditório, anexos 09 e 10.

- ✓ Quantidade de alunos: 12 alunos
- ✓ Duração: 02 h/aulas – 90 minutos
- ✓ Data: 22/09/2016

Só é ouvido/lido aquele que é considerado competente para tal – e isso envolve não só as pessoas mais próximas ao argumentador (o auditório particular), mas também, a sociedade como um todo, isto é, aqueles que – um dia – podem vir a lê-lo/ouvi-lo (e com ele concordar). Assim, para que uma argumentação se desenvolva, há necessidade de se ter apreço pela adesão do outro, ponto de partida para que qualquer convencimento seja aceito. Acordos (ou pré-acordos) são estabelecidos, dando lugar aos valores que serão evocados para que haja concordância e a conseqüente se completará, assim, de forma desejável.

Nesta etapa da intervenção, trabalhamos com textos que abrangiam duas categorias, a primeira relativa ao real, que comportaria os fatos as verdades e as presunções, e o segundo relacionado ao preferível que aborda valores, hierarquia e lugares do preferível. Devemos ressaltar que o nosso objetivo no desenvolvimento desse trabalho repousa em efetivar o acordo entre o orador e o auditório e para isso partimos ora de fatos, ora da mobilização de valores.

Os alunos compreenderam que a tese de adesão inicial poderá ser uma proposição diferente da tese principal, visto que a primeira agrega fatos ou valores que mobilizam a atenção do auditório para uma leitura inicial, e a segunda está ligada

aos valores, a hierarquia e aos lugares do preferível. Exemplos dessa observação em nossa oficina pode ser visto no texto intitulado “Treinamento de cão-guiado pode levar 3 anos e custar R$ 60 mil no Brasil”. Os alunos de imediato já identificaram o auditório particular e, por vez, o caracterizou: parente de pessoas ou pessoas com deficiência visual, com alto poder aquisitivo. Quanto ao auditório universal, os alunos delimitaram que esse auditório seria os leitores em geral de determinada revista ou jornal, já que se tratava de um texto com característica própria daqueles que veiculam em jornais e revistas. Os alunos, quando questionados, sobre a possibilidade de um auditório particular, que não fosse deficiente visual, nos responderam que esse provável auditório seria mobilizado somente pela curiosidade de entender o fato tempo – valor – serviço, ou pela criticidade mobilizada por o valor da inacessibilidade contido no título do texto.

Os textos seguintes, nessa mesma oficina, trabalharam o viés discursivo, de entender e de identificar nas proposições os fatos e os valores que mobilizam a adesão do auditório.

3.2.5.6 Sexta e última etapa – Produção final

OFICINA 13: O retrato de meu bairro pelas palavras – versão final, anexo 11.

- ✓ Quantidade de alunos: 18 alunos
- ✓ Duração: 01 h/aulas – 45 minutos
- ✓ Data: 29/09/2016

O último passo da etapa de intervenção é a produção final. A sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Permite também ao professor realizar uma capitalização[11] das aprendizagens. O importante nessa etapa é o aluno utilizar os elementos trabalhados em aula para representar uma identidade social do bairro. Além disso, essa segunda produção possibilita a análise do progresso que os alunos tiveram quanto ao uso das técnicas argumentativas

[11] Entendamos capitalização das aprendizagens como um esquema que visa à observação das aprendizagens adquiridas por um indivíduo em determinada habilidade ou competência. [grifo nosso]

(segunda parte dos procedimentos de análise), sem deixar de mencionar o progresso como orador, defensor de uma tese.

Foi entregue aos alunos uma folha para produção textual com cinco textos motivadores que exemplificavam o uso de argumentos. Os textos motivadores são fragmentos de textos produzidos pelos próprios alunos no decorrer da intervenção. Dessa forma, encerramos o processo de intervenção em sala de aula.

Seguimos com nossa pesquisa com a análise do material produzido na primeira (oficina 05) e na segunda produção textual (oficina 13). Após a construção da versão final (segunda parte do objeto de estudo), partiremos para análise do *corpus*, análise que será abordada no tópico a seguir.

4 DISCURSO E IDENTIDADES NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS: ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL

Damos início efetivamente à nossa análise com a transcrição das primeiras produções textuais desenvolvidas na intervenção em sala de aula. O gênero em questão é a dissertação escolar e a estratégia utilizada para produção é a representação da identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza-CE. Iremos constatar, nessa primeira etapa, a análise de 10 produções textuais ancoradas no gênero textual dissertação escolar, que foram produzidas na primeira etapa e, nelas, identificaremos as seguintes categorias argumentativas: ***teses, lugares, valores e natureza dos argumentos*** utilizados na representação da identidade social do bairro. O título da dissertação escolar já seguiu previamente estabelecido ***O retrato de meu bairro pelas palavras***, para que assim, cada orador estabeleça um discurso dentro da mesma esfera temática, mesmo que cada discurso produzido apresente suas particularidades. Cada produção textual contará com uma análise própria e, no tópico seguinte a essa discussão, apresentaremos um quadro resumo com as categorias argumentativas utilizadas pelos oradores nessa empreitada discursiva.

Após essa primeira etapa de análise, o subtópico seguinte apresentará a análise das produções textuais produzidas no segundo momento de escrita. Esse tópico trará somente um quadro-resumo com as categorias identificadas na produção, visto que acreditamos não ser necessário apresentar os 18 textos com análises descritivas como fora realizado com as produções textuais no primeiro momento de escrita. Vale ressaltar que os textos desse segundo momento de produção poderão ser consultados no Anexo 12 desta dissertação.

Dando continuidade ao processo de análise de dados, ao final desse capítulo, oferecemos, após o trabalho realizado com as produções do segundo momento de produção, uma discussão sobre as contribuições do processo interventivo nas produções dos alunos – não somente a título de comparação entre uma produção e outra – para que assim, possamos identificar a progressão no processo de escrita com o trabalho e a utilização das categorias argumentativas a luz da Nova Retórica.

Dessa forma, no subtópico a seguir, iniciamos a leitura da análise de dados com os 10 textos produzidos no primeiro momento de escrita.

4.1 A primeira produção: Os processos argumentativos presentes na representação da identidade social do bairro nas produções dos alunos

TEXTO 01

> *O meu bairro ele é muito perigoso porque pra você andar por aí tem que esta muito atento porque se não você é roubado mais tambem ele tem seu lado bom ele i calmo tem cantos para voce ir e descançar como a praça da granja Portugal la tem pista de skate tem quadras e etc também ele tem hospital pertinho de casa o UPA do conjunto ceará la você é bem atendido tem vários supermercados perto de casa tipo o super Canadá o super Portugal. Então o meu bairro é muito bom de se morar nele mais como dizem cada bairro tem seu defeito e o do meu é a violência.*
>
> *M. E. M. L. 8º C, tarde.*

O orador apresenta a tese logo no início, ancorada no ponto de vista “O meu bairro é muito perigoso, [...] mais também tem seu lado bom”. Ele se vale do lugar comum para justificar sua tese inicial, “porque pra você andar por aí tem que esta muito atento porque se não você é roubado”. Logo em seguida, utiliza-se de ***argumentum a contrario*** (FIORIN, 2016, p. 137). Esse tipo de argumento apela para o fato de se uma situação é vista de determinada maneira, “a situação oposta deve ser considerada de maneira diversa.” É o que ocorre quando o orador segue com a seguinte exposição “mais tambem ele tem seu lado bom”. São argumentos atenuantes para a questão da violência. Mesmo se tratando de uso de um argumento dessa natureza não se trata de uma contradição discursiva visto que orador reforça a tese no final de seu discurso: “cada bairro tem seu defeito e o do meu é a violência”.

A hierarquia de valores começa a ser construída, nesse texto, a partir de valores como ***comodidade, bem-estar e insegurança***. Dessa forma, o orador estabelece os processos identitários, um bairro com bastante insegurança, mas que oferta bastante comodidade.

TEXTO 02

O nome do meu bairro GRANJA PORTUGAL Eu G. moro na rua Sousa carvalho onde eu moro quando eu era mais novo escutava historia que la era muito mato onde a um canal antes era um rio e muita gente lavava banho la e tambem tinha um canpim de jogar bola mais hoje em dia não tem mais por que a prefeitura limpou o canal e jogou os mato no canpi e não da pra joga mais e agora os menino são tudo do crime.

G.N.P.S 8º C, tarde

O orador inicia seu discurso se valendo da memória de outros acerca o lugar onde morava. O recurso de presença que assegurava o valor de ***moradia*** é o campo onde eles e seus colegas jogavam bola, “o canpim”. Em um processo de limpeza da do canal realizada pela prefeitura, “o canpim” não pode mais ser utilizado.

Vale lembrar que o canal a que o menino se refere é o rio Maranquapinho. O orador apresenta uma tese diluída pelo corpo do discurso. Ao valer-se das memórias de outrem, apresenta um saudosismo de coisas não vividas por ele, assim como também de coisas por ele experimentadas, “o canpim”. Mesmo que a utilização do “canpim” não seja mais possível, o orador recorre a esse lugar como um lugar da ***categoria do existente***, o seu lugar no mundo naquele bairro. A inutilização daquele espaço desencadeia uma série de outros fatores, como fora citado um deles, a entrada dos meninos no crime.

A argumentação é construída por ***argumentos de causalidade***, um argumento que pressupõe um encadeamento dos fatos. Como disserta FIORIN (2016, p. 151) “a causa imediata é a razão próxima pela qual um efeito é produzido.” A retirada do “canpim dos meninos daquela região proporcionou o acesso deles ao crime e, consequentemente, fator que justifica a caracterização do bairro por a violência.

Seguindo por a análise de Perelman e Oldebrechts –Tyteca (2005), também, podemos inferir o ***argumento pragmático*** nesse discurso, visto que, “Pois a transferência para a causa do valor das conseqüências, ocorre mesmo sem ser pretendidas.” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 303). Dessa forma, o argumento pragmático permite passar de uma hierarquia de valores para se assentar em seus argumentos, a partir da conseqüência para implicar responsabilidades a uma causa.

TEXTO 03

No meu bairro, há muitas coisas como lojas, e outros quando eu caminho no meu bairro acontece uma coisa divertidas meu bairro é muito maravilhoso lá passa pessoa como a gente e passa também gente doida e tem campi pra gente brincar. Quando as pessoa passa vê a gente com aquele olhar, sorrido. No meu bairro é muito legal as vez acontece coisas ruin com tiroteio, briga, e outros.

G.N.P.S 8º C, tarde

O orador inicia seu texto recorrendo ao lugar ***do existente*** "meu bairro há muitas coisas como lojas" e ***da essência*** "meu bairro é muito maravilhoso". A fala no discurso do orador "Quando as pessoa passa vê a gente com aquele olhar, sorrido", denota e reafirma a essência das pessoas que pertencem àquele lugar, tornado esse lugar bem mais significativo na argumentação. O orador desse texto utiliza como ***recurso de presença*** a própria experiência "quando eu caminho nesse bairro acontece muita coisa divertidas". A experiência colocada pelo orador traz à tona outro lugar da argumentação, o ***lugar da qualidade*** "meu bairro é muito maravilhoso". Essas categorias apontam a tese defendida de que ***"O bairro é bom e propicia bem-estar***". Mesmo que o orador explicite alguns eventos de violência, essa declaração não chega a ser suficiente para afirmar um ponto de vista contrário. Utiliza para defender sua tese o argumento pragmático e, com essa estratégia, hierarquia valores como ***felicidade, bem-estar e plenitude***, visto ser suficiente a estrutura que o bairro oferece para nele viver.

TEXTO 04

O meu bairro é grande. Não sei muito sobre ele mas sei que e cheio de historia legais aqui tem muitas praças como a praça da granja Portugal e a praça da juventude e muito legal lá tem muitas coisas pra fazer lá a gente corre e pratica esportes. Na rua que eu moro é mais com ensida como a rua dos fofoqueiros, porque lá eles gostam de falar muito da vida os outros não gosto disso a praça da Granja Portugal tia todas as quinta feira agora não tei mais só tem gente fumando drogas e jogo a feira foi transferida pra outra rua perto da escola qui não sei o nome

E.A.S. C. B. 8º C, tarde

O orador inicia seu texto afirmando que seu bairro é grande, no entanto revela que sabe pouco sobre ele, ao mesmo tempo em que, também, sabe que ele é cheio de histórias legais. Essa afirmação feita pelo orador pode decorrer de experiências vividas o que levaria a um de contexto de uso do argumento pragmático, como também, poderia ser motivada pelas falas dos moradores o que faria uso do argumento de autoridade. No entanto, esse impasse logo se desfaz no decorrer do discurso, visto que o aluno menciona a existência da praça e as coisas que lá pode fazer, assim como a falta que ele sente da feira que naquele bairro acontecia todas as quintas-feiras. Essas declarações reforçam o uso do argumento pragmático pelo orador a fim de fortalecer a tese principal de que "O bairro é cenário de muitas histórias legais". Para hierarquizar os valores, o orador utiliza em sua argumentação de lugares ***de essência*** "[...] ***é cheio de historia legais***[...]" e ***do existente*** "[...]***aqui tem muitas praças como a praça da granja Portugal e a praça da juventude e muito legal lá tem muitas coisas pra fazer lá a gente corre e pratica esportes*** [...]". Essas categorias revelam a hierarquia de valores do orador e, apresenta como topo da hierarquia o valor da ***convivência e da participação*** em detrimento a valores como o de abandono e de detrimento pessoal/social, "gente fumando drogas" e o de perda de identidade ***"a feira foi transferida pra outra rua perto da escola qui não sei o nome".*** Essa representação hierárquica trata de um valor se sobrepor a presença de outro, não se trata de orador apresentar situações contraditórias. Trata-se de apresentar uma identidade hierarquizando sempre o que se apresenta mais evidente para o orador.

TEXTO 05

O meu bairro é muito bom moro mais ou menos 12 anos por aqui tem povo fofoqueiro, barraquiero e etc, toda rua tem isso. Meu bairro tem dogas também, mas em outros canto da cidade tambem tem. Não gosto do jeito qui os zotrus olha pra gente como se fosse bandido.

H.N.S, 8º C, tarde

A tese se apresenta definida logo no início do discurso do orador "O meu bairro é muito bom". O orador utiliza o ***lugar da quantidade*** para reforçar seu ponto de vista "[...] ***moro aqui mais ou menos 12 anos.*** [...], o que, também, faz dessa proposição

um indício de argumento de autoridade, visto que o tempo de moradia naquele lugar, confere ao orador autoridade para tecer comentários precisos sobre o bairro. Para reforçar suas declarações sobre o bairro e defender assim sua identidade, utiliza o argumento ***tu quoque***, caracterizado como um apelo falacioso à hipocrisia: o auditório é lembrado que outros bairros da cidade assim o seu tem uso de drogas ou é acusado de, também, praticar algo muito semelhante ao que ele critica. ***Tu quoque*** significa em latim "você também". Com o uso desse argumento muito comum e eficaz, o orador tende a silenciar o auditório ou deixá-lo na defensiva, visto que ***tu quoque*** significa em latim “você também”, em outras palavras, no texto em análise, “Meu bairro é bom, tem drogas e gente fofoqueira como o seu bairro e qualquer outro bairro, no entanto continua sendo bom, porque essas ocorrências não suficientes para provar o contrário sobre meu bairro”. Dessa forma, coloca no topo da hierarquia o valor da ***essência cidadã***, sendo seguido pelo de totalidade, visto que compartilha das mesmas vivências que os demais bairros. Um terceiro valor, o da discriminação, aparece no final do discurso, “***Não gosto do jeito qui os zotrus olha pra gente como se fosse bandido”***, mas logo é negado pelo orador. O “olhar dos outros”, um olhar de desprezo e depreciação insere o valor de discriminação no discurso e mesmo que esteja presente, a expressão “como se fosse” o faz perder forças, pois eles não são bandidos.

TEXTO 06

Eu moro na Granja Portugal, eu se mudei praça faz dois anos eu não sei muito sobre esse bairro mais eu sei que tem uns bairros boms e ums ruins na Granja Portugal tem pracinha pra gente se divertir e fazer ed física as vezes aqui é bom e ruim ao mesmo tempo as colegas tem ótimos professores principalmente nosso colegio que eu gosto muito.

T. S. N. 8º C, tarde

O orador inicia seu discurso declarando morar naquela região há dois anos e que não sabe muita coisa sobre o bairro. No entanto, tem conhecimento de que há bairros bons e ruins. Logo em seguida, acrescenta que o bairro sedia uma pracinha onde pode se divertir e praticar atividades físicas, presença essa que faz o bairro pertencer à categoria dos bairros bons. Outro elemento que aparece para validar o

ponto de vista, de que o bairro é bom, é a existência de uma escola com ótimos professores. Essa propriedade define a seguinte tese ***"Meu bairro é bom, devido ter uma pracinha e uma boa escola."***, que é defendida pelo argumento ***a pari***. Esse tipo de argumento, segundo Fiorin (2016, p.132), "é um argumento fundado no princípio da identidade, porque opera com identificação de situações.", ou seja, o bairro é bom por possuir elementos que assim o determinam. O bairro também pode/poderia ser ruim, mas para o nosso orador isso não interessa, visto que ele não elenca situações para assim o definir. Esse jogo argumentativo nos remete a outra categoria de argumentação, ***o argumento do todo pela parte, por processo de argumentos válidos de divisão***. Na argumentação, podem-se se transferir propriedades das partes para o todo (BAIRRO: pracinha=>diversão e atividade física / escola=> bons professores). O orador, além de colocar sua própria experiência como recurso de presença e como uma das categorias para fortalecer sua argumentação recorre aos ***lugares de qualidade*** (Devido à menção que faz à pracinha e à escola), e ao ***lugar de essência*** (Valoriza pessoas ou espaços que, dentro de uma categoria, representam a sua essência.), respectivamente, nessa ordem de relevância. Em seu discurso, elege como topo da hierarquia de valores a ***cautela***, visto que não declara nada mais do que aquilo que ele experimenta, seguido pelos valores do ***lazer*** e da ***educação***.

TEXTO 07

No meu bairro há muitas casas, mas do que lojas comerciais. Nele há algumas escolas, mais de ensino fundamental. Não têm muitas praças, apenas uma e não tem equipamentos suficientes para lazer. Eu não sei muito sobre meu bairro. E nem onde são seus limites, pois não ando muito para conhecer. Onde comprar coisas muitas vezes, onde tem mais opção não é no bairro. É mais pra longe. Mas tem várias pessoas que colocam pequenos comércios em suas casas, As vezes têm parques que vão para a praça mas onde tem mais é no Conjunto Ceará. Mesno assim gosto de morar aqui.

T. K. 8º C, tarde

O orador inicia seu discurso caracterizando seu bairro como um bairro residencial, pois há mais casas do que lojas comerciais. Segue seu discurso

apontando algumas carências como as de escolas de ensino médio ***"Nele há algumas escolas, mais de ensino fundamental"***, e a carência de praças e de equipamentos de lazer ***"Não têm muitas praças, apenas uma e não tem equipamentos suficientes para lazer."***, lojas comerciais ***"Onde comprar coisas muitas vezes, onde tem mais opção não é no bairro"*** entre outras necessidades que promoveria o bairro à categoria de um bairro bom. Essas lacunas apontam um ponto de vista negativo quanto à estrutura social do bairro, no entanto, ao final do discurso, o orador declara que mesmo com tantas necessidades, gosta de morar ali. Essa afirmação nos leva a entender que o bairro é um lugar bom de morar. Esse fechamento discursivo culmina na tese ***"Meu bairro é bom, mesmo com muitas necessidades estruturais e sociais".*** O valor da ***comodidade*** ocupa o lugar no topo da hierarquia, seguidos pelos valores de ***pertencimento/estrutura social*****.** Para evidenciar esses valores, recorre ao recurso de presença ***da quantidade, visto que*** tende a enumerar as coisas boas que o bairro possui. Assim, o orador expõe por meio do argumento pragmático que mesmo com determinadas carências o bairro continua sendo um lugar bom para se viver e com essa declaração reforça sua tese e conclui seu discurso.

TEXTO 08

> *A Granja Portugal bairro de tantas histórias sobre sua criação que eu não sei qual é a verdadeira, so sei que moro aqui a algum tempo sem duvida é um dos melhores que já morei. Tem amigos a praça onde a gente se incontra pra jogar, andar de skate e andar de bicicleta muitos cantos ondi a genti se reune para tomar uma vitamina. tem a escola que e legal enfim e legal morar aqui.*
>
> *A.R.S.S. 8º C, tarde*

Nesse discurso, o orador aponta desde o início o ***valor de superioridade*** como valor que ocupa o topo da hierarquia, seguido pelos valores do ***bem – estar*** e do ***lazer***; e, se vale do recurso de presença da ***quantidade*** *(já morou em vários bairros)* e de ***ordem*** (dos bairros onde morou esse é um dos melhores) para validar seus argumentos **"sei que moro aqui a algum tempo sem duvida é um dos melhores que já morei."** A utilização desse tipo de recurso implica o uso do argumento **de autoridade** validado pela própria experiência do orador, pois já experimentara outras

moradias e, por isso, tem autoridade para falar do assunto. A harmonia entre as categorias argumentativas possibilitou ao orador apresentar um texto com maior fluidez de informações, o que faz com que sua intenção comunicativa logo seja alcançada pelo auditório. Tal fluidez provoca no auditório a percepção de uma "segurança" sobre aquilo que esta sendo comentado e pode ser encontrado na tese que representa o bairro, ***"Meu bairro é muito bom",*** reforçada pelo ponto de vista explícito no texto ***"um dos melhores que já morei"***

TEXTO 09

Eu acho que meu bairro granja Portugal é muito legal. Eu gosto muito por que tenho meu amigos é mais ou menos Da minha família dei que meu mbairro tem upas, farmácia, mercados, ETC. eu acho que eu devia morar aui por mais tempos porque minha bisavô já morou na minha rua eu gosto muito do meu bairro mais por outro lado não gosta por que o meu bairro é cheio de bandido, marginal, morte, roubo e é isso que eu acho do meu bairro.

F. V. A. 8º C, tarde

O texto do orador 09 é o primeiro dentro dessa sequência de textos que apresenta a questão da violência. É valido abrirmos um espaço para salientar que os oradores, que tiveram seus textos analisados anteriormente, socializam os mesmos espaços de vivência deste orador, tais como, ruas, praças, escola, postos de saúde. Esse fato confirma acerca dos valores, que estes, mesmos sendo constituintes de determinado grupo social, são hierarquizados de forma diferenciada, e, essa hierarquia decorre das experiências sociais sofridas por cada individuo. Não é que se trate de outro bairro, é apenas a experiência que muda a representação da identidade social do bairro do ponto de vista desse esse orador. ***A insegurança/ a violência*** que o orador menciona em seu discurso faz parte da hierarquia de valores, no entanto não ocupa lugar de destaque, já que outros valores como o da ***comodidade*** e o de ***bem-estar*** ocupam o topo da hierarquia. A tese defendida pelo orador é que "Meu bairro é legal". Ao expor seu ponto de vista o orador utiliza o argumento ***das causas necessárias e suficientes***, pois argumenta que deve continuar a morar naquele lugar devido o fato de sua bisavó, também, já ter morado naquela rua. Essa categoria argumentativa recorre ao argumento de ***autoridade*** e do ***precedente*** pelo respeito e

atenção dados às escolhas de sua bisavó. Essas articulações argumentativas evidenciam o lugar **de pessoa**, devido à presença sua família e de sua bisavó e os lugares d***o existente e da quantidade,*** já que existem mais coisas boas (qualidades necessárias para uma boa moradia) naquele lugar em detrimento das ruins que foram apontadas no discurso.

TEXTO 10

Oi meu bairro é Granja Portugal na minha rua tem pessoas que moram lá des dos 10 anos minha mora lá a 35 anos ela gosta muito onde moramos tudo é tão tranqüilo do lado da minha casa tem uma velhinha que mora lá des do 12 anos Ela sabe de muitas coisa. Perguntei a ela se se tinha luz antigamente, ela disseque os tempos antigos eram muitos dificios usavam lamparinas ao redor de sua moradia tudo era mato e rios. Agora, tudo mudou. tem luz casas e muito mais.

A.V. 8º C, tarde

O orador inicia seu discurso declarando que há moradores que residem naquela região desde os 10 de idade e que sua mãe, por exemplo, mora por lá há 35 anos. O orador se vale das declarações de sua mãe que expõe gostar muito daquela moradia devido à tranquilidade do lugar e das declarações de uma vizinha, já em idade avançada, que considera a moradia de hoje ser melhor do que a moradia em outros tempos pela presença da luz elétrica. O orador recorre a outros discursos em detrimento de suas próprias experiências, provavelmente por acreditar nas experiências de quem considera ter vivência suficiente, lugar da **quantidade**. Esse recurso argumentativo, o lugar da quantidade, fortalece o argumento de ***autoridade*** utilizado pelo orador e para tal validação, recorre, também, aos ***lugares de pessoa*** (Devido à menção que a experiência de sua mãe e de uma idosa), e ao ***lugar de essência*** (Valoriza pessoas que, dentro de uma categoria, representam a sua essência, a experiência.). Em seu discurso, elege como topo da hierarquia de valores a **experiência,** visto que não declara nada mais do que aquilo que os outros experimentam ou acreditam, seguido pelos valores da **tranquilidade** e da ***comodidade***. Esses recursos de presença têm por objetivo ilustrar a tese que o orador pretende defender “Meu bairro é tranqüilo.”

Após análise das categorias argumentativas dos textos produzidos na primeira produção podemos observar as categorias em um quadro-resumo. Vejamos no tópico seguinte.

Analisadas as dez produções realizadas no primeiro momento de escrita, passemos para a leitura das categorias no quadro-resumo no tópico a seguir.

4.1.1 A representação da identidade social por categorias: Quadro-resumo com as categorias evidenciadas nas primeiras produções

No quadro a seguir, encontraremos uma síntese das categorias analisadas nos textos expostos no item anterior.

Quadro 04 - Quadro de teses, valores e natureza dos argumentos

TEXTO	TESE	HIERAQUIA DE VALORES	NATUREZA DOS ARGUMENTOS	LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO
01	*O meu bairro é muito perigoso, mas também tem seu lado bom.*	***comodidade**; bem-estar; insegurança*	*argumento a contrarium*	*qualidade e quantidade*
02	*O bairro é abandonado.*	***moradia**; lazer*	*causalidade e pragmático*	*Existente*
03	*O bairro é um lugar maravilhoso.*	***felicidade**; bem-estar e lazer.*	*pragmático*	*qualidade, existente e essência.*
04	*O bairro é grande e possui histórias legais.*	***convivência** e participação.*	*autoridade e pragmático*	*essência e existente.*
05	*O bairro é muito bom.*	***Cidadania***	*argumento tu quoque*	*Quantidade*
06	*O bairro é bom demais.*	***cautela**; lazer e educação.*	*a pari, identidade, parte pelo todo.*	*qualidade e essência.*
07	*O bairro é bom, mesmo com muitas necessidades estruturais.*	***comodidade;** pertencimento social.*	*Pragmático*	*quantidade*
08	*O bairro é um dos melhores onde já morei.*	***superioridade;** bem-estar e lazer.*	*autoridade*	*quantidade e ordem.*
09	*O bairro tem ótima estrutura.*	***comodidade;** bem-estar e insegurança.*	*autoridade e precedente*	*de pessoa, existente, quantidade.*
10	*O bairro tem famílias que convivem juntas há tempos.*	***experiência;** tranquilidade e comodidade.*	*Autoridade*	*quantidade, de pessoa, essência.*

Fonte: Autoria própria

Na defesa das teses encontradas nos textos analisados, foram encontrados nove tipos de argumentos distintos, sendo os de maior ocorrência argumentos de

natureza pragmática (utilizados quatro vezes) e os argumentos de autoridade. Os argumentos de natureza pragmática se pautam nas experiências vividas, nos procedimentos que avaliam os fatos em função de suas consequências. Eles retiram as informações, o ponto de vista e as teses daquilo que visualizam (visualizaram) em experiências suas ou de outros. Consoante a essas escolhas, expõem como valor mais evidente, aquele que rege o topo da hierarquia, o valor da comodidade, visto que nos textos é comum os oradores recorrerem à presença de UPAs, de supermercados, de escolas, de postos de saúde e de praças para validarem a tese que define o bairro como um bom lugar para morar. Seguem o topo da hierarquia os valores do bem-estar e do lazer (seguem o valor da comodidade, mas não ocupa o topo da hierarquia), em razão à existência dessas mesmas instituições sociais (escolas, posto de saúde) ou lugares de socialização (praças e escolas). De acordo com Abreu (2009), a intensidade de adesão a valores diferentes sinaliza uma escolha hierárquica. Para o autor, fatores culturais, históricos e ideológicos influenciam diretamente na elaboração de valores e hierarquias. Assim, os valores eleitos pelos oradores convergem, em maioria, para as mesmas justificativas. A compreensão desses valores por parte do auditório dependerá de sua convivência na própria comunidade ou de sua experiência em outra comunidade que compartilhe das mesmas situações de convívio. Os valores validados por argumentos pragmáticos ou argumentos de autoridade podem provocar, no auditório, uma concessão, sem fazê-lo aderir ou rejeitar essa hierarquia de imediato, dado que esses valores são hierarquizados pela experiência. Assim, como produto da persuasão, o auditório, mediante os argumentos utilizados tende a não confrontar a hierarquia, no entanto, caso o orador utilizasse outros argumentos, esses poderiam mobilizar uma nova hierarquia.

Quanto aos lugares da argumentação utilizados no discurso, os lugares da qualidade, da quantidade e da essência lideram como premissas utilizadas para reforçar a adesão a determinados valores. Dessa forma, o orador foge do lugar comum da violência por vezes utilizado nos discursos midiáticos, quando retratam o bairro.

Essas categorias representam o bairro Granja Portugal com uma identidade ímpar, com valores percebidos por aqueles que o constroem e por suas vivências. Valores que são definidos por questões que mais importantes para a comunidade, e, também, mais presentes no dia a dia delas. Em nosso trabalho, foi possível perceber que as questões colocadas em pauta pelos oradores diferem daquelas que por vezes são noticiadas pelos meios televisivos. Enquanto, os oradores apreciam a moradia no

bairro devido à presença de uma escola ou de um posto de saúde, a mídia, não considera essas questões. Consideram questão permeáveis a violência, roubos, assaltos, enfim, casos pontuais. Devemos entender que a identidade social representada é motivada por as experiências do orador, por um olhar por dentro da situação, daquilo que é relevante para ele.

Partamos agora, para a análise dos textos escritos no segundo momento de produção.

4.2 Quadro – resumo das produções textuais elaboradas no segundo momento de produção: teses, lugares, argumentos e hierarquias de valores

Quadro 05 - Quadro de teses, lugares, valores e natureza dos argumentos

TEXTO	TESE	HIERAQUIA DE VALORES	NATUREZA DOS ARGUMENTOS	LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO
01	O bairro é melhor do que outros bairros onde morou.	**tranquilidade**; boa convivência; violência.	*comparação, exemplo e autoridade*	*Ordem*
02	O bairro é perigoso como qualquer outro bairro da cidade.	**lazer;** mobilidade; violência.	comparação, exemplo e identidade	qualidade e ordem
03	O bairro oferece lazer e diversão.	**lazer;** diversão; violência.	comparação e identidade	quantidade e qualidade
04	O bairro é muito calmo.	**tranquilidade;** boa convivência; violência.	comparação e justiça	Quantidade
05	O bairro é tranqüilo.	**respeito,** lazer; reciprocidade.	justiça e exemplo	Pessoa, essência, existente
06	O bairro tem de budegas e de coleta de lixo regular.	**comodidade;** saneamento básico; tranquilidade.	identidade e exemplo	Existente
07	O bairro é bom devido o lazer.	**lazer;** boa convivência; violência.	Identidade	Quantidade
08	O bairro fica perto de escolas e igrejas.	l**azer**; comodidade; boa vizinhança.	identidade, causalidade	Qualidade
09	O bairro não oferece boas condições de moradia.	**violência;** moradia; reciprocidade.	identidade e justiça.	Quantidade
10	O bairro precisa de mais segurança.	**insegurança;** violência; mobilidade.	pragmático	Existente, essência

11	O bairro tem bons equipamentos urbanos.	**comodidade;** insegurança; violência.	identidade e pragmático	Existente, quantidade
12	O bairro oferece opções de lazer.	**lazer;** comodidade; diversão.	identidade	Existente, essência
13	O bairro é inseguro.	**insegurança**; violência; tranquilidade	identidade. exemplo	Quantidade, existente
14	O bairro oferece boas opções de lazer.	**lazer;** diversão; comodidade.	pragmático.	Quantidade, essência.
15	O bairro oferece opções de lazer.	**lazer;** comodidade; violência.	exemplo e pragmático	Qualidade, ordem
16	O bairro é perigoso.	**Insegurança,** violência, abandono	identidade e exemplo	Quantidade, essência.
17	O bairro oferece segurança.	**Segurança;** tranquilidade; boa vizinhaça.	justiça, exemplo	Pessoa, existente
18	O bairro “respeita” seus moradores.	**Parceria,** lazer, moradia	Justiça, exemplo	Essência, existente.

Fonte: Autoria própria

Nos textos produzidos pelos alunos, no segundo momento de produção textual, os oradores, na defesa das teses encontradas nos textos analisados, utilizaram oito tipos de argumentos distintos, sendo, nesse segundo momento, os de maior ocorrência argumentos de identidade (utilizado dez vezes) e os que recorrem ao exemplo (utilizados cinco vezes). Os argumentos de identidade recorrem a definição ou a análise de um conceito que caracteriza determinado objeto, pessoa ou lugar. Dessa forma se pautam em aspectos que só são encontrados ali ou em situações que são próprias daquele lugar mesmo que essas situações, também, se evidenciem em outros espaços. Assim, os oradores evidenciam o bairro Granja Portugal, pelo o argumento de identidade, por meio de aspectos que acreditam ser próprios daquele espaço e que de alguma forma, com determinadas características, para eles só se manifestam ali, os equipamentos urbanos, a rotina, a maneira como as pessoas interagem, entre outros. Nesse segundo momento, os oradores retiram as informações, o ponto de vista e as teses daquilo que visualizam (visualizaram) em experiências suas ou de outros e, a fim de validar suas proposições, utiliza o argumento pelo exemplo, no qual apresenta uma variedade de casos da mesma qualidade daquele que está em foco, com vista a obter uma generalização. Consoante a essas escolhas, dessa vez, expõem como valor mais evidente, aquele que rege o topo da hierarquia, o valor do lazer, visto que nos textos é comum os oradores recorrerem à presença da praça e de campos de futebol, assim como, a presença de

padarias e pizzarias apresentadas como instrumentos urbanos de lazer. Seguem o topo da hierarquia os valores da insegurança, da comodidade, sendo que o primeiro se apresenta em razão aos assaltos que ocorrem no bairro, enquanto o segundo, à existência de instituições sociais (escolas, posto de saúde) e de lugares de socialização (praças e escolas).

Quanto aos lugares da argumentação utilizados no discurso, os lugares da quantidade e da essência lideram como premissas utilizadas para reforçar a adesão a determinados valores. Nesse segundo momento, o orador menciona mais vezes o lugar comum da violência, por vezes utilizado nos discursos midiáticos, quando retratam o bairro, no entanto esse lugar-comum não recebe relevância frente aos outros valores e lugares.

Essas categorias representam o bairro Granja Portugal com uma identidade que denota o lazer, assim, os oradores apreciam a moradia no bairro devido à presença de uma praça ou de um espaço para jogos. Fora da situação de convívio, esses argumentos podem até parecer ínfimos, no entanto, para os oradores que lá habitam já são suficientes para assim caracterizá-lo. Devemos entender (como fora salientado na analise das primeiras produções) que a identidade social representada é motivada por as experiências do orador, por um olhar por dentro da situação, daquilo que é relevante para ele. Assim, como foi colocado desde o início não pretendemos redefinir uma identidade social, mas apresentar uma identidade por aqueles que lá convivem, visto que a questões relacionadas à identidade social serviram como subsídio temático para a escrita das produções textuais e, consequentemente, para a análise das categorias argumentativas nos textos produzidos.

Sigamos agora para a leitura sobre as contribuições das oficinas para a produção textual mediante uma análise comparativa entre os textos da primeira produção e os textos da segunda produção.

4.3 Contribuições das oficinas para o desenvolvimento da produção textual: uma análise comparativa entre a primeira e a segunda produção

Neste estudo, entre as nossas inquietações está o propósito de compreendermos as aproximações e os distanciamentos entre as categorias

presentes nas dissertações escolares. Trabalhamos com dissertações escolares produzidas por alunos, matriculados em uma escola pública de um bairro da periferia do município de Fortaleza-CE. Os alunos que assumem no discurso o papel de orador nas produções textuais, na primeira e na segunda versão, são de uma turma de 8º ano do turno da tarde.

Ao concluirmos nossas análises, partindo do pressuposto de que há argumentação em textos ancorados no gênero dissertação escolar, verificamos que, embora alguns dos argumentos utilizados para defenderem as teses que caracterizam o bairro, permaneçam os mesmos na primeira e na segunda versão, as categorias e as categorias argumentativas divergem em relação a essas produções.

Antes de apresentarmos como as categorias argumentativas se aproximam ou distanciam nos textos, é necessário sabermos que entre o primeiro e o segundo momento, foi realizado o processo de intervenção em sala. Dessa forma, acreditamos que a intervenção influenciou a presença ou ausência dos aspectos que os aproximam e/ou os distanciam uns dos outros. Perelman e Tyteca (2005) nos apresentam que os argumentos e as categorias argumentativas utilizados, além de produzir efeitos argumentativos em relação ao objeto que motiva o discurso, oferecem um conjunto de valores que comungam com o auditório. Isso nos faz acreditar que tanto na primeira quanto na segunda produção, o orador pretende convencer o auditório quanto a identidade do bairro recorrendo a valores que esse auditório também compartilha.

O primeiro auditório o qual o aluno deve conseguir a adesão é representado pela figura no professor, visto que, com os escritos o aluno pretende convencê-lo sobre a identidade do bairro, logo no primeiro momento. Mas de forma intencional ou despropositada, como se trata de questões sociais utiliza de recursos discursivos dessa esfera, como se falasse também aos demais moradores de outros bairros na mesma cidade, na tentativa de convencê-lo, também.

Assim, de posse das análises realizadas nos textos que constituem nosso *corpus de* nosso trabalho, o que tínhamos como pressuposto é o fato de que os alunos mobilizaram diversas categorias de argumentativas: teses, valores, argumentos e lugares da argumentação e, pudemos assim constatar que em sua maioria convergia para validar o mesmo ponto de vista entre oradores: O bairro é um bom lugar de se morar, oferece diversão, comodidade e instrumentos urbanos (postos de saúde, praças, escolas e igreja) e essa identidade se deriva do resultado discursivo das duas produções textuais, sendo que na primeira produção a identidade é marcada pelo

valor da comodidade, enquanto o da segunda, pelo valor do lazer. Mas deixemos para tratar dessas questões nas CONSIDERAÇÕES FINAIS no subtópico que tratará da representação da identidade social do bairro. Voltemos a nossa atenção, nessa seção, para as categorias argumentativas observadas nos textos de cinco oradores. Trata-se da análise das produções anterior e posterior ao momento de intervenção.

Observemos o quadro a seguir e nos atentamos que dentro da mesma numeração a primeira linha apresenta as categorias utilizadas pelo mesmo orador na primeira produção, enquanto a segunda linha evidencia as categorias utilizadas no segundo momento de produção.

Quadro 06 – Quadro comparativo entre as categorias da primeira e da segunda produção

ORADOR	TESE	HIERAQUIA DE VALORES	NATUREZA DOS ARGUMENTOS	LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO
01	*O bairro é bom, mesmo com muitas necessidades estruturais.* (orador 07)	***comodidade;*** *pertencimento social.*	*Pragmático*	*Quantidade*
	O bairro fica perto de escolas e igrejas. (orador 08)	l**azer**; comodidade; boa vizinhança.	identidade, causalidade	Qualidade
02	*O bairro é bom demais.* (orador 06)	***cautela****; lazer e educação.*	*a pari, identidade, parte pelo todo.*	*qualidade e essência.*
	O bairro oferece boas opções de lazer. (orador 14)	**lazer;** diversão; comodidade.	pragmático.	quantidade, essência.
03	*O bairro é um lugar maravilhoso.* (orador 03)	***felicidade****; bem-estar e lazer.*	*pragmático*	*qualidade, existente e essência.*
	O bairro é melhor do que outros bairros onde morou. (orador 01)	**tranquilidade**; boa convivência; violência.	*comparação, exemplo e autoridade*	*Ordem*
04	*O meu bairro é muito perigoso, mas também tem seu lado bom.(orador 01)*	***comodidade****; bem-estar; insegurança*	*argumento a contrarium*	*qualidade e quantidade*
	O bairro não oferece boas condições de moradia. (orador 09)	**violência;** moradia; reciprocidade.	identidade e justiça.	Quantidade
05	*O bairro é um dos melhores onde já morei.(orador 08)*	***superioridade;*** *bem-estar e lazer.*	*autoridade*	*quantidade e ordem.*
	O bairro “respeita” seus moradores.(orador 18)	**Parceria,** lazer, moradia	Justiça, exemplo	Essência, existente.

Fonte: Autoria própria

Alguns oradores continuaram na segunda produção textual a defender os mesmos valores e as teses permeiam o mesmo campo semântico. No entanto, quanto

ao uso dos argumentos, os oradores utilizaram argumentos distintos entre uma produção e outra se compararmos as versões antes e depois da intervenção. Houve uma variação quanto à seleção dos lugares da argumentação, no entanto, entendamos apenas como novas categorias para validar a tese e promover a adesão do auditório.

Assim, reconhecemos que a intervenção realizada em sala, qualificou a produção discursiva do orador, potencializando a produção de sua argumentação. Nessa pesquisa, a fluidez na argumentação se fez presente nas categorias argumentativas e não no entendimento e na representação da identidade social do bairro. As questões dos limites físicos não foram evidenciadas no reconhecimento dessa identidade. Para o orador, aquilo que identifica o bairro se remete a valores partilhados que ultrapassam os limites geográficos (Granja Portugal, Bom Jardim, Conjunto Ceará ou Bom Sucesso) e compõem um leque de características que o definem.

Mais à frente, trataremos sobre as questões da identidade social. Concluídas as análises e discutidos as categorias argumentativas presentes nos textos, passemos para as Considerações Finais de nossa pesquisa, as quais iremos tratar no capítulo a seguir, desse modo intitulado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 As constatações preliminares

Nesta dissertação, buscamos analisar alguns processos argumentativos presentes nas dissertações escolares de alunos do 8º ano de uma escola pública municipal da cidade de Fortaleza – CE, ao representarem a identidade social do bairro Granja Portugal, nesse mesmo município

Dessa maneira, num primeiro momento, foi possível perceber maior interesse por parte dos alunos para com a temática proposta do que as temáticas dos textos usualmente utilizados nas aulas de leitura e produção textual, na maioria das vezes, distantes da realidade desse aluno. Os alunos, também, se mostraram interessados na produção textual e na aprendizagem de categorias argumentativas para fundamentarem suas teses. Diante disso, nos foi possível perceber que os alunos interferem mais no sentido argumentativo, conseguindo se posicionar de maneira mais efetiva e assumindo uma postura diante do conteúdo apresentado, no caso, *a Representação da Identidade Social do bairro Granja Portugal.*

5.1.1 A representação da identidade social evidenciada por categorias argumentativas

Como temática para subsidiar nossa pesquisa, desde o início oferecemos a nossos alunos questionamentos, atividades e textos com a pretensão de levá-los a refletir sobre a identidade social do bairro e assim, pudesse evidenciá-la. Dessa maneira, salientamos durante o decorrer de nossa pesquisa que nosso objetivo em utilizar essa temática não seria a de criar uma nova identidade para o bairro, no entanto, investigar se a identidade que os moradores têm sobre aquele lugar é a mesma que é noticiada pela mídia, cujo lugar- comum mais evidente é a violência.

Ancorados na máxima saussuriana, “é o ponto de vista que cria o objeto.”, acreditamos que dentre as múltiplas identidades identificadas a partir de cada orador, existe aquela (ou aquelas) que mais evidencia o bairro. Em nossa pesquisa, pudemos identificar que, ao contrário do que propagam os veículos midiáticos, os oradores

acreditam que o bairro é um bom lugar para se viver, seja pela comodidade devido à presença de equipamentos urbanos, seja pelo lazer ou familiaridade com os seus pares.

É valido ressaltar que essa representação social do bairro oferecida pelos oradores em seus discursos não anula outras identidades identificadas por outros oradores, ou seja, mediante outros pontos de vista. No entanto, as teses expostas nos apresentaram um novo olhar sobre a caracterização do bairro, um olhar “visto de dentro”, por moradores daquela região.

No tópico a seguir, quando discutiremos sobre o “Diálogo com as Questões de Pesquisa” iremos expor a importância dessa representação de identidade(s) para o currículo e construção das aprendizagens, como bem nos ressaltam os documentos oficiais mencionados no referencial teórico desse trabalho.

5.2 Diálogo com as questões de pesquisa

Pesquisar não é conhecer realidades ou verdades parciais. Conforme Markoni e Lakatos (2014), pesquisar, é também encontrar respostas, através de métodos científicos. Inicialmente, a nossa pesquisa foi motivada por ***três situações distintas***, no entanto, próximas quanto à realidade docente. *A primeira delas é o trabalho com o texto*, especificamente com o processo da produção textual, e não apenas com o produto pronto e acabado. Dessa forma, analisar o processo da produção textual de dissertações escolares foi primordial para o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Em nossa pesquisa, analisamos esse processo observando as categorias argumentativas mobilizadas pelo orador (aluno) e constatamos que os alunos após as oficinas interventivas os alunos recorriam a argumentos mais adequados a fim de justificar suas teses.

A segunda situação veio do interesse que nutrimos por textos lingüísticos, mas especificamente, pelas ***escolhas linguísticas mobilizadas pelo orador como, por exemplo: i) valor que ocupa o topo da hierarquia, ii) as teses que sustentam os valores explicitados nos textos e, por ultimo, iii) a natureza dos argumentos que os oradores que utiliza para validar seu ponto de vista.*** Essa segunda situação

nos levou a trabalhar de forma gradativa as categorias da argumentação nos textos dos alunos, primeiro identificando as teses, nelas, os valores, lugares e argumentos.

A terceira e última situação veio explicar o interesse em trabalharmos ***a identidade escolar*** para subsidiar a proposta de intervenção de nossa pesquisa, que se baseou na relação entre identidade social e currículo escolar ser fundamental para a construção e manutenção de outra identidade, a escolar. A construção da identidade se manifesta através das interações com o outro. Há momentos em que os oradores salientam que há coisas próprias do bairro e alertam ao auditório para percebê-las. A identidade é um conceito do qual faz parte, a ideia de distinção, de uma marca, de diferença entre os espaços, a começar pelo nome do bairro, seguindo de todas as características físicas, sociais e culturais; o modo de agir e de pensar e da história pessoal. Assim, dessa maneira, a escola pode entender e comungar dos valores que ocupam o topo da hierarquia dos oradores que lá habitam. E por consequência, oferecer um espaço onde o ensino – aprendizagem permeie os valores e necessidades dos alunos que a frequentam.

No entanto, essas situações puderam ser trabalhadas, de maneira mais específica, na produção textual da dissertação escolar, ao analisarmos as categorias argumentativas utilizadas para evidenciar a identidade social do bairro Granja Portugal em Fortaleza – CE. Como desdobramento dessa questão, tivemos a oportunidade de verificar a pertinência das outras questões de pesquisa, tais como, ***quais lugares são mais recorrentes*** para explicitar os valores que evidenciam a identidade do bairro. E, por último, ***se a proposta de intervenção promoveu uma melhor escrita do gênero dissertação escolar*** quanto à estrutura e à exposição de argumentos. Quanto à primeira questão de pesquisa, os valores que ocupam o topo da hierarquia são dois, na primeira produção a identidade é marcada pelo valor da comodidade, ambos ancorados pelo lugar de quantidade e de qualidade. O bairro é um bom lugar de se morar, oferece diversão, comodidade e instrumentos urbanos (postos de saúde, praças, escolas e igreja) e essa identidade se deriva do resultado discursivo das duas produções textuais.

Em relação à segunda questão, na segunda produção textual foi possível constatar que as oficinas de intervenção contribuíram para os oradores se apropriarem do uso de categorias comunicativas no gênero dissertação escolar, sendo possível em um momento posterior, a partir dessas primeiras conquistas,

trabalhar outras lacunas dentro das categorias comunicativas, tais quais a contra – argumentação e o *ethos* discursivo.

Devemos ressaltar que, com essa pesquisa, não pretendemos chegar à exaustão quanto às questões de pesquisa, no entanto, evidenciamos que alcançamos aquilo ao qual nos propomos analisar no início de nosso trabalho: trabalhar as categorias argumentativas e, dessa forma, constatar que a partir do trabalho com essas categorias os alunos puderam representar a identidade do bairro Granja Portugal – CE no gênero dissertação escolar.

5.3 Contribuições da pesquisa com os estudos argumentativos

Todos, a partir do momento em que temos contato com as pessoas, precisamos estabelecer com elas interação, para que assim possamos obter relações favoráveis com as mesmas. Daí, a importância da argumentação, saber argumentar, gerenciando nossas relações com as pessoas que nos rodeiam. Saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossas verdades dentro da verdade do outro. Hoje, fala-se que quem tem habilidades em gerenciar informações por intermédio da escrita ou da comunicação oral detém o poder em mãos. Assim, encontra-se uma necessidade de desenvolver essas habilidades. No entanto, não se fala de informações por si só, e sim, em como estas podem ser transmitidas para gerar conhecimento.

Abreu (2009) declara que as informações são tijolos e o conhecimento é o edifício que construímos com eles. O nosso conhecimento é uma integração de informações a qual nos levará ao entendimento. É importante sabermos onde iremos buscar estas informações para que não nos deixemos manipular por informações inverídicas. A maioria das pessoas obtém informações a partir das mídias escritas e faladas. Estas possuem uma visão limitada das informações, como se nos direcionássemos apenas para o que elas querem que vejamos, um tipo de manipulação. E é essa manipulação midiática e alienante que a educação escolar, também, deve combater. Não pensamos em responsabilizar apenas a escola para desenvolver tarefa tal árdua e complexa, no entanto, sabemos que um dos papeis

sociais dessa instituição – e um dos mais interessantes - é oferecer informações em várias fontes, livros, informativos, que acrescentem na sua visão sobre o mundo, sobre as pessoas. Além de oferecer informações, a escola precisa ensinar ao aluno a gerenciar relações para o bom convívio com os outros, assim, ganha-se confiança e prestígio quem sabe contornar uma situação a partir de uma conversa envolvendo relações. Portanto, argumentar nada mais é que saber convencer e persuadir, pois a partir do momento em que se propõe a convencer alguém está gerenciando informações e quando está persuadindo está gerenciando relações e, a escola, possui instrumentos e tempo necessário para isso.

Com efeito, ampliar no discurso dos alunos a capacidade de argumentar sustentando uma opinião, por exemplo, contra um adversário num diferendo é já reconhecê-lo como interlocutor, e esta atividade – que parece simples, mas não é – já representa uma renuncia a violência da imposição do que lhe é dito.

Essa é uma das principais contribuições de nossa pesquisa para os estudos da argumentação, é salientar, ou melhor, tornar evidente, através de nossos estudos que para que podemos nos expressar, impor nossas vontades, colocar nosso ponto de vista perante a sociedade e obter aquilo que queremos de modo cooperativo e construtivo, é necessário argumentar. E para potencializar tal competência, se faz necessário conhecer as técnicas ou categorias argumentativas.

Para argumentar ao produzirem seus discursos, nossos oradores precisaram primeiro transformar informações em conhecimento e gerenciar as relações, ou seja, se informaram sobre a natureza das questões do discurso, a quem precisavam convencer, porque seria necessário convencer determinado auditório sobre isso, quais os melhores argumentos para validar suas teses entre outros aspectos.

Outra coisa interessante observada em nosso trabalho foi identificar, na esfera discursiva da argumentação, o poder que o auditório tem sobre o orador, e a maneira como esse último estabelece concessões em suas próprias crenças para poder convencer o outro. Dessa forma, mesmo que não esteja no topo da hierarquia de valores, o orador saiba que o bairro é violento, no entanto, em seu discurso, oculta determinadas informações para assim conseguir convencer e persuadir o seu auditório.

Mostramos, evidenciando por meio da avaliação dos vinte oito textos produzidos pelos alunos, que nossos alunos são capazes de argumentar por meio de textos escritos. Deleitamo-nos por meio com os textos produzidos, encontrando neles

as categorias trabalhadas na proposta de intervenção: ponto de vista, tese, valores, argumentos, lugares e, principalmente, a proposta do orador em representar a identidade social do bairro.

No entanto, nosso estudo, apontou indícios que mesmo que nossos alunos sejam capazes de argumentar e de elaborar categorias diversificadas, esse trabalho pode ser potencializado na escola É na escola que essas categorias podem ser mais bem desenvolvidas se adequando as variadas finalidades.

Para finalizar, a última observação que colocamos não se remete apenas ao campo dos estudos da argumentação, por lado é de tal modo inerente ao discurso. A escola deve criar situações de produção cada vez mais aproximadas das situações extraescolares, em que os alunos possam também escrever para auditórios cada vez mais diversificados, para dar conta das múltiplas finalidades, pois só assim eles poderão ampliar e fortalecer as categorias discursivas que sejam mais adaptadas às suas próprias finalidades.

5.4 As contribuições do ensino de produção textual por categorias argumentativas

O ensino de Língua Portuguesa vem passando por mudanças substanciais que são reflexos das pesquisas a respeito do que é linguagem e de como os falantes interagem através do discurso.

A escola sempre foi um espaço creditado a oferece o ensino da língua, mesmo hoje, com o advento da tecnologia e a oferta de tutoriais nos quais aprendemos a fazer “quase tudo”.

No entanto, algumas concepções como a de ensinar a língua materna é o suficiente para o falante de possuir/desenvolver competência comunicativa não é mais aceita. Língua e linguagem ocupam posições distintas, mas intercambiáveis. A partir do defende Koch (1987) que a linguagem é essencialmente argumentativa, podemos conferir que o ato de argumentar, isto é, o de atuar em um discurso constitui um ato linguístico fundamental. Nessa perspectiva, todo discurso teria uma base argumentativa para apresentar e defender nossas concepções e pontos de vista.

Dessa maneira, cabe à escola, (ao ensino de língua portuguesa) o desenvolvimento do raciocínio do indivíduo aprendiz, mobilizá-lo a encontrar espaço e condições para que as habilidades de raciocinar e argumentar, tão exigidas nos dias atuais, possam ser desenvolvidas. A aprendizagem precisa ser vista como um processo de construção de conhecimento e não, de transferência de saberes. Não há saberes, transferidos, há saberes, construídos.

Hoje, os alunos são atores de um contexto social que exige cada vez mais indivíduos ativos, crítico-reflexivos, cabe ao ensino, o papel de prepará-los para viver em sociedade de maneira ativa, participando com consciência das situações nas quais se envolvem cotidianamente; por isso, a preocupação de Brasil (1998, p. 07), ao estabelecer como um dos objetivos para o Ensino Fundamental que os alunos sejam capazes de “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diversas situações sociais.

Partindo desse objetivo, podemos destacar a relevância de um processo de um ensino-aprendizagem que priorize o desenvolvimento de habilidades lingüísticas, para que assim, sejam capazes de fazer com que o indivíduo pense sobre a linguagem, compreenda-a e utilize-a de acordo com as situações e os propósitos em que estejam inseridos.

Para que isso aconteça de forma progressiva e substancial na escola, o indivíduo tem que saber raciocinar e argumentar. Para isso, a reflexão sobre a intervenção didática adequada a ser desenvolvida é um fator fundamental para a aquisição e para o desenvolvimento das habilidades argumentativas. Lembramos que cotidianamente esses processos ocorrem sobre as nossas atividades que envolvem a linguagem. No entanto, eles são produzidos de forma assistemática e podem ser percebidos, por exemplo, nas nossas conversas e atitudes cotidianas, quando defendemos posicionamentos, quando justificamos nossas ausências em determinados contextos, entre infinitas outras situações. Daí a necessidade de sistematizar e adaptar esses processos.

Mesmo que possamos indicar fases próprias do discurso argumentativo (ponto de vista, justificativa), há elementos que podem estar aparentemente implícitos (teses, argumentos, valores e lugares) no texto e para que o aluno possa reconhecê-los, utilizá-los e/ou modificá-los, precisamos ajudar ao a aprender a diversificar os modos de defender os diferentes pontos de vista. Precisamos, também, ajudar os alunos a

aprender a selecionar boas justificativas a fim de convencer ou persuadir seu auditório, diversificando, assim, o modo de apresentá-las.

5.5 Contribuições, impacto e propósitos do profletras na melhoria do ensino fundamental

As relevantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas o desenvolvimento tecnológico e o aprimoramento de novas maneiras de pensamento sobre o saber e sobre o processo pedagógico, têm refletido principalmente nas ações dos alunos no contexto escolar, o que tem se tornado ponto de dificuldade e insegurança entre professores e agentes escolares resultando em forma de comprometimento do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário à busca de uma nova reflexão no processo educativo, onde o agente escolar passe a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

Como nos declara Gadotti (2000) são as relações sociais em seu contexto de atuação que gerencia a educação, não se concebe fazendo parte dela, um professor que não adere às mudanças, que não busca o novo, que não se aperfeiçoa; pois, as relações sociais estão constante transformação. É preciso entender que os objetivos da educação estão nos resultados da ação educativa.

Estando os objetivos da educação relacionados à ação educativa, só teremos bons resultados, se tivermos uma boa prática. É nesse contexto que entra o PROFLETRAS.

O Profletras é um Mestrado Profissional ofertado em rede nacional que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema de Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ele tem uma carga horária de 360h, com 05 disciplinas obrigatórias, 02 de fundamentação, também obrigatórias, e 03 optativas.

O objetivo do programa é a formação, ao médio prazo, de professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental de todo o país.

Na filosofia que envolve o programa, a formação do docente de língua portuguesa tem entre outros, os seguintes objetivos: ampliar a qualidade das habilidades de leitura e escrita dos alunos, tornando-os mais proficientes; diminuir a evasão escolar; preparar o aluno para os multiletramentos e oferecer uma pedagogia inovadora que possibilite ao aluno à proficiência nos diversos letramentos.

Como todo mestrado, o Profletras também exige do mestrando um projeto de pesquisa, mas o que o distingue de outros cursos, é que essa pesquisa obrigatoriamente deverá ter como objeto de investigação um problema da realidade escolar e/ou da sala de aula do mestrando no que concerne ao ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Em consonância com o programa de mestrado, a área de desenvolvimento de nossa pesquisa envolve as práticas sociais.

A filosofia do programa favorece à formação de um professor pesquisador, um professor ativo aos problemas que estão envoltos ao seu campo docente. Isso fará com novos conhecimentos sejam produzidos e compartilhados, beneficiando sempre mais a qualidade do ensino país.

REFERÊNCIAS

ABREU. A. S. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

ARANTES. A. A. **O que é cultura popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

AUSTIN, John L. **Emisiones realizativas in Ensayos Filosóficos**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1989. p. 217 a 231.

BAKHTIN, M.;VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 196

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. (pp.17-36). (Pedrinho A. Guareschi, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ed. Campinas, S.P: Unicamp, 2004.

BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org). **A prática de Linguagem em sala de aula:** praticando os PCNs. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. P. Atividades de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 1999,

CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M. **Aspectos da Lingüística Aplicada.** Florianópolis: Insular, 2002.17-32.

CHEVALLARD, Y. La **Transposition Didactique:** Du Savoir Savant au Savoir Ensigné. Grenoble, La pensée Sauvage, 1991.

COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos lineares do contemporâneo**. 3° edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo:** as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar edições, 2003.

FIORIN, J.L. **Linguagem e Ideologia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios)

_____. **Argumentação.** São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987

GERALDI, J. W. (org) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** la identidad deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, 172p.

GONDAR, Jô.: **Quatro Proposições sobre Memória Social**, in: GONDAR, Jô;

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa:** projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.

GUEDES, Neide Cavalcante. **A construção dos conceitos de formação profissional e prática pedagógica.** Teresina: EDUFPI, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP & A, 1999..

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEINE, P. V. B. **O ethos e a intimidade regulada:** especificidades da construção da construção do ethos no processo de revelação da intimidade no blogs pessoais. Dissertação de Mestrado. Salvador, Instituto de Letras UFBA, 2007

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro, Paz e terra, p. 1984, p. 9-23.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KÖCHE, J. Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: Teoria da Ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2010.

KOCH, I. M. V. **Introdução Linguística Textual**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1087.

MARCUSCHI, Luís Antonio. **Produção textual.** Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MEC/SEF- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1997, volumes 1 e 2.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PERELMAN, Chaïm. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação:** a nova retórica. 2ª edição. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992, 200-212.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org). **A prática de Linguagem em sala de aula:** praticando os PCNs. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, G. S. **O Nordeste na mídia**: um (des)encontro de sentidos. 2003, 398 p. Tese (doutoramento). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", 2003.

SOUZA, G. S. A argumentação nos discursos: questões conceituais. In: FREITAS, A. C., RODRIGUES, L. O. & SAMPAIO, M. L. P. (Org.) **Linguagem, discurso e cultura:** múltiplos objetos e abordagens. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008, p. 57-74.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

ANEXO 01 – MAPA DOS BAIRROS DE FORTALEZA

http://www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm, acessado em 28/04/2016 às 20h 45 min.

ANEXO 02 – MAPA DO BAIRRO GRANJA PORTUGAL

https://www.google.com.br/maps/place/Granja+Portugal

ANEXO 03 – RESUMO DO LIVRO “MÉMORIAS DO MENINO GUILHERME

Mem Fox

Era uma vez um menino chamado Guilherme Augusto Araújo Fernandes e ele nem era tão velho assim.

Sua casa era ao lado de um asilo de velhos e ele conhecia todo mundo que vivia lá.

Ele gostava da Sra. Silvano que tocava piano.

Ele ouvia as histórias arrepiantes que lhe contava o Sr. Cervantes.

Ele brincava com o Sr. Valdemar que adorava remar.

Ajudava a Sra. Mandala que andava com uma bengala.

E admirava o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

Mas a pessoa que ele mais gostava era a Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro, porque ela também tinha quatro nomes, como ele.

Ele a chamava de Dona Antônia e contava-lhe todos os seus segredos.

Um dia, Guilherme Augusto escutou sua mãe e seu pai conversando sobre Dona Antônia.

- Coitada da velhinha - disse sua mãe.

- Por que ela é coitada? - perguntou Guilherme Augusto.

- Porque ela perdeu a memória - respondeu seu pai.

- Também, não é para menos - disse sua mãe. - Afinal, ela já tem noventa e seis anos.

- O que é memória? - perguntou Guilherme Augusto.

Ele vivia fazendo perguntas.

- É algo de que você se lembre - respondeu o pai.

Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então, ele procurou a Sra. Silvano que tocava piano.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo quente, meu filho, algo quente.

Ele procurou o Sr. Cervantes que lhe contava histórias arrepiantes.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo.

Ele procurou o Sr. Valdemar que adorava remar.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar.

Ele procurou a Sra. Mandala que andava com uma bengala.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir.

Ele procurou o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

Então Guilherme Augusto voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido as suas.

Ele procurou uma antiga caixa de sapatos cheia de conchas, guardadas há muito tempo, e colocou-as com cuidado numa cesta.

Ele achou a marionete, que sempre fizera todo mundo rir, e colocou-a na cesta também.

Ele lembrou-se, com tristeza, da medalha que seu avô lhe tinha dado e colocou-a delicadamente ao lado das conchas.

Depois achou sua bola de futebol, que para ele valia ouro; por fim, entrou no galinheiro e pegou um ovo fresquinho, ainda quente, debaixo da galinha.

Aí, Guilherme Augusto foi visitar Dona Antônia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta.

"Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas", pensou Dona Antônia.

E então ela começou a se lembrar.

Ela segurou o ovo ainda quente e contou a Guilherme Augusto sobre um ovinho azul, todo pintado, que havia encontrado uma vez, dentro de um ninho, no jardim da casa de sua tia.

Ela encostou uma das conchas em seu ouvido e lembrou da vez que tinha ido à praia de bonde, há muito tempo, e como sentira calor com suas botas de amarrar.

Ela pegou a medalha e lembrou, com tristeza, de seu irmão mais velho, que havia ido para guerra e que nunca voltou.

Ela sorriu para a marionete e lembrou da vez em que mostrara uma para sua irmãzinha, que rira às gargalhadas, com a boca cheia de mingau.

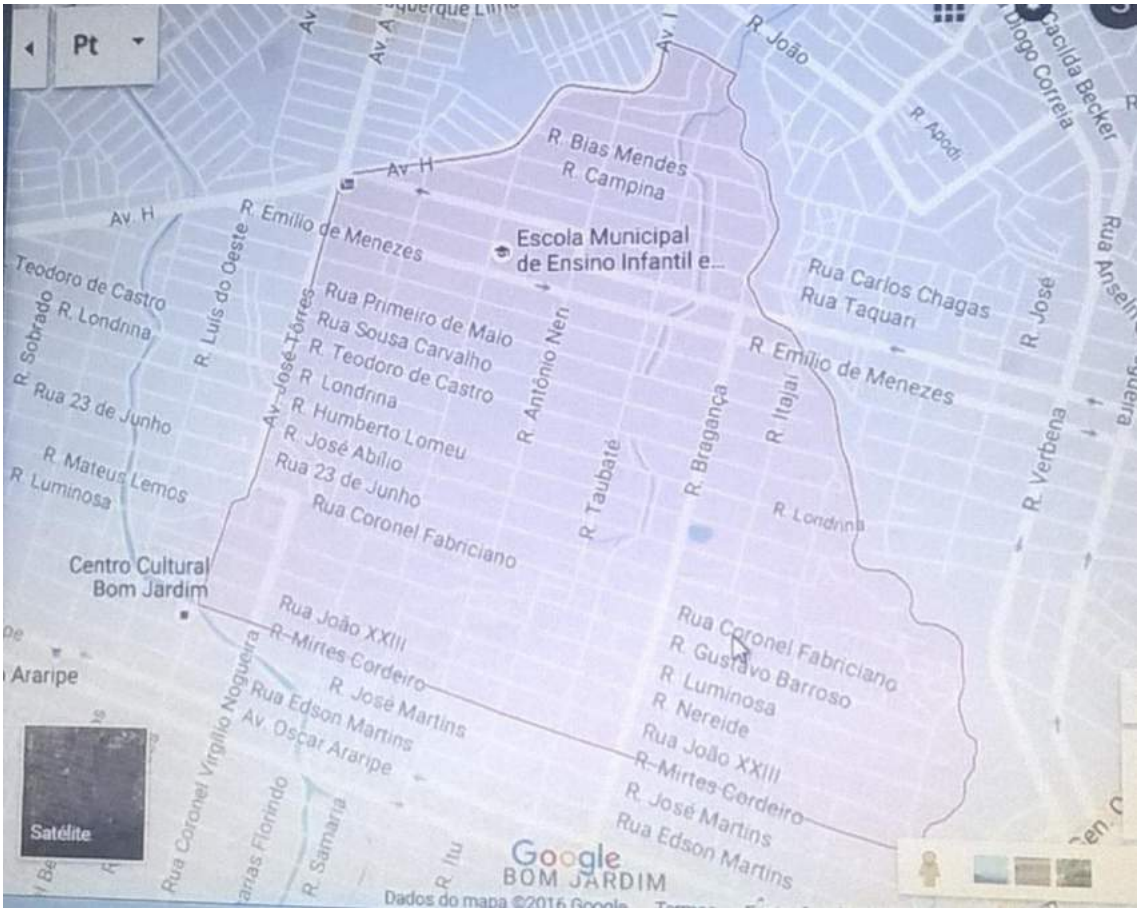
Ela jogou a bola de futebol para Guilherme Augusto e lembrou do dia em que se conheceram e de todos os segredos que haviam compartilhado.

E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim.

Fonte: FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Brinque-Book, 1984.

ANEXO 04 – PROPOSTA DE ENTREVISTA

ENTREVISTA



OBS. As meninas irão entrevistar pessoas com mais de 50 anos. Enquanto, os meninos entrevistarão moradores entre 20 e 49 anos.

ENTREVISTADOR:_____

1. Gênero ( ) MASCULINO ( ) FEMININO
2. Ocupação / profissão

_____

3. Há quanto tempo mora no bairro?

_____

4. Atividades que costuma realizar na hora do lazer?

_____

5. Para realizar essas atividades você precisa sair de seu bairro? Por quê? ( ) SIM ( ) NÃO

_____

_____

6. Do que mais gosta em seu bairro?

_____

7. Do que não gosta em seu bairro?

_____

8. Qual lugar representa a identidade do seu bairro, ou seja, o lugar mais conhecido do bairro?

_____

9. Você gosta de morar neste bairro? Por quê?

_____

10. Considera esse bairro perigoso ou violento? ( ) SIM ( ) NÃO

_____

_____

11. Fortaleza tem atualmente 119 bairros divididos em cinco regionais. O nosso bairro compõe a Regional V. O que você acredita que um morador do bairro Montese, por exemplo, pensaria sobre o seu bairro. Por quê?

_____

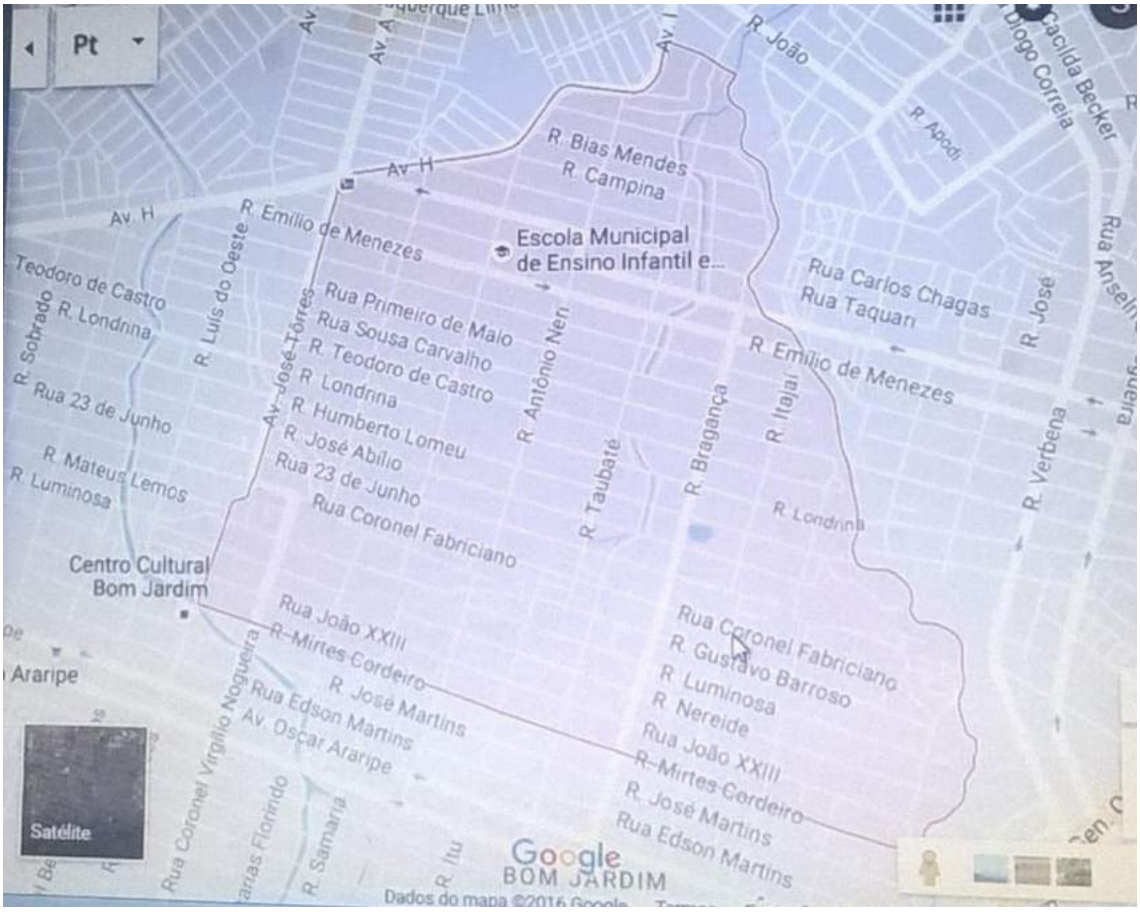
_____

_____

ANEXO 05 – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO *DISSERTAÇÃO ESCOLAR*, 1ª FASE

PRODUÇÃO TEXTUAL

Você se lembra de que tentamos em nosso primeiro encontro encontrar uma palavra que representasse o nosso bairro? E que, no encontro seguinte, conhecemos a história do menino Guilherme, que tinha como objetivo ajudar a uma senhora resgatar as memórias? É então deve, lembrar que as memórias conduzem a uma identidade sobre determinada pessoa, lugar ou tempo. Não é diferente com o nosso bairro. O texto que você irá produzir a seguir tem a pretensão de mostrar justamente isso: A identidade do seu bairro, como você o vê, quais coisas fazem parte de sua rotina diária. Então, chega de conversa... e mãos à obra!



Mapa do bairro Granja Portugal. https://www.google.com.br/maps/place/Granja+Portugal,+Fortaleza+-+CE/@3.7815825,38.6087927,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7c74c6352835a2b:0x61fb685ae7656a70!8m2!3d-3.7822754!4d-38.6014326. Acessado em 25/09/16

O retrato do meu bairro pelas palavras

ANEXO 06 - A ASSEMBLÉIA DOS RATOS

A ASSEMBLEIA DOS RATOS - Fábula de ESOPO - Fabulista grego do século VI a.C. -

Era uma vez uma colônia de ratos, que viviam com medo de um gato. Resolveram fazer uma assembleia para encontrar um jeito de acabar com aquele transtorno. Muitos planos foram discutidos e abandonados. No fim, um jovem e esperto rato levantou-se e deu uma excelente ideia:

- Vamos pendurar uma sineta no pescoço do gato e assim, sempre que ele estiver por perto ouviremos a sineta tocar e poderemos fugir correndo. Todos os ratos bateram palmas; o problema estava resolvido. Vendo aquilo, um velho rato que tinha permanecido calado, levantou-se de seu canto e disse:

- O plano é inteligente e muito bom. Isto com certeza porá fim à nossas preocupações. Só falta uma coisa: quem vai pendurar a sineta no pescoço do gato?

Moral da história:_____

CANÇÃO DA AMÉRICA

Milton Nascimento

Compositor: Milton Nascimento, Fernando Brant
Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração,
assim falava a canção que na América ouvi,
mas quem cantava chorou ao ver o seu amigo partir,
mas quem ficou, no pensamento voou,
com seu canto que o outro lembrou
E quem voou no pensamento ficou,
com a lembrança que o outro cantou.
Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito,
mesmo que o tempo e a distância, digam não,
mesmo esquecendo a canção.
O que importa é ouvir a voz que vem do coração.
Pois, seja o que vier,
venha o que vier
Qualquer dia amigo eu volto a te encontrar
Qualquer dia amigo, a gente vai se encontrar.

https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cancao-da-america.html, acessado em 06/09/2016

TIPOS DE ARGUMENTO – PARTE I

ARGUMENTO PELA AUTORIDADE

Argumento de autoridade é quando uma pessoa que tem certo respaldo em determinada área do saber, seja por sua formação acadêmica ou contribuição na área, este indivíduo ao emitir um parecer sobre em tese não se pode questioná-lo, por se tratar de uma "autoridade" no assunto.

ARGUMENTO PELO EXEMPLO

A argumentação pelo exemplo acontece quando sugerimos a imitação das ações de outras pessoas. Podem ser pessoas célebres, membros de nossa família, pessoas que conhecemos em nosso dia-a-dia, cuja conduta admiramos. Posso defender a tese principal de que as pessoas de mais de cinqüenta anos ainda podem realizar grandes coisas em suas vidas, utilizando como tese de adesão inicial o exemplo de Júlio César que, depois dos cinqüenta anos, venceu os gauleses, derrotou Pompeu e tornou-se governador absoluto em Roma.

Dizem que, quando Tancredo Neves pretendia ser candidato à presidência da República, houve, dentro do PMDB, rumores contrários à sua candidatura, alegando ter ele idade avançada. Imediatamente, Tancredo argumentou pelo exemplo, dizendo que, aos "23" anos, Nero tinha posto fogo em Roma e que, com 71 anos, Churchil tinha vencido os nazistas, na Segunda Guerra Mundial.

VEJAMOS ESSE TEXTO

1. Você é mulher?

Não importa a idade, o tamanho, a cor ou a crença, se você é uma garota, então provavelmente também é uma das muitas noivas do capeta. Desde o período medieval, o aspecto feminino tem sido associado à bruxaria. Durante centenas de anos, as pessoas acreditaram que as mulheres fossem mais suscetíveis ao pecado do que os homens e, obviamente, o pecado é uma clara indicação do culto ao demônio. Em Salem, 13 mulheres e cinco homens foram condenados por praticar bruxaria. Todavia, historicamente os números apontam uma taxa muito superior de moças acusadas do que de rapazes.

2. Você é pobre ou não pode se sustentar financeiramente?

Pobres, desabrigados e qualquer pessoa obrigada a confiar na comunidade para se sustentar estavam entre os grupos mais suscetíveis à acusação por bruxaria. Sarah Good, enforcada em 1692, era extremamente destratada e vista com suspeitas por seus vizinhos, pois andava de casa em casa implorando por um pouco de comida.

3. Você é rica ou financeiramente independente?

Pois é, na Idade das Trevas não dava para ser nem tão rico e nem tão pobre quando comparado ao resto da comunidade, caso contrário era forca na certa. Ainda mais se você fosse uma mulher independente, segura e solteira vivendo sua vida sem nenhum suporte, pois isso claramente indica que você também possui uma jarra de olhos de lagartixa na dispensa.

Qualquer indicação de que uma mulher pudesse viver sem a ajuda ou supervisão de um homem era vista com suspeitas. Ela deveria ser isolada da comunidade – até, é claro, ela ser presa e ter um julgamento. Entre os anos de 1620 e 1725, mulheres sem irmãos ou filhos para compartilhar suas heranças corresponderam a 89% das execuções femininas devido à bruxaria na Nova Inglaterra.

4. Você tem uma ou mais amigas?

Uma nota para todas as adolescentes e o elenco de Sex and the City. Um grupo de mulheres reunidas conversando sem um homem presente era visto como “uma irmandade para adoração ao demônio”. Quem assistiu à série American Horror History: Coven sabe muito bem do que isso se trata: um grupo de mulheres comungando com o cosmo e as forças sobrenaturais.

5. Você já brigou com uma ou mais de suas amigas?

Matthew Hopkins e John Stearne foram dois dos maiores perseguidores responsáveis pela caça às bruxas. Todavia, não demorou muito tempo para que as próprias mulheres acusassem umas às outras de feitiçaria, sendo essa uma maneira de retirar suas acusações. Segundo a autora Elizabeth Reis, “as mulheres eram mais suscetíveis às acusações de cumplicidade com o diabo e, devido a tais convicções, elas eram levadas a imaginar que outras mulheres também estivessem condenadas”.

6. Você discutiu ou se desentendeu com alguém?

O importante é lembrar que todo e qualquer um pode acusar outra pessoa. E eles faziam isso mesmo, sem nenhum remorso ou peso na consciência. Se você fosse acusado por praticar bruxaria – independente de ela ser elemental, natural, branca ou

negra –, também poderia ser suspeito por ter sido visto voando pelado sobre a lua em uma vassoura enfeitiçada.

7. Você é muito velha?

Idosas, tanto casadas quanto solteiras, eram extremamente suscetíveis a acusações. Rebecca Nurse foi uma senhora idosa de 70 anos e inválida quando foi acusada de bruxaria por seus próprios vizinhos. Com 71 anos, ela se tornou a mulher mais velha a ser acusada, condenada e morta por ser uma bruxa.

8. Você é muito jovem?

Dorothy Goode tinha apenas quatro anos quando ela confessou inocentemente ser uma bruxa. Consecutivamente, essa declaração atingiu sua mãe, Sarah, que foi enforcada em 1692. A garota ficou presa durante nove meses e a experiência a deixou permanentemente insana para o resto da vida.

9. Você é uma parteira?

Como essas profissionais em geral eram idosas que possuíam status sociais, eram autônomas, possuíam influências pagãs e conheciam diversas ervas medicinais, elas também eram vistas com desconfiança pela comunidade do século XVII. A difamação da profissão servia para demonizar as parteiras. Ou seja, essas mulheres representavam tudo o que a igreja temia. [...]

12. Você apresenta um comportamento "estranho", "teimoso" ou "impulsivo"?

Deu chilique, fez escândalo ou levantou um pouco a voz no meio da rua? Você é uma bruxa, com certeza. No julgamento de Rachel Clinton, alguns de seus perseguidores a acusaram de não apresentar uma postura amargurada, intrometida e mandona, como é esperado de qualquer mulher. Uma moça tão de bem com a vida só podia ser uma bruxa, não é mesmo? [...]

14. Alguma vez o leite ou a manteiga já estragou na sua geladeira?

Em Salem, diversos testemunhos mencionaram encontrar laticínios estragados na casa do acusado. Finalmente chegou a hora de se preocupar com a higiene de sua geladeira e dar fim naquele queijo podre.

15. Você manteve relações sexuais fora do casamento?

Se você respondeu sim para essa pergunta, é melhor se jogar no fogo do inferno. Em 1651, Alice Lake, moradora de Dorchester, foi julgada como bruxa por desempenhar o papel de uma "meretriz e ter ficado grávida". Sua culpa foi tão grande que eventualmente ela confessou estar mancomunada com o capeta "durante a comissão de seus pecados". Ela foi enforcada no mesmo ano.

16. Você tentou adivinhar a identidade de seu futuro marido/esposa?

Não tem um dia em que você não passe sem pensar em encontrar sua alma gêmea? Já brincou de “Com quem será... com quem será que a fulana vai casar?” Fazer mandinga, promessa e acender velas, enfim, tudo isso era prova de bruxaria. Tituba, uma escrava habitante de Salem, incentivava as mulheres mais jovens a predizer a identidade de seus futuros maridos, tornando-se assim a primeira mulher acusada de feitiçaria.

17. Você quebrou qualquer uma das regras da bíblia e resolveu fazer um pacto com o diabo?

Se você chegou até o fim da lista e ainda não se considera uma bruxa, provavelmente deve ser uma santa. Mas não pense que você está a salvo: confira outras leis que os puritanos seguiam – ou pelos menos tentavam. A Igreja afirmava que quebrar qualquer uma delas podia levar a um julgamento por bruxaria:

NÃO Cometer adultério;
NÃO Levar indivíduos a acreditarem em outros deuses, seja por profecia ou sonho;
NÃO Ser estuprada;
NÃO Plantar mais de um tipo de semente no mesmo campo;
NÃO Tocar na carcaça de um porco;
NÃO Vestir roupas feitas de mais de um tecido ou pano;
NÃO Cortar o cabelo em formato circular;
NÃO Trançar o cabelo;

Você fez alguma dessas coisas? Então parabéns, você é culpada por bruxaria. Logo, está fadada ao inferno e provavelmente será enforcada, queimada ou deixada para apodrecer em uma prisão imunda para morrer. Mas calminha... Isso era no século XVII, pois atualmente no máximo você ganha é uma multa por voar muito alto.

http://www.megacurioso.com.br/acontecimentos-historicos/43090-17-sinais-de-que-voce-seria-considerada-uma-bruxa-no-seculo-xvii.htm ACESSADO EM: 03/11/16

ANEXO 07 - TIPOS DE ARGUMENTO – PARTE II

- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**

Texto I

O que é o que é?

1. Qual é o país que tem mais comida no natal?

R.: Peru

2. Qual é o jogador de futebol que adora abrir portas?

R.: Xavi.

3. Qual caneta que tem avós?

R.: A ca-netinha.

4. Qual é o carro que o Wolverine comprou?

R.: Renault Logan.

5. O que o Batman faz quando está com a câmera na mão?

R.: Bat-foto.

6. Onde o doente não pode ficar?

R.: No eleva-dor.

7. Na frase "João foi mal em todas as provas", onde está o sujeito?

R.: Na internet, com certeza.

8. Voa sem ter asas e chora sem ter olhos?

R.: A nuvem.

8. Onde fica o centro da gravidade?

R.: Na letra i.

9. Quando é que um vampiro sobe na vida?

R.: Quando ele morde o pescoço de uma girafa.

10. Qual jogador de futebol que o Batman mais gosta?

R.: O Robben.

11. Qual a cidade que mais tem protesto dos taxistas?

R.: Uberlândia.

Texto II

Somos todos Francisco

O Seu Francisco sempre lutou muito para levar uma vida melhor

A grande chance apareceu quando ele encontrou uma carteira com 10 mil dólares no banheiro do aeroporto de Brasília

O dinheiro poderia mudar para sempre a vida de Seu Francisco

E mudou

Ele decidiu entregar a carteira a Infraero que devolveu o dinheiro para o seu verdadeiro dono

Na hora que eu encontrei a carteira a minha intenção era de devolver pra o dono

Justamente foi isso que eu fiz

E eu entreguei e fiquei tranqüilo

Seu Francisco decidiu continuar contando apenas com o suor do próprio trabalho pra ter uma vida melhor

Por que seu Francisco é brasileiro e não desiste nunca.

Texto III

A história de Maria José

A Maria José sempre quis ser professora

Ela lutou contra o pai violento

Lutou contra a cegueira de um olho

Lutou contra a falta de recursos

Nada disso impediu que ela continuasse sonhando

Quando ela se formou o destino de novo não deu trégua

Ela passou a lutar contra uma doença que não tem cura

Mas a Maria José devolveu na mesma moeda

Disse para si mesma, vou fazer mestrado e fez

Agora ela inventou de fazer doutorado

E o destino?

Bom o destino é que desistiu

Por que a Maria José é brasileira

E não desiste nunca

Texto IV

Eu só bati porque ele me bateu!

Observe o que Daniel falou para sua professora:

- Eu não fiz nada! O Francisco é que me bateu. Agora ele vai dizer que não. Levou mesmo! É pra aprender a não mexer com os outros! Eu não vou ficar apanhando...

A história é sempre a mesma: Daniel bate porque diz que apanha, mas os colegas só vêem Daniel agredir...

Texto V

O código de HAMURÁBI

Por volta de 1900 a.C., os amoritas conseguiram subjugar os acádios e sumérios, dando origem a um novo Estado na região mesopotâmica. A chamada civilização babilônica contou com uma estrutura política centralizada que controlou, durante um longo período, vários dos povos que ocupavam boa parte da Mesopotâmia. Entre os reis que se firmaram em tal época, destacamos as ações de Hamurábi, monarca que reinou durante o século XVIII a.C..

Entre os principais feitos deste imperador, destacamos a criação do chamado Código de Hamurábi, um conjunto de leis escritas composto por cerca de 280 artigos. Cunhado em uma enorme pedra escura e registrada com uso dos caracteres da escrita cuneiforme, essas normas jurídicas tiveram grande importância na organização do Estado babilônico. Para formular esta lei, Hamurábi se baseou no princípio de uma lei mais antiga, conhecida como “Lei Talião”.

Basicamente, essa antiga lei que inspirou a criação do código era orientada pelo seguinte princípio: “olho por olho, e dente por dente”. Em um primeiro momento, podemos chegar à conclusão de que o código escrito por Hamurábi seria caracterizado por um princípio de equidade. No entanto, as punições e direitos criados

por essa lei também levavam em consideração a posição social dos que estavam envolvidos em cada um das situações descritas pelo texto. “Se um construtor levantar uma casa e essa cair, matando um ente querido do morador, deverá ser morto um ente querido do construtor.” Essa era a lei.

Texto VI

SLOGANS

1. Tem 1001 utilidades.
2. Energia que dá gosto.
3. Faz do leite uma alegria.
4. Simples assim.
5. Lugar de gente feliz.
6. Porque você vale muito.
7. Amo muito tudo isso.
8. A verdadeira maionese.
9. A gente se liga em você.
10. A cerveja que desce redondo.
11. Todo mundo usa.
12. Abuse e use.

ANEXO 08 - TIPOS DE ARGUMENTO – PARTE III

Pragmático

O argumento pragmático fundamenta-se na relação de dois acontecimentos sucessivos por meio de um vínculo causal. ***O mais comum, entretanto, é a transferência de valor de uma conseqüência, para a sua causa.***

Exemplo: Uma semana após **a implantação do Novo Código Nacional de Trânsito**, em 1998, os jornais divulgaram **uma estatística que comprovava um decréscimo de acidentes com vítimas da ordem de 56%**. Essa estatística serviu de tese de adesão inicial para a tese principal: a de que o novo Código era uma coisa boa. Para que o argumento pragmático funcione é preciso que o auditório concorde com o valor da conseqüência.

O texto a seguir, de autoria de Paulo Coelho, utiliza o argumento pragmático:

Texto I

Prevenção - Paulo Coelho

O mullah Nasrudin chamou o seu aluno preferido: "Vá pegar água no poço", disse. O menino preparou-se para fazer o que lhe fora pedido. Antes de partir, entretanto, levou um cascudo do sábio. "E não entre em contato com jogadores e pessoas vaidosas, senão terminará perdendo sua alma!", disse o sábio. ***"Ainda nem saí de casa, e já recebi um cascudo! O senhor está me castigando por algo que não fiz!"*** *"Com as coisas importantes na vida, não se pode ser tolerante", disse Nasrudin."* ***De que adiantaria castigá-lo, depois que já tivesse perdido sua alma?***

O valor de manter pura a alma do menino é transferido para a causa: o castigo aparentemente é injusto. A lei do carma para os hindus fundamenta-se no argumento pragmático. Dizem eles que os males que as pessoas sofrem na vida presente, sem razão aparente, são justificados por faltas cometidas em existências anteriores. A causa, que não é visível nesta vida, estaria em uma vida passada. Trata-se do carma dessa pessoa.

É preciso, contudo, bastante cuidado e, sobretudo, muita ética, no uso do argumento pragmático. Caso contrário, **estaremos de acordo com aquela máxima que diz que os fins justificam os meios**. Muitas pessoas acham que, porque tiveram

uma educação rígida, tornaram-se competentes e, por esse motivo, pretendem, quando forem pais, educar seus filhos da mesma maneira.

Supertições

As superstições são também fundamentadas no argumento pragmático. O supersticioso acredita, por exemplo, que, como foi assaltado numa esquina após um gato preto ter passado à sua frente, o motivo foi o gato. Transfere o azar do assalto para a causa supersticiosa do gato preto.

Texto II

Tentativa de sacrificar criança em praça pública

...E refutando que não apenas pessoas "de esquerda" fazem essas coisas...

Em plena luz do dia, uma mulher tentou sacrificar uma criança de aproximadamente 3 anos em frente à igreja Matriz Divino Espírito Santo, no Centro de Mineiros, no início da tarde desta sexta-feira (20/12). ***Segundo ela, a intenção era fazer o sacrifício para "livrar a cidade do mal".***

Uma equipe do Grupo de Patrulhamento Tático (GPT) da Polícia Militar (7ª CIPM) foi acionada e conseguiu evitar a tragédia. O fato aconteceu por volta das 12h, quando a mulher surgiu em frente à igreja, juntamente com a criança e vários itens religiosos. Também estava em posse de álcool e fósforos, com os quais pretendia incendiar o menino aos pés de uma cruz.

Texto III

Efeitos do corte

O Ministério da Educação (MEC) afirmou nesta quinta-feira (31) que ainda avalia cenários de como o corte extra de R$ 4,27 bilhões vai afetar programas e iniciativas da pasta. Entretanto, em nota ao **G1**, o MEC afirmou confiar que o Congreso Nacional "não ficará de costas para a educação", e que defender o financiamento da educação é uma das "mais importantes tarefas dos parlamentares brasileiros" *(veja íntegra da nota abaixo)*.

Neste ano, o MEC ainda não divulgou quais áreas serão afetadas pelos cortes e afirmou que ainda estava "realizando a análise dos cenários". Em 2015 os cortes levaram o MEC, entre outras medidas, a contingenciar em 10% a verba de custeio e em 50% o orçamento dedicado aos investimentos das instituições federais de ensino superior.

Texto IV

Mulher é morta pelo marido e PM acha recado ao lado do corpo: 'Traição'

PM foi acionada e localizou o corpo da vítima dentro de casa em Praia Grande. Homicídio aconteceu por volta das 10h30; suspeito conseguiu fugir do local.

Maria da Conceição foi assassinada pelo marido dentro de sua própria casa . Um homem matou a esposa após desconfiar que estava sendo traído por ela em Praia Grande, no litoral de São Paulo. O crime aconteceu na manhã desta quarta-feira (31). De acordo com testemunhas, após ter matado a esposa com golpes na cabeça, o suspeito escreveu palavras no chão com um objeto pontiagudo afirmando que ele havia sido traído.

Texto V

Por que é que as pessoas usam drogas?

Diferentes pessoas usam diferentes drogas por diferentes razões. Pode experimentar drogas **por curiosidade**, porque os seus amigos também o fazem ou **para fugir ao tédio ou a preocupações.** Pode tomar certas drogas **para alterar o seu estado de espírito**. Pode julgar **ser divertido ou é algo que está na moda.** Pode continuar a usar uma droga porque lhe **dá gozo** ou **porque faz parte da sua vida social ou cultural.** A isto chama-se muitas vezes de uso da droga para efeitos ‘recreativos’.

Texto VI

Mãe de Bruce Jenner confirma mudança de sexo: 'Estou orgulhosa'

Em entrevista à agência AP, Esther Jenner falou como a transição tem sido para a família e para o padrasto de Kim Kardashian.

ANEXO 09 – ACORDO ARGUMENTATIVO

NOME: _____

DATA:_____/_____/_____

TRABALHO DE CARÁTER QUALITATIVO SOBRE ASPECTOS DO ACORDO ARGUMENTATIVO: ORADOR - AUDITÓRIO.

Treinamento de cão-guia pode levar 3 anos e custar R$60 mil no Brasil

A maior parte dos cães-guia e cães de assistência em atuação no país, de acordo com as organizações mais atuantes de pessoas com deficiência, vem de escolas de adestramento dos EUA e da Europa.

Ainda são poucas as iniciativas nacionais.

Para começar a sair nas ruas como ajudante, o cão passa por rigoroso processo de seleção no nascimento. *Depois*, é treinado por até três anos.

Os filhotes selecionados ficam com famílias socializadoras, que são responsáveis por mostrar aos cães a maior diversidade possível de ambientes, situações e pessoas.

Depois, voltam às escolas para receber o adestramento, que envolve capacitações diversas.

Por último, os cães passam pelo processo de aproximação com os futuros donos, que vão aprender a comandá-los.

Apesar de os cachorros, por tradição, serem doados, todo o processo de treinamento pode custar, em média, até R$ 60 mil.

Labradores e goldens são os assistentes mais comuns, mas outras raças também podem ser treinadas.

a) A quem provavelmente se destina esse texto?

_____

b) O texto oferece a presença de algum elemento que possa assegurar sua resposta no item anterior? No caso de SIM, escreva-a:

_____

c) Qual a tese inicial apresentada por o texto?

( ) Labradores e goldens são os assistentes mais comuns, mas outras raças também podem ser treinadas.

( ) Para começar a sair nas ruas como ajudante, o cão passa por um rigoroso processo de seleção no nascimento.

( ) A maior parte dos cães-guia e cães de assistência em atuação no país, de acordo com as organizações mais atuantes de pessoas com deficiência, vem de escolas de adestramento do EUA e da Europa.
( ) Treinamento de cão guia pode levar três anos e custar 60 mil no Brasil.

d) O que assegura você a acreditar que a inicial é a marcada na questão anterior?

_____

_____

OBS.: A tese inicial é chamada de tese de adesão. É a informação que informará ao auditório sobre o que será discutido no texto. A tese inicial já propõe, ao auditório, indícios do ponto de vista do orador sobre o assunto a ser discutido. Já a tese principal, é o ponto de vista defendido pelo orador. Ela representa a informação principal a qual justifica a necessidade de veicula tal informação.

e) E agora, acreditamos que já possa destacar a tese principal do texto acima. Então, destaque-a.

_____

_____

f) A tese principal e a tese inicial são iguais? No caso de NÃO, informe em que se aproximam:

_____

g) No texto é bem recorrente a presença de informação sobre cães guia. Quais prováveis motivações, orador teve para trabalhar sobre esse assunto? Informe pelo menos duas.

_____

_____

h) De acordo com as informações oferecidas por o texto, qual valor aparece mais evidenciado no discurso do autor?
( ) **inacessibilidade**, por questões financeiras
( ) **descaso público** quanto às políticas de inclusão
( ) **cumplicidade**, construída por a relação entre o cão e seu dono.

ANEXO 10 – ACORDO ARGUMENTATIVO – PARTE II

NOME: _____

DATA:_____/_____/_____

TRABALHO DE CARÁTER QUALITATIVO SOBRE ASPECTOS DO ACORDO ARGUMENTATIVO: ORADOR - AUDITÓRIO. Parte II

O que fazer quando o aluno me xinga e me desrespeita?

O problema não está apenas no desrespeito a você, professor, mas a qualquer pessoa. Conversei sobre isso com a doutora Luciene Tognetta, do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Moral da Unicamp. Ela explica que alguns alunos precisam de intervenções para aprender a se expressar com respeito. O ideal é que, em uma conversa privada, você coloque a ele o que sentiu. Ouça-o também e legitime os sentimentos dele. Diga ter entendido que ele esteja bravo, mas que há formas não ofensivas de se manifestar. Peça que o próprio estudante as aponte. Com isso, você mostra como resolver conflitos de maneira assertiva. Punições controlam o problema só por um tempo, pois não promovem a tomada de consciência das reais consequências dos atos. Tirar pontos por comportamento, um atitude comum, é um uso abusivo do nosso poder e desvirtua o processo de avaliação, que deve centrar-se na aprendizagem.

COMENTÁRIO DE UM SEGUIDOR NA PÁGINA DA INTERNET

A indisciplina não está relacionada apenas à idade dos alunos. Ela já se tornou o padrão de comportamento do ensino fundamental ao universitário*. Como crianças e adolescentes são criados e alimentados com este mau comportamento, eles se tornam adultos que agem da mesma maneira. A verdade é que cada professor precisa rezar um Pai Nosso antes de entrar em qualquer sala de aula (conselho que acho mais produtivo do que esse aí dado pela especialista que, sinto dizer, não conhece nada da realidade de uma sala de aula brasileira). Estamos sozinhos. Os pais, ao invés de corrigirem os seus filhos, apoiam e até estimulam o mau comportamento. Os coordenadores tiram o corpo fora, não querem problemas e chegam a expor os professores diante dos alunos. A lei nos massacra e policiais nem querem saber de registrar nada. Ou seja, todo mundo acha isso tudo muito normal porque pimenta nos olhos dos outros é refresco. Mas o que mais me magoa é ver que até* ***os colegas se afastam de nós quando dizemos que estamos tendo problemas de indisciplina com algum aluno.*** *Ninguém nunca me deu um conselho, uma dica. Ninguém nunca me ofereceu sequer um atalho diante de qualquer situação como esta. Falar de indisciplina se tornou tabu. Quem fala é taxado de mau profissional porque as coisas são colocadas como se o professor não conseguisse controlar a sua sala. De minha parte, já sofri várias formas de violência: gritos, palavrões, uma aluna atirando tudo o que estava segurando no chão, outro aluno me enquadrando num corredor vazio. Decidi, sozinho, que se algo passar dos limites que estabeleci, vou acionar os meios judiciais. Dou aula numa universidade e tenho salas com 120 alunos. Isso mesmo, você leu direito: cento e vinte alunos. A maioria não está nem aí com estudar, só quer o diploma mesmo. E vê, nos professores, um obstáculo para conquistarem o que querem....*

Curtir · Responder · 9 · 30 de julho de 2016 06:52
http://acervo.novaescola.org.br/formacao/fazer-quando-aluno-me-xinga-me-desrespeita-647779.shtml Acessado em 28/10/2016 às 18;22

a) A quem provavelmente se destina esse texto?

_____

_____

b) O texto oferece a presença de algum elemento que possa assegurar sua resposta no item anterior? No caso de SIM, escreva-a:

_____

_____

c) A tese inicial já se apresenta grifada no texto ***A indisciplina não está relacionada apenas à idade dos alunos. Ela já se tornou o padrão de comportamento do ensino fundamental ao universitário*** . Esse ponto de vista é mantido pelo orador no decorrer do discurso? Retire um trecho que comprove sua resposta.

_____

_____

d) E agora, após a leitura do texto, do reconhecimento do possível auditório a quem o orador pretende se dirigir. Qual seria a tese principal do texto em análise?

_____

_____

e) A tese principal e a tese inicial são iguais? No caso de NÃO, informe em que se aproximam:

_____

f) No texto é bem recorrente a presença de informação sobre violência e desrespeito. Quais prováveis motivações, orador teve para trabalhar sobre esse assunto? Informe pelo menos duas.

_____

_____

_____

g) De acordo com as informações oferecidas por o texto, qual valor aparece mais evidenciado no discurso do autor?

( ) **violência** ( ) **desrespeito** ( ) **abandono profissional**

( ) **omissão da família** ( ) **medo** ( ) **desgaste emocional**

ANEXO 11 - PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- Argumento pela autoridade
- Argumento pelo exemplo
- Argumento de justiça
- Argumento de identidade
- Argumento de causalidade

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom." *(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez *(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele. *(argumento de justiça)*** Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki**.*(argumento de identidade*) Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

ANEXO 12 – SEGUNDA PRODUÇÃO TEXTUAL

(18)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Aqui no meu Bairro é muito Bom
no jornal FALA aqui é muito
violento mas aqui se mexe com
um mexe com todos por que
se mata um aqui VÃO la e matam
outro por que se FIZER auguma coisa
de errado pagamos na mesma moeda
mas tirando isso é muito Bom
para morar por que aqui tem
muitas coisas legais tem a
praça da juventude, o DO portuguesa
parque é Bom mora na GRANJA.

NOME: ROBERT LUCAS Nº 21

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(57)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu Bairro é Bom pois a Aki
no fica sucedo mais se mecha com nos
nos não fica quieto mais tirando isto
é Bem legal. morador fica na
Rua até tarde sem medo de ser
Roubado pois Aki tem segurança.
mas com todo bairro tem
qui tem aquela pessoa qui não deixo
A Vida do ser quieta fica
falando toda do vida dos outros.
(argumento de exemplo)
[redacted]
Nome: Pedro Pereira

YURI KEVEN

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** .*(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

16

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

- MEU BAIRRO SO É BOM PRA MIM PORQUE EU VIVO DENTRO DE CASA AQUI O POVO É MUITO TROXA SERA QUE É PERIGOSO E VIXE NO MEIO DA RUA ATÉ ALTAS HORAS. AQUI A POLICIA VEM DE VEZ EM QUANDO, AQUI NINGUEM FICA SUSSEGADO NÃO PORQUE OS BANDIDOS VÃO DEMAIS OS POLITICOS PROMETERAM TANTA COISA MAIS NÃO VI NADA DO QUE FALARAM AQUELE BANDO DE PIRU NO CU TENHO RAIVA NÃO VOU MENTI POR MIM QUE MORRESSEM TODO AQUI NO BONSUCESSO TODO JOVEM É CONSIDERADO VAGABUNDO POR ISSO QUE NÃO SAIO MAIS DE CASA

ESSE É MEU BAIRRO
BONSUCESSO
LIKE

(ARGUMENTO PELA JUSTIÇA)

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(15)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

nº Thalia Rayane n26 8ºC T

meu bairro e bom mais tambem
e violento
exemPlo Por Que e bom = e bom Por
Que tem a Praça Que Podemos ir
Para Passia Com os amigos tem
a Padaria da Granja tem uma
igreja maravilhosa tem Varios
restaurantes e varios distraçõis

exemPlo Por Que e violento = todos
os dias Pessoas morrem não rola
vão morte na Granja Portugal mais
a maioria e Pessoas morte Por
causa de droga marido matando
mulher gente Que tem Preconceito
com viado e agridi viados e outras
~~[illegible]~~. a mais.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

14

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

O meu bairro é muito bom mas
as vezes é ruim, mais tem
muita coisa boa como a
praça e lanchonete e [illegible] só
falta segurança, quando nós
vamos brincar de alguma coisa
e muito divertido por que tem
muito espaço para a gente
brincar mais um [illegible] e
muito bom mais mesmo
assim é muito legal.

Nome: Tiago de Souza do Nascimento nº 27

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(13)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Granja Portugual. Meu Bairro é muito Bom mais Só Prenciso de mais segurança Porque quanse toda semana tem Assalto e Morte Por causa de ~~Drogas~~ Droga. Se o Prefeito ~~Colog~~ Colocase mais iluminação e nós Pessoas Parrase de falar da Vida da gente que mora lá no Bairro poderia Se Bem melhor e tanbém poderia tem menos Assalto e talvez podesimos ficar a Vontade na Calsada de Casa.

Erivânia Araújo da Silva Castelo Branco.

Nº 30

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki.***(argumento de identidade*) Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(12)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

"meu bairro é muito bom tem
a Praça pra nuys jogar de
bola com um mano tem
o campo de areia que também
é rochedo lá. tem mercatil
que vende muitas coisas alimento
cordão acessorios eu considero
esse de rocha.

Araiston de moura n: 34

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

11

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

10

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

meu Bairo e bom
So presiso de Segurança e luminação
No meu Bairo tem muito fofoque
se mas da pra vive bem.
No meu bairo so preciso
de arenal e mais lazer.
No meu bairo quase todo
dia tem bala No meu Bairo
tem que ter cuidado. mas
assim da pra vive

nome: Lucas Ferreira

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)*** Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki.** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(9)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

O meu bairro não é bom. Mas,
é o suficienti para que pessoas pelo-
menos ter uma casa para morar.
Aqui as pessoas são assim, bom
na rua onde moro, no bairro as
pessoas de outra área se roubar
por aqui moram;
Mas o povo todo se conhece
e é bom, nós nos ajudamos
x a se protejer dos de fora

Maria Giselle do 9º

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(8) **Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!**

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu bairro é bom, mas claro que não é perfeito! Tem roubo, as vezes acidentes e algumas mortes, mas acho que todo bairro têm seus defeitos. Mas tambem eu não acho tão perigoso, têm algumas partes do bairro a noite que é um pouquinho perigoso sim. Mas tambem têm a praça, colegio que a noite tem atividades para as pessoas fazerem, é bem legal.

Mas cada um tem sua opinião, pessoas tambem proximas acham bom morar aqui. Temos que gostar do que fazemos aqui e tomar cuido sempre tambem. Mas acho bom.

Nom: Taissa Ketley
8ª C
tarde

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(7)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu Bairro é um lugar Bom, mais as vezes é muito violento. tem muitos assidente i roubas, tiros, mortes. mais aqui tem muitas cantas Bonitas Com a Ingreja da pracinha da granja, a Praça da granja Portugal, restaurantes, [illegible] Eu acho meu Bairro Bom, gosto muito de mora aqui no meu Bairro. Esse é meu Bairro.

Maria Sonia de Castro Braga

IVONILDO DE FREITA Nº10

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(6) NOMI: IVONILDO DE FREITAS Nº 10

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

no meu Bairro é Bom as budega tudo Perto na tim uma lhunoaria Perto da minha tim duas Praciinha aqui na Rua é tudo Em Paz mais tambem quando tim assalto é toda Hora.

mora Perto do colegio toda Semana o caminhão de lixo Passa na minha rua e no Bairro é muito Bom.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)*** Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(5)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

O meu bairro é bom, só que tem pessoas que não valorizam. Como [illegible] em local não [illegible] ninguém mexe com ninguém, só mexem com quem tá quieto, tem sim aqueles [illegible] ladrão, como em [illegible] os bairros de [illegible]. Só não tem muitas oportunidade mas tem coisas que [illegible] [illegible] com o [illegible] da praça, tem [illegible] tem só que não mexe com a gente.

nome: Francisca [illegible] Sousa de Carvalho nº 06

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki**.*(argumento de identidade*) Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** .*(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(4)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu bairro pra mim é bom eu não acho muito violento acho bem calmo é mais violento na praça que tem. essas coisas de droga mas eu moro aqui a 12 anos e é muito bom.

Eu não acho meu bairro muito violento acho mais violento os bairros mais proximo tipo Bom Jardim, Conjunto Ceará.

A população aqui desse bairro acho que é boa por boa e dente por dente.

Nome: Yago Gama nº 29

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(3)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu bairro é bom porque tem muitos bairros que não tem lazer e diversão por que deles em quando aparece uns circos e parks aí é legal também porque tem um campinho na minha rua aqua nois se diverte joga bola e tal é um pouco ruim por causa dos roubos e assinatos que acontecem de vez em quando mas é muito legal.

nome: Hudson Nascimento de Sousa nº 09 8º C Tarde

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki**.*(argumento de identidade*) Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** .*(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

(2)

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

Meu bairro é perigoso, mais nem sempre é perigo-
so, acontece muitos acidente e mortes.
Eu acho que não existe bairro que não seje perigo-
so.
Os acidentes estão muitos raros e mortes também.
Mais tem algumas vantagens, tem uma praça onde
nós se diverte, tem pizzaria e outras coisas.
A culpa não é nossa e sim desses bandi-
dos que invés de ir arruma emprego fica
roubando e matando.

Nome = Larissa Ketelyn nº 13

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)***Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

1

Agora, é com você! Você mais uma vez apresentará seu bairro e usará uma ou mais técnicas anteriormente apresentadas para justificar sua apresentação. Vamos lá?!

O retrato do meu bairro pelas palavras

MEU BAIRRO É TÃO BOM QUE TEM GENTE QUE ROUBA MATA. TRAFICA. MAIS É BOM PORQUE MINHA MAE JA MOROU EM LUGA MAIS VIOLENTO QUE ISSO. MINHA MÃE FALA QUE JA MOURO EM LUGA QUE NÃO PODIA FICA em FRENTE DE CASA POR QUE ERA ROUBADO. MAIS AQUI ONDE EU MORO MINHA MAE FALA QUE. ESSE É O MELHOR LUGA DE SE MORA. ESSE É MEU BAIRRO

NOME: GLEBSON PEREIRA.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Bom, chegamos à versão final de nossa produção textual. Você deve se lembrar de que um texto deve apresentar uma tese inicial e uma tese principal (que podem ser iguais ou apresentarem diferenças) e de que vimos cinco tipos de argumentos. Vamos relembrá-los?

- **Argumento pela autoridade**
- **Argumento pelo exemplo**
- **Argumento de justiça**
- **Argumento de identidade**
- **Argumento de causalidade**

EXEMPLO 01:

"Meu bairro é um lugar muito bom de se morar. sei que ele é violento. O jornal sempre mostra crime mais **minha vó que já é velha e não mente e que já morou em muitos cantos diz que aqui é é bom."** ***(argumento de autoridade)***

EXEMPLO 02:

"Não sei muita coiza daqui naum, mais sei que meu bairro é violente porcausa dos assalto Mesmo assim é bom morar aqui, pois tem bairro pior quem neim **o Bom Jardim e um canto lá onde matarão foi gente de uma só vez** ***(argumento pelo exemplo)*** aqui tem posto, iscola e mercantiu pertin de casa.

EXEMPLO 03:

"Meu bairro é grande e antigo e vei dos **português aqui num tem essa onda de crime não. Nois aige pela justisa se um mexe com nos nois mexe com ele.** ***(argumento pelo exemplo)*** Maio onda esse negoço de crime agente trabalha e corri rissco. Ae sai **as notiça dizeno que o nego é bandido a gente so se protege** mais aki é bom dmais **e todo mundo se conhece e naum mexe mecheu já sabe.**

EXEMPLO 04:

"Meu bairro é bom e grande e misturado. **Todo mundo sabe que so aki teim a padaria que abre direto não feicha é padaria do do portugueis qual a padaria que não dorme e não feicha so tem aki.** *(argumento de identidade)* Tem uma praça enorme com dogas com uma ingreja ela é bonita e **uma plantacau de orta bem grande ali no Creusa qui sei que so tem aki. E tem aisvez muto roubo, tiro e morte.** Ai eu fico com raiva purque no jornal sai que a gente é perigoso. Esse é meu bairro.

EXEMPLO 05:

"Meu bairro é bom mas é vionleto. Teim uito mato e rua assim de beco e vila aí os pesa se esconde o canal é sujo o rio asvezes não tem lixo o caminhão e agente se aruma do jeito vaidano. **Nas eleição os homi vivia aqui e depois some e não faz nada e as pessoa sem imprego e laser faiz as coisas errada** *.(argumento de causalidade)* e é ruim por isso e é bom por que conheço tudim daqui.

ANEXO 13 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos em argumentação, retórica e discurso"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está autorizando a participação dos alunos do 9º B/MANHÃ no desenvolvimento da seguinte pesquisa:

ARGUMENTAÇÃO EM DISSERTAÇÃO ESCOLAR SOBRE O BAIRRO GRANJA PORTUGAL, EM FORTALEZA – CE: ANÁLISE DAS CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS E IDENTITÁRIOS, autoria de Sarah Maria Lacerda.

Esta pesquisa tem o objetivo de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação, hierarquia de valores e recursos de presença presentes nos textos produzidos pelos alunos, com base na impressão que os alunos têm sobre o bairro Granja Portugal – CE.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua autorização será para produção de textos. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.
Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE :

Eu _____ na condição de gestora escolar, fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejar. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.
Declaramos que CONCORDAMOS em autorizar esse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

Elizete Marques Portela Nome do declarante (Gestora escolar)	Maria Elizete Marques Portela Assinatura
Sarah Maria Lacerda Nome da pesquisadora (Professora Regente)	Sarah Maria Lacerda Assinatura
Renata Tavares Lima Nome da professora substituta	Renata Tavares Lima Assinatura
Gilton Sampaio de Souza Nome do professor orientador	_____ Assinatura